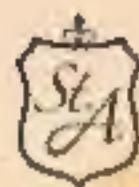
Editora ABRIL
edição 2827 - ano 56 - nº 5
8 de fevereiro de 2023

veja

www.veja.com

PROPOSTA INDECENTE

Dias antes de deixar o governo, Jair Bolsonaro arquitetou uma operação clandestina com um pedido ao senador Marcos Do Val: gravar o ministro Alexandre de Moraes, do STF. O objetivo era anular as eleições, impedir a posse de Lula e se manter na Presidência

O Carnaval de Veneza é um dos mais antigos do mundo (1904). Inspirado nesta festa encantadora, o Saint Andrews, junto com um grupo de artistas, elaborou uma festa nos jardins do Castelo, com máscaras, músicas e fantasias que deixam todos encantados.

CASTELO
SAINT ANDREWS
GRAMADO-RS

Carnaval Veneziano

O Castelo Saint Andrews preparou uma programação muito especial para você vivenciar experiências em meio às montanhas da Serra Gaúcha.

PROGRAMAÇÕES
8 dias / 7 noites - 16 a 23 ou 19 a 26/fev
6 dias / 5 noites - 17 a 22/fev - **5 dias / 4 noites** - 17 a 21/fev

INCLUSO

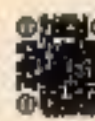
Passagens aéreas (voos regulares Gol ou Azul), traslado privativo (aeroporto/hotel/aeroporto - Porto Alegre ou Caxias do Sul), welcome drink, serviços de mordomos e concierges, café da manhã menu degustação, tradicional feijoada no almoço de sábado com ilha de bebidas, Royal Afternoon Tea* servido pontualmente às 17h, jantar menu Surprise do Chef em 4 tempos, noite de pizzas gourmet*, terapia relaxante* para o casal, degustação de vinhos no Wine O'Clock, piquenique nos jardins e cigar lounge para um bom charuto e whisky. Visitas: Vinícola Jolimont com degustação*, Cristais de Gramado, Geo Museu e Vale dos Vinhedos (passeio opcional).
(* para 7 noites)

Mountain House

Casa exclusiva para o Carnaval, localizada dentro do complexo Saint Andrews e com serviços de hotelaria do Castelo.

Possui 3 suítes que acomodam até 7 pessoas, vista para o Vale do Quilombo, garagem privativa, sala de jantar e de estar, lavabo, cozinha completa, varanda gourmet, bar, adega climatizada, smart tv, elevador, som wireless, internet, serviços exclusivos de Mordomos, Camareiras, Concierges e Chef que irá preparar refeições a seu gosto. Vide site!

Vide site e confira nossa programação completa até julho/23.

Informações e reservas:
(54) 3295-7700 / 99957-4220 (ou seu agente de viagens) | castelosaintandrews | saintandrews.com.br

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz

Editores Executivos: Daniel Hessel Teich, Monica Weinberg **Editor Sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Amauri Barnabe Segalla, André Afetian Sollitto, Carlos Eduardo Valim Banhos Henrique, Cilene Gomes Pereira, Clarissa Ferreira de Souza e Oliveira, José Benedito da Silva, Raquel Angelo Carneiro, Sergio Roberto Vieira Almeida, Tiago Bruno de Faria **Editores Assistentes:** Larissa Vicente Quintino, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Ricardo Vasques Helcias, Thomaz de Molina **Repórteres:** Alessandro Giannini, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Diogo Vassao Magri, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe da Cruz Mendes, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Gustavo Magalhães da Silva Junior, João Pedroso de Campos, Kelly Ayumi Miyashiro, Laisa de Mattos Dall'Agnol, Leandro Bustamante de Miranda, Leonardo Caldas Vargas, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Vettorazzo Rodrigues Barros, Luisa Purchio Haddad, Marcela Moura Mattos, Maria Aguida Menezes Aguiar, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Paula Vieira Felix Rodrigues, Ramiro Brites Pereira da Silva, Reynaldo Turollo Jr., Sérgio Quintella da Rocha, Simone Sabino Blanes, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara, Victor Irajá **Sucursais:** ***Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Daniel Pereira **Editor Sênior:** Robson Bonin da Silva **Editora Assistente:** Laryssa Borges **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórter:** Caio Franco Merhige Saad **Estagiários:** Camille da Costa Mello, Diego Alejandro Meira Valencia, Eric Cavasani Vechi, Felipe Soderini Erlich, Gabriela Caputo da Fonseca, Giovanna Bastos Fraguito, Marcelo Augusto de Freitas Canquerino, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Maria Fernanda Sousa Lemos, Marilia Monitchele Macedo Fernandes, Matheus Deccache de Abreu, Pedro Henrique Braga Cardoni **Checadora:** Andressa Tobita **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus e Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Colaboradores:** Alon Feuerwerker, Fernando Schüler, José Casado, Lucília Diniz, Mailson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços Internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA Andrea Abelleira
DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES Guilherme Valente
DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES Erik Carvalho

---

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 827 (ISSN 0100-7122), ano 56/nº 5. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC

www.grupoabril.com.br

ANTONIO MOURA/AG. O GLOBO

AMEAÇA RECORRENTE Remarcação de preços nos anos 1980 e as capas de VEJA: o dragão precisa ser enfrentado

UM DESAFIO GLOBAL

SE EXISTE um trauma — e dos grandes — na história econômica brasileira é a inflação. Por quase duas décadas, entre o fim dos anos 1970 e o início dos anos 1990, o país viveu intensamente o flagelo, um descontrole absoluto que minava o crescimento e destroçava as economias da população. Em meio a sucessivos planos de combate, o

incontrolável aumento nos preços de bens, produtos e serviços cedia temporariamente para voltar cada vez mais avassalador. Em 1993, a hiperinflação superou todos os recordes e cravou o índice de 2 477% acumulado em doze meses, um absurdo sob qualquer aspecto. No ano seguinte, o Plano Real acabou por debelar o problema, com um potente conjunto de medidas ancoradas em uma nova moeda pareada com o dólar. O monstro da inflação passou a ser uma memória distante, isso até o ano retrasado, quando o velho dragão, longe de estar morto, voltou a dar sinais de fumaça. Os anos de 2021 e 2022 registraram inflação de 10,06% e 5,79%, respectivamente. Para 2023, a estimativa é que se repita o índice do ano passado, número bem acima da meta de 3,75%, e uma demonstração de que o monstro ainda não foi dizimado.

Em uma análise simples, a inflação surge como consequência de dois fenômenos. O primeiro deles é quando um governo passa a emitir mais moeda como forma de financiar seus débitos e com isso provoca um aumento geral nos preços. O segundo é o chamado choque de oferta, em que a demanda por produtos, bens e serviços cresce e leva a uma abrupta elevação nos preços. É isso que tem ocorrido atualmente, em todo o planeta, como desdobramento de dois acontecimentos sobrepostos: a retomada pós-pandemia e a guerra da Ucrânia. Em escala global, a inflação tornou-se fonte de preocupações. Há décadas estacionada na faixa entre 1% e 2% ao ano, irrompeu de forma genera-

lizada, chegando perto dos dois dígitos na Europa. A expectativa é que o índice global fique na casa dos 5% nos próximos anos, uma realidade desafiadora mesmo para economias estáveis e pujantes.

No caso brasileiro, a situação é mais preocupante, como mostra a reportagem que começa na página 46. Ao contrário do que ocorre em nações ricas, o desemprego ainda está elevado e as oscilações do câmbio e dos preços das commodities costumam lançar ondas de choques por toda a economia. Pouco ajuda o discurso recalcitrante do presidente Luiz Inácio Lula da Silva com críticas às taxas de juros e ataques à autonomia do Banco Central. Nessa linha de raciocínio, a perspectiva de um risco fiscal e gastos excessivos do governo só trazem mais incerteza, afastando investimentos. Para completar o cenário de atenção absoluta, alguns economistas ligados à esquerda defendem a ideia de que a inflação não é tão nociva se vier acompanhada de crescimento econômico. Em um país como o Brasil, que já viveu o pesadelo do descontrole, esse pensamento pode ser extremamente perigoso. Não há fórmulas mágicas nem reinvenção da roda nesse combate. A receita é enfrentar a fera quanto antes, enquanto ela não solta potentes labaredas pelas ventas. ■

Ciência para todos

Museu interativo voltado para a divulgação e o despertar do interesse em tecnologia, física, química e biologia é inaugurado em Brasília

MICHELLE FIORAVANTI/CNI

VISITANTE NO NOVO SESI LAB EM BRASÍLIA: CONHECIMENTO E INTERATIVIDADE

Faz mais de trinta anos que o economista Michael Porter, professor e pesquisador da Universidade Harvard, desafiou o entendimento convencional de que os principais fatores que fazem um país rico seriam a abundância de terras, recursos naturais, mão de obra e tamanho da população. Em seu livro *A Vantagem Competitiva das Nações,* de 1990, Porter demonstrou que o conhecimento de ciências e tecnologia (além do acesso a capital) são tão ou mais importantes do que aqueles elementos apontados pela teoria tradicional. O vultoso desenvolvimento econômico observado em Israel, Alemanha e Coreia do Sul no fim do século passado confirmou a tese de Porter, mas o Brasil parece não ter assistido a essa aula.

Prova disso é que, enquanto o Brasil forma em torno de 47 000 engenheiros a cada ano, a Rússia forma 190 000, a Índia, 220 000 e a China, 650 000. Nas chamadas ciências duras, como matemática e física, os números são ainda mais esquálidos. Em um esforço para mudar a maneira como a ciência e a divulgação científica são percebidas pela população, um importante passo foi dado no último dia 30 de novembro, com a inauguração do SESI Lab, um museu interativo sediado em Brasília.

A atração possui 8 000 metros quadrados de área construída dedicados a compartilhar conhecimento sobre a ciência no ponto central da capital do país, no antigo Edifício Touring Club, icônico prédio projetado por Oscar Niemeyer. "O maior objetivo do SESI Lab é despertar o interesse das pessoas por ciência e tecnologia a partir de experiências e vivências", explica Robson Braga de Andrade, presidente da Confederação Nacional da

EXPLORATORIUM/DIVULGAÇÃO

EXPLORATORIUM EM SÃO FRANCISCO, ESTADOS UNIDOS: PARCERIA E INSPIRAÇÃO

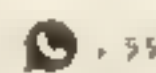
Indústria (CNI), que viabilizou o projeto em parceria com o Serviço Social da Indústria (SESI) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). "É um lugar para estimular a autonomia do pensamento a partir do protagonismo de cada visitante em seu processo de percepção e construção de sentidos."

No espaço, é possível interagir com máquinas que simulam fenômenos meteorológicos como tornados e brinquedos que exploram as leis da física, química e biologia. O museu tem, ainda, um laboratório equipado para atividades maker e biomaker, o primeiro instalado em um museu no Brasil. O programa oferecerá visitas, cursos e oficinas especializadas, e o espaço será aberto à comunidade para a prototipagem, mediante agendamento. De kombucha a impressões 3D, um pouco de tudo poderá ser feito ali.

No entorno do prédio, foi revitalizada em parceria com o governo do Distrito Federal uma área de 3 000 metros quadrados, com espécies nativas do cerrado, instalações interativas e anfiteatro externo para shows, eventos e outras atividades culturais. Tudo isso emoldurado com um inédito painel de azulejos, de 135 metros quadrados, projetado especialmente para o Touring pelo icônico artista plástico Athos Bulcão nos anos 1960 e guardado em um depósito desde então.

O resultado é um complexo multiúso com experiências sensoriais a partir de um processo lúdico, divertido, estimulante, participativo, coletivo e democrático. "Não haverá nenhum aparato no SESI Lab que não seja interativo.
Não é um espaço para simplesmente admirar o que está exposto. Você interage com tudo", afirma Paulo Mól, diretor de Operações do SESI.

Em sua 23ª edição, VEJA Insights detalhou o projeto do museu, erguido em parceria com uma instituição americana referência mundial no gênero, o Exploratorium, localizado na cidade de São Francisco, na Califórnia. Em meio a um contexto de dificuldades e escasso apoio oficial, é uma iniciativa alentadora que merece ser conhecida mais de perto. Confira o Veja Insights na íntegra em veja.com.br ou pelo QRcode. ■

SERGIO DUTTI

UM LONGO CAMINHO

O ministro dos Direitos Humanos defende a revisão da Lei da Anistia, a punição dos torturadores, a descriminalização de certas drogas e diz que o racismo está arraigado na sociedade brasileira

LEONARDO CALDAS

O ADVOGADO Silvio Almeida usa a arte e a música como inspiração para sua atuação profissional. Fã de Racionais MC's, ele lembra que o grupo, referência do rap nacional, já alertava em 1988, ano da promulgação da Constituição, sobre o fato de que os jovens de periferia que eram mortos na ditadura militar continuavam a ser executados no período democrático. O problema continua até hoje e, por isso, combater a violência estatal em suas diferentes formas é uma de suas prioridades à frente do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Outra, de curto prazo, é responder à crise humanitária enfrentada pelos ianomâmis, que, segundo ele, tem as digitais do governo Bolsonaro e elementos que apontam para o crime de genocídio. De fala pausada e reconhecido pelo entusiasmo com o debate teórico, Almeida também demonstra disposição de sobra para "apertar os botões" que promovam mudanças estruturais. Ele defende, por exemplo, a revisão da Lei da Anistia, a punição a torturadores e a descriminalização de algumas drogas, como a maconha, temas que integrantes do governo e do PT evitam abordar por medo das consequências políticas. A seguir, os principais trechos da entrevista.

O governo Bolsonaro cometeu genocídio contra os ianomâmis? Estamos diante de fatos que apontam para a possibilidade de um genocídio. Em tese, ocorreram ações deliberadas para destruir uma comunidade, como

deixar crianças morrerem, permitir o avanço de doenças contagiosas e incentivar atividades ilegais que comprometam a existência de um povo. Vários elementos apontam para isso e precisam ser avaliados com cuidado dentro daquilo que determina a Constituição e as leis. Não pode haver erros em uma acusação como essa. Agora, temos uma série de documentos que apontam para uma omissão dolosa, proposital, criminosa, que precisa ser investigada. Não existe genocídio que não seja antecedido por um discurso de ódio.

O senhor pode citar exemplos desses elementos? Indicação para que houvesse a rejeição de um projeto de lei que determinava ajuda emergencial aos indígenas,

"O bolsonarismo é um sintoma de uma sociedade que foi paulatinamente construindo uma cultura de normalização da morte, da degradação humana, da cultura do racismo"

ignorar denúncias de morte de indígenas, negar proteção aos defensores dos direitos humanos na região, negar-se a responder às cortes internacionais e à Comissão Interamericana de Direitos Humanos. São elementos que apontam para o genocídio.

A presença do garimpo ilegal em terras indígenas é um problema antigo. Os governos de uma forma geral falharam ao tratar da questão? Esse problema é resultado de uma série de fatores que estão além de um governo, ainda que não possamos esquecer que alguns governos, especialmente o de Jair Bolsonaro, potencializaram fatores que tornam possível o garimpo ilegal. Temos uma trajetória histórica de descaso com os povos indígenas. Há documentos e publicações que demonstram que os indígenas foram vistos pela ditadura como se fossem parte de um problema para a integração do povo brasileiro dentro do nosso território. A tragédia ianomâmi é o resultado desse processo histórico, mas tem, fundamentalmente, as digitais do governo de Bolsonaro.

Como solucionar o problema? O Estado precisa ocupar aquele território com educação, saúde, assistência social e políticas de emprego e renda. A ausência do Estado é uma ação que leva à morte. É preciso levar o Estado provedor, que consiga cuidar das pessoas e dar as condições para que os povos indígenas continuem a sobreviver.

Também é preciso existir uma responsabilidade, tanto no plano nacional como internacional, para interromper os fluxos econômicos que fazem com que certas empresas se sirvam das atividades do garimpo ilegal.

Em seu discurso de posse, o senhor disse que encontrou um ministério arrasado. Em razão disso, não seria de esperar que sua antecessora no cargo, Damares Alves, perdesse a eleição para o Senado? O bolsonarismo é um sintoma de uma sociedade que foi paulatinamente construindo uma cultura de normalização da morte, de normalização da degradação humana, de construção de uma cultura que de alguma forma normaliza a desigualdade, a pobreza e o racismo. Quando você compromete os limites institucionais, você abre espaço para isso. É como romper a tampa de um bueiro. A tampa do bueiro é a institucionalidade brasileira que de alguma maneira foi destruída nos últimos anos, fazendo com que aquilo que corria por baixo viesse à tona. Estamos em um país em que morrem assassinadas cerca de 50 000 pessoas por ano. Isso não é normal. E não é de estranhar a eleição de pessoas que endossam soluções consideradas violentas e que produzem ainda mais violência.

O governo está retomando o modelo original da Comissão de Mortos e Desaparecidos e da Comissão de

Anistia. O senhor teme que isso cause desgaste com os militares? Não, porque os militares participavam dessas comissões e isso estava absolutamente contabilizado na lógica militar. O que acontece é que o governo Bolsonaro resolveu apostar na tensão e praticar atos que retirassem a pactuação feita em torno desses temas. Ele queria fustigar uma camada do Exército que ainda vibra com os parâmetros de 1964. Ele é um produto direto disso. Quando Bolsonaro acaba com a Comissão de Mortos e Desaparecidos, confronta parte da sociedade brasileira que pactuou ser necessário que as pessoas mortas e desaparecidas tivessem direito à memória e à verdade. Vamos realinhar os pactos que já tinham sido feitos. Não tem afronta, não tem conflito. Estamos em um processo democrático e não se constrói uma democracia sem memória, verdade e justiça.

O senhor defende a revisão da Lei da Anistia? Acho que todas as pessoas envolvidas em atos que lesaram o Estado brasileiro e o estado democrático de direito têm de ser julgadas. As circunstâncias políticas vão ditar como faremos isso. As reformas institucionais devem ser feitas para que fique muito evidente que o respeito à democracia deve governar a lógica do Estado brasileiro e as relações das Forças Armadas com a sociedade brasileira. Discursos de ódio não podem ser tolerados. Temos de pensar em justiça como reparação.

Isso, portanto, envolve punição real para quem torturou na ditadura militar? Eu acho que sim. Tortura é inadmissível. Se a gente não for capaz de dar uma resposta efetiva para isso, as torturas que são realizadas pelo Estado brasileiro se tornam modelo de ação para todas as autoridades brasileiras. Inclusive, as torturas da ditadura militar estão diretamente ligadas às torturas que ainda acontecem nas delegacias de polícia e à violência estatal de uma maneira geral. Precisamos desmontar esse tipo de coisa.

O que pode ser feito para reduzir a violência policial contra jovens da periferia? Não adianta chegar nas periferias e nas favelas dando tiro. Temos de dar um novo

"Acho que todas as pessoas envolvidas em atos que lesaram o Estado brasileiro e o estado democrático de direito, incluindo os torturadores da ditadura, têm de ser julgadas"

tratamento para a política de drogas. A gente precisa caminhar para uma discussão séria — e não sou eu que vou fazer sozinho essa discussão, quero deixar isso bem claro — sobre se é proveitoso que nós criminalizemos o uso de drogas como a maconha. É necessária uma discussão profunda para ver se isso não está servindo para prender jovem negro, colocar na cadeia pessoas que vão sair dali muito piores do que entraram. Para ver se a gente não está alimentando e financiando ainda mais uma indústria do armamento e da morte. A minha pergunta é utilitarista. Para que está servindo esse tipo de coisa?

Por que o senhor pontuou que não quer fazer esse debate sozinho? Vamos debater com o povo brasileiro. É um debate sobre segurança pública, sobre violência, sobre juventude. É um debate muito difícil de fazer quando você vai conversar com uma mãe na periferia que sabe das consequências disso. Não pode ser um debate só de classe média. Tem de entender o que é a vida das pessoas que moram na periferia, das pessoas pobres, da mãe que cria o seu filho sozinha e morre de medo de que o filho se envolva porque sabe que ele corre o risco de ser morto pela polícia ou nos conflitos da própria periferia. A polícia mata, o Estado mata, e as pessoas estão se matando entre si também. É uma violência generalizada. Então, é um debate que tem de ser feito de maneira muito responsável.

O senhor vai propor esse debate ao presidente Lula? Veja, temos de ter essa conversa, mas precisamos saber o momento certo para fazer o debate dentro das circunstâncias políticas que se apresentarem. A gente não pode ser ingênuo. Estamos vivendo um momento delicado no país. Fazer política é também olhar para aquilo que o Maquiavel chamava de *virtù* — ou seja, ver a circunstância e o momento contingente para fazer esse debate, mas tendo no horizonte que ele precisa ser feito.

O senhor se incomoda quando negros dizem nunca ter enfrentado racismo no Brasil? O racismo é algo tão enraizado na sociedade brasileira que certas pessoas consideram normais até mesmo certos tratamentos. Eu tenho amigos africanos que disseram que não sabiam o que era racismo até virem para o Brasil. Você não mede o racismo pela experiência dos indivíduos. Muitas vezes, algumas pessoas não passam por essa experiência, mas não quer dizer que outros não passaram por isso. E não quer dizer que o racismo não esteja de certa maneira organizando esse ambiente de normalidade que nós vivemos. Dá para perceber da seguinte forma: quantos negros, por exemplo, já foram entrevistados nas Páginas Amarelas? A experiência individual impede que vejamos o fenômeno em sua totalidade e assim deixamos passar as consequências bru-

tais do racismo, como jovens negros sendo assassinados, o caso dos ianomâmis. É o que chamo de desvalorização da vida.

No governo Lula, houve um aumento considerável da presença de negros e mulheres no ministério, mas não nas pastas mais estratégicas, como Fazenda, Casa Civil, Planejamento, Defesa e tantas outras. Por quê? A luta contra o racismo não se faz em uma, duas, três gerações. Eu fico pensando na minha condição. Se pegarmos meus avós e bisavós, tudo que eles fizeram resultou no fato de eu estar aqui como ministro. Se pegarmos os antecedentes, os meus ancestrais vieram acorrentados no porão de um navio e eu sou ministro de Estado. É um caminho, e eu não sei dizer se ele é longo ou não, mas é um caminho que está sendo trilhado e vamos percorrer. ■

QUE A JUSTIÇA SEJA FEITA

ERA PARA SER só mais uma madrugada de diversão para jovens universitários em uma casa de shows, mas o dia 27 de janeiro de 2013 ficou marcado como uma das tragédias mais terríveis da história do Brasil. Por causa de uma sucessão de erros, negligência e irresponsabilidade, 242 pessoas morreram e 636 ficaram feridas no incêndio que destruiu a **boate Kiss,** em Santa Maria, no Rio Grande

TOMAZ SILVA/AGÊNCIA BRASIL

do Sul. O uso de um sinalizador pela banda Gurizada Fandangueira em um ambiente isolado por espuma, inflamável, deu início ao fogo. Os minutos seguintes foram de horror. Não havia saídas acessíveis em número suficiente e uma multidão no auge da vida foi pisoteada, intoxicada e queimada enquanto tentava escapar do inferno. Quem conseguiu sair vive com sequelas físicas e emocionais. **Na sexta-feira 27, familiares e amigos dos que morreram realizaram uma vigília** para lembrar os dez anos do crime. O mote era despertar nas pessoas a lembrança daquele dia, a dor que todos sentiram, e lembrar que, apesar da magnitude da tragédia, a impunidade impera. Os donos da casa de shows, os integrantes da banda e servidores da prefeitura estão entre os 28 indiciados, mas só quatro foram levados a julgamento. As condenações até saíram, mas todos estão soltos. No ato da sexta-feira, faixas questionavam: onde você estava no dia 27 de janeiro de 2013? Todos sabemos onde estávamos. O que se quer, agora, é que todos consigam se lembrar de onde estaremos quando a justiça for finalmente feita. ■

Paula Felix

VICTOR POLLAK/TV GLOBO

REINVENÇÃO Fernanda Torres: "Deus me livre de ter milhões de seguidores"

"VIVEMOS UM SURTO COLETIVO"

Aos 57 anos, a atriz fala de seu novo podcast, em que famosos revelam suas músicas favoritas, sugere uma canção-tema para o país – e ironiza a obsessão pela intimidade na TV e nas redes

Após ser atriz, roteirista e escritora, o que a atraiu no convite para apresentar o podcast *A Playlist da Minha Vida,* da Deezer, em que músicos escolhem as canções que marcaram suas vidas? Ou você amplia seu horizonte ou é impossível existir no mundo hoje. Meu podcast é baseado em um formato criado pela BBC e convida as pessoas a falar de seus sentimentos e do que elas são profundamente por meio da música. Na última temporada da série *The Crown,* há uma cena da princesa Margaret participando do programa. Achei o máximo.

Se pudesse escolher uma música para retratar o Brasil atual, qual seria? *Vingança,* do Lupicínio Rodrigues, com o Roberto Jefferson cantando. Quando teve o mensalão, os repórteres foram para o prédio dele e, pela janela, o viram fazendo aulas de ópera e ouvindo *Vingança* sem parar.

Em diversas ocasiões a senhora se manifestou politicamente. Com a polarização atual do Brasil, não tem receio de ser hostilizada? Eu me posiciono politicamente apenas nas minhas colunas na imprensa. No começo, não tinha medo de escrever. A partir do momento em que comecei a ter medo, decidi não divulgar meus textos nas redes sociais. Não faço publicidade deles. Me pergunto: o que aconteceu com as pessoas? Estamos vivendo um surto coletivo. Não sei se vamos dar uma acalmadinha ou se vai piorar muito.

A senhora já disse que um ator dificilmente aceitaria participar de um programa como o *BBB* porque nas provas os participantes se agarram a postes com nomes dos patrocinadores. No entanto, temos visto cada vez mais artistas em programas assim. O que mudou? A maior commodity do mundo virtual é a vida íntima. Não só de atores, mas até de profissionais como médicos. O mundo vive essa transformação, e o reality show é a versão disso na TV aberta. A moeda de troca das pessoas é sua intimidade.

Nunca quis ser uma *influencer?* Deus me livre de ter milhões de seguidores. Não dormiria bem. Eu teria medo à noite. Não deve ser uma boa vida. Imagine ir para a cama com 30 milhões de pessoas seguindo você?

Apesar disso, seus trabalhos antigos na TV viralizaram e inspiraram memes. O que pensa disso? Dou graças a Deus cada vez que eu viro meme. Tenho a impressão de que terei uma sobrevida nesse mundo. Acho meme uma grande manifestação cultural. ■

Felipe Branco Cruz

A CORAGEM DA PRIMEIRA VÍTIMA

LUIZ MAXIMIANO

DENÚNCIA Vana Lopes: a estilista ajudou a pôr Abdelmassih na cadeia

A estilista **Vana Lopes** tem lugar assegurado na luta das mulheres brasileiras contra a violência. Ela foi a primeira vítima a denunciar os crimes cometidos pelo médico especialista em reprodução assistida Roger Abdelmassih. Ela e o ex-marido o procuraram, em 1993, porque não conseguiam ter filhos. Vana foi violentada por ele dentro do consultório. Na terceira tentativa de inseminação artificial (o sêmen é injetado na cavidade uterina no período fértil da mulher), acordou do procedimento com Abdelmassih ejaculando sobre seu corpo. As acusações foram depois corroboradas por informações muito parecidas reveladas por dezenas de outras mulheres. O agora ex-médico foi inicialmente condenado a 278 anos de prisão pelos crimes de estupro e atentado violento ao pudor de pacientes — pena depois reduzida para 173 anos. Abdelmassih está preso na Penitenciária 2 de Tremembé, em São Paulo.

Em recente depoimento dado a VEJA, já em fase terminal de metástase de um câncer de mama, ela contou um pouco do que sentia, depois da denúncia e de criar o grupo Vítimas Unidas: “Minha intenção era e ainda é encorajar outras vítimas a não se calarem e lutar para que as leis sejam aplicadas aos criminosos. A minha ideia é fazer do estupro um crime contra a humanidade, porque o nosso primeiro território é o nosso corpo”. Vana morreu em 28 de janeiro, aos 62 anos, em São Paulo.

O COMEÇO DA FAMÍLIA

Aos 4 anos de idade, **Lisa Loring** começou a participar de desfiles de moda infantis. Não demorou a chamar a atenção de produtores de televisão nos Estados Unidos. Mal tinha completado 6 anos quando foi escalada para o papel de Wandinha, personagem da série *A Família Addams*, evidente inspiração para a atual série da Netflix dirigida por Tim Burton. Na sua interpretação, a garota era doce, mas sombria, e colecionava animais de estimação assustadores, como uma aranha viúva-negra chamada Homer e um lagarto chamado Lúcifer. Dançava gostosa e animadamente — tal qual a Wandinha de agora, criada por Jenna Ortega. Lisa morreu em 30 de janeiro, aos 64 anos, em decorrência de um derrame cerebral.

PIONEIRA Lisa Loring: a Wandinha inaugural da televisão, aos 6 anos

ABC PHOTO ARCHIVES/GETTY IMAGES

O FAZEDOR DE HITS

Quem, já jovem adulto nos anos 1960, não estalou os dedos ao som de *Money (That's What I Want)*, o primeiro grande sucesso da gravadora Motown, com mais de 1 milhão de cópias vendidas do single — boa medida de sucesso antes da era do Spotify? O autor do sucesso de batida magnética foi **Barrett Strong,** um dos compositores da companhia de Detroit que nos anos 1970 faria a fama de artistas como os Jackson 5, Marvin Gaye (Strong foi coautor de *I Heard It Through the Grapevine)*, Stevie Wonder, Diana Ross e muitos outros representantes da música negra americana. Ele deixaria a Motown em 1972 para se dedicar à carreira de cantor, ao lançar os álbuns *Stronglove* (1975) e *Live & Love* (1976), pela Capitol. Morreu em 29 de janeiro, aos 81 anos, de causas não reveladas. ■

GILLES PETARD/REDFERNS/GETTY IMAGES

E QUEM NÃO?
Barrett Strong: *Money (That's What I Want)*

FERNANDO SCHÜLER

QUANDO NOS PERDEMOS?

"POR QUE a democracia?", perguntava um representante diplomático ao professor Francisco Weffort, naquele início de anos 80. Ele tinha curiosidade em saber por que se falava tanto em democracia, e quase mais nada em "revolução", naquele apagar das luzes do regime militar. Weffort usou a questão para abrir seu livro *Por que Democracia?*, publicado em 1984, e seu argumento jogou luz sobre o Brasil que surgia à frente: um país com um robusto, e raro, consenso em torno da regra democrática. Anos depois fizemos a nova Constituição, e logo a primeira eleição presidencial. Mesmo o impeachment de 1992 mostrou quanto o pacto democrático havia fincado raízes na vida brasileira.

Ao longo de duas décadas que vão dos anos 90 até quem sabe os movimentos de rua de 2013, o tema da democracia virtualmente desapareceu do nosso cotidiano político. Não por irrelevância, mas pelo consenso. Ministros do STF se sucediam, a Justiça Eleitoral agia com discrição, e a liberdade de expressão era dada como um valor consolidado. Em algum momento, na última década, isso mudou. Dias atrás

me dei conta disso em um debate, quando alguém perguntou, com alguma angústia, em que momento a "questão democrática" havia retornado ao centro do debate brasileiro. Eu me lembrei daquela pergunta feita a Weffort, nos anos 80. O tom agora não era o de uma agradável surpresa, mas sombrio. Algo na linha: quando nos perdemos? Em que momento, temas que já considerávamos superados, a censura, a conversa sobre "golpe", o "cala-boca" a deputados e jornalistas, e o medo de falar, mesmo nos espaços privados, como os grupos de WhatsApp, haviam voltado à tona?

É difícil precisar. É possível que tudo venha da polarização tóxica da última década e meia. O "nós contra eles", o "nunca-antes-neste-país". E logo a reação conservadora. A ideia da "salvação nacional", da "nossa bandeira que jamais será vermelha". O pano de fundo disso está na migração do nervo da política para o universo tribal da internet e das redes sociais. A nova multidão digital, pouco afeita ao diálogo e à reflexão, levando de arrasto boa parte do mundo político e do mundo-mídia. Ainda me lembro da desistência anunciada por um senador e dizendo algo melancólico: "Gosto de política pública, não tenho chance como youtuber".

As eleições de 2014 já apresentavam um tipo novo de polarização. Com direito a um sinal: o pedido de auditoria eleitoral, feito pelo PSDB. Ainda que tímido, foi um voto de desconfiança ao sistema, ao embalo do barulho digital. Na esteira das eleições, surge um novo fenômeno: os movimentos

DEMOCRACIA O movimento das Diretas Já, em 1984: o país em consenso

de rua de viés liberal ou conservador. Em um domingo de março de 2015, o movimento anti-Dilma fez o maior comício do país depois das Diretas. A rua havia sido um espaço da esquerda, mas os ventos agora mudavam de direção. A própria lógica da "oposição frontal" havia transbordado. Quem não se lembra do "Fora Sarney", "Fora Collor, "Fora FHC", como depois do "Fora Temer", "Fora Bolsonaro"? Naquele início de 2015, a pauta era um sonoro "Fora Dilma". Alimentado pela crise, veio o impeachment. *The Economist*

ORLANDO BRITO

> **“Em vez de fincar pé na Constituição, criamos a lógica da exceção”**

escreveu que aquilo iria envenenar durante muito tempo a política brasileira, e acertou. Diferentemente de Collor, o PT é uma força estruturada na vida brasileira, e soube converter a derrota em narrativa de guerra. E aqui surge o paradoxo: ao apostar na “narrativa do golpe”, o partido põe em xeque as instituições da democracia brasileira. Em especial, o Congresso e o STF. Se hoje dizemos que as instituições são postas em questão, há ali um incômodo precedente.

Em 2018, Bolsonaro vence, e a partir daí começa um estranho jogo. De um lado, a recusa permanente da legitimidade de quem venceu. O “coiso”, o “fascista”, o “inominável”, o “gado”; de outro, a tensão, o duplo sentido levado ao estado da arte. O “nosso Exército”, as eleições na condicional, a frase infeliz, no 7 de Setembro. E finalmente os temas tóxicos, a “fraude nas urnas eletrônicas”, o “Artigo 142”. Tudo isso como *avant-première* daquele domingo vexaminoso, que por muito tempo manchará não apenas certa “direita”, mas nossa democracia, no seu dia talvez mais constrangedor.

A resposta a isso tudo poderia ter sido, desde o início, uma reação altiva das instituições, mas nem isso conseguimos fazer. Em vez de fincar pé nos preceitos da Constituição, criamos uma difusa lógica de exceção. Criamos o crime inexistente de *fake news,* retomamos a censura prévia em larga escala, cancelamos passaportes e bloqueamos contas de jornalistas, fizemos terra arrasada da inviolabilidade parlamentar, do direito ao contraditório, do simples acesso da defesa aos autos de processos. Criamos inclusive um procedimento novo: a prerrogativa do Estado para "apagar" do mundo digital quem seja interpretado como "risco à democracia". Tudo sob o signo do autoengano, que inclui achar um tuíte do PCO um risco à democracia, ou fazer de conta que a censura prévia não é censura prévia. Dias atrás, uma jornalista defendeu o banimento de parlamentares, sem devido processo ou manifestação do Congresso, a partir da lógica abstrata da "defesa da democracia". Nenhuma pergunta sobre qual o crime, ou sua tipificação. E seguida pela multidão em transe, em um país onde o vezo autoritário não vem só do Estado, mas finca raízes na sociedade. No jornalismo, na academia, na algazarra digital, em tudo o que é tocado pela polarização obsessiva.

Dias atrás, houve um interessante episódio. Um grupo de advogados pediu ao STF a suspensão da posse de mais de uma dezena de deputados, por um suposto apoio aos atos do dia 8 de janeiro. Consultada, a Procuradoria-Geral da República ofereceu uma singela lição sobre o estado de

direito. Disse que "não se extrai, ainda que com esforço interpretativo, qualquer indício de crime" nas manifestações daqueles parlamentares. Lembrou que temos uma Constituição que assegura a inviolabilidade dos parlamentares em "palavras e opiniões" e que "eventuais atos praticados por deputados deverão ser apurados nos termos do Código de Ética da Câmara de Deputados". Por fim, que "instauração de procedimento criminal sem o mínimo de lastro probatório viola direitos fundamentais". Uma posição rara no atual transe brasileiro, com uma distinção elementar: uma coisa são opiniões, detestáveis que sejam; outra são crimes, que só existem por força de lei, não brotando da vontade dessa ou daquela autoridade.

Nossa dificuldade, quem sabe, reside no fato de que soubemos construir uma democracia, mas não uma democracia liberal. E muito menos uma cultura liberal enraizada na sociedade civil. Vai daí o mal-estar: os direitos estão todos lá, na Constituição, mas dançam ao sabor das exceções de cada dia, no mundo real da política. Eis o desafio. Escrever, debater, insistir sobre direitos, sobre o império da lei, até que aquela pergunta sobre "por que a democracia?", feita ao mestre Weffort, há quase quarenta anos, dê lugar a uma quase-resposta: por-que não a democracia liberal? ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

VONTADE DE GASTAR

A intenção de consumo das famílias (ICF) no setor de bens, serviços e turismo cresceu 23% em janeiro em relação ao mesmo mês de 2022 e atingiu a maior marca desde abril de 2020.

***CANNABIS* MEDICINAL**

O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, sancionou projeto de lei que autoriza o fornecimento gratuito pelo SUS de remédios à base da planta.

ELTON JOHN

A turnê *Farewell Yellow Brick Road*, que marca a despedida do cantor, fez 278 shows e angariou 666 milhões de libras (4,1 bilhões de reais), o maior caixa da história.

DESCE

JOICE HASSELMANN

Segunda deputada mais votada do país em 2018 (pelo PSL) e depois líder de Bolsonaro no Congresso, ela foi expulsa do PSDB por atribuir ao partido a sua derrota em 2022.

WALLACE

Campeão olímpico em 2016, o jogador de vôlei publicou uma enquete sobre o assassinato de Lula. Apagou, mas foi suspenso pelo seu clube e virou alvo da Justiça Desportiva e da AGU.

BOEING 747

Após cinco décadas no ar, o jato que mudou a história da aviação comercial, mas foi superado por novos modelos, teve a sua última unidade produzida nos EUA.

“Estou com mais raiva agora e mais comprometido do que nunca.”

DONALD TRUMP, ao anunciar sua candidatura à Presidência dos Estados Unidos em 2024

SPENCER PLATT/GETTY IMAGES

“O PSDB virou um nanico moral.”

MARA GABRILLI, senadora por São Paulo, ao trocar a sigla pelo PSD de Gilberto Kassab depois de dezenove anos de militância

“Amanhã, daqui a seis meses ou nunca.”

FLÁVIO BOLSONARO, senador pelo PL do Rio de Janeiro, o filho 01, instado a dizer quando o pai retornará do exílio voluntário em Orlando, na Flórida

“Lula insiste na narrativa do eles contra nós.”

ROGÉRIO MARINHO, ex-ministro do Desenvolvimento Regional durante o governo de Jair Bolsonaro, senador eleito pelo PL do Rio Grande do Norte

“Dividir a vida com o Edson foi viver a história real de um amor único. Dividir o amor de Pelé com vocês, também. Este amor nunca morrerá e continuará entre nós. Eternamente.”

MÁRCIA AOKI, empresária, viúva do Rei do Futebol, que teve a delicadeza de esperar um mês de comoção global da morte do marido para então escrever uma carta aberta nas redes sociais destinada aos torcedores, amigos e família

“Eu devo me desculpar com alguns de vocês que estão bem ali na frente. Isso é um show de família. Prometo que o que aconteceu não faz parte do show.”

HARRY STYLES, cantor britânico, que teve a calça involuntariamente rasgada durante uma apresentação em Los Angeles

“Sonhe grande, é possível.”

NOVAK DJOKOVIC, ao vencer o Torneio Aberto da Austrália, o 22º de sua carreira, ao igualar a marca de Rafael Nadal. No ano passado, por não ter tomado vacina contra a Covid-19, o sérvio foi impedido de disputar a competição

“Muitos países nesse momento estão em guerra, estão passando necessidades, e a gente vive, mais do que nunca, no conforto da democracia. Vamos aproveitar isso.”

IVETE SANGALO, no Festival de Verão de Salvador, evento pré-carnavalesco

“Ele é a representação do que seria o ideal do homem hétero, macho alfa. E isso não tem nada a ver com ele pessoalmente. Isso tem a ver com o trabalho dele.”

BRUNO FAGUNDES, ator, filho de Antonio Fagundes, que recentemente revelou ser homossexual

“Sou uma fábrica de caras e bocas. Deve ter algo no meu rosto, na minha altura *(1,77 metro)*, nas minhas mãos, na maneira como me movimento, mas, sobretudo, no sotaque.”

PAOLA CAROSELLA, chef argentina, que acaba de estrear na TV Globo o reality show *Minha Mãe Cozinha Melhor que a Sua*

CADU PILOTTO/TV GLOBO

Com reportagem de Gustavo Maia,
Lucas Vettorazzo e Ramiro Brites

Seguindo o dinheiro

Encomendado por Lula, o pente-fino nos gastos de Jair Bolsonaro com cartão corporativo busca descobrir, entre outras coisas, se **Michelle** usou a verba da Presidência para colocar novos implantes de silicone nos seios e realizar caros procedimentos estéticos.

De onde veio?

Investigando um auxiliar de Bolsonaro, o STF já descobriu que um cartão de crédito usado por Michelle era pago pelo Planalto. No caso

CLAUBER CLEBER CAETANO/PR

PENTE-FINO Michelle: o governo quer saber quem pagou a cirurgia de silicone dela

da troca de silicone em 2020, há um mistério: a conta foi paga a partir de um boleto.

Torre de cristal

Contratada pelo PL na quarta, Michelle já começou a decorar o luxuoso gabinete numa cobertura da Asa Sul — só o condomínio do lugar custa 12 000 reais. Ela está com a agenda lotada.

De olho no inimigo

Para atormentar o governo petista, Valdemar Costa Neto está montando uma espécie de divisão de investigação no PL. Batizado de "Observatório da oposição", o gabinete vai olhar com lupa cada passo de Lula no governo.

Tô tranquilo

Convocado a depor na PF, Valdemar definiu o que será sua estratégia: repetirá exatamente o que disse ao *Globo* — e só. Não dará nomes nem detalhes sobre os tais planos golpistas que todos tinham em casa, segundo ele.

Questão de tempo

Anderson Torres está duplamente enrolado no STF: foi preso por causa dos atos golpistas e é investigado por ajudar garimpeiros. Investigadores acreditam que ele teria muito a revelar, se decidisse abrir o coração na cadeia.

Fala de novo

Gilmar Mendes pegou o telefone e cobrou Rogério Marinho por ataques ao STF na campanha à presidência do Senado. Marinho voltou atrás na hora.

Chama o eletricista

O plenário do STF já foi re-

construído, mas o 2º andar da Corte segue sem luz. Os terroristas arrancaram até as fiações das paredes. Toda a parte elétrica terá de ser trocada.

Amigo do sítio

Fernando Bittar, um dos donos formais do famoso sítio de Atibaia, foi convidado para a festa da posse de Lula. Jonas Suassuna, outro dono do sítio, mas que rompeu com Lulinha, não.

É dando que se recebe

Jonas Barcellos, pecuarista que doou 2,1 milhões de reais à campanha de Lula, e Maurício Gariglia, que doou 400 000 reais, foram convidados para o festão da posse do petista.

Invasão vermelha

Com orçamento de 1,5 bilhão de reais, a Conab foi tomada por petistas, que, ainda não nomeados para cargos no órgão, já ocupam salas e acessam dados sigilosos da repartição.

Fora da lei

O petista Edegar Pretto foi escolhido por Lula para chefiar a Conab. Ele não foi aprovado pelo Conselho de Administração, mas assumiu mesmo assim.

Genuíno interesse

A primeira coisa que Pretto pediu, ao ocupar a Conab irregularmente, foi a relação de cargos e salários do órgão.

Em dívida

Ministro das Comunicações, José Juscelino Filho foi acionado na Justiça pelo Banco do Nordeste por causa de um calote de 831 000 reais.

DIOGO MOREIRA/GOV. ESTADO DE SÃO PAULO

REGISTRO Doria: biografia narra a história de vida do ex-governador

Turismo verde

A ministra Daniela Carneiro deve fechar uma parceria com a CVC de Leonel Andrade para ampliar o turismo na Amazônia e no Centro-Oeste.

A coragem tem um preço

A Matrix Editora lança em março a biografia ***João Doria – O Poder da Transformação.*** O livro sobre a trajetória política do ex-governador foi escrito por Thales Guaracy e tem prefácio de **FHC.** Ele diz que Doria "foi provado em tempos difíceis" e liderou a luta contra o negacionismo na pandemia enquanto muitos políticos calaram. "Para fazer a grande política, é preciso coragem. Coragem de insistir no certo, mesmo quando há o risco de se pagar um preço por isso", diz FH.

Conta salgada

Ex-presidente da Petrobras, José Sérgio Gabrielli recorre na CVM para tentar derrubar uma multa de 150 000 reais por gestão temerária na estatal.

Jogo sujo

Por falar em Petrobras, a escolha dos novos diretores da estatal virou uma guerra de dossiês e de acusações. Há de tudo. De corrupção a simples associação de "cotados" ao bolsonarismo.

É guerra

José Múcio irá ao front combater garimpeiros na próxima semana. Ao lado dos comandantes das Forças Armadas, ele cumprirá dois dias de operação militar na Terra Yanomami.

Fogo amigo

Carlos Fávaro (Agricultura) e Paulo Teixeira (Desenvolvimento Agrário) estão em guerra... por cargos.

A fila anda

O BNDES de Mercadante terá Eduardo Paes como primeiro cliente. O banco vai modelar a concessão de sete parques públicos do Rio.

O pacificador

Recentemente, Michel Temer esteve na Coteminas com Josué Gomes. Depois, chamou Paulo Skaf em casa. Mediador, costurou a paz na Fiesp. Josué e Skaf vão dividir poderes na entidade.

Com a bola toda

A Penalty fechou 2022 com faturamento superior aos 313 milhões de reais. A pandemia ficou no passado.

CEZAR LOUREIRO/RIOTUR

FESTA TOTAL
Sapucaí: escolas querem assumir gestão de camarotes em 2024

Farra milionária

A Liesa estuda promover uma grande mudança no modelo de negócio dos camarotes da **Sapucaí** para o próximo Carnaval. Hoje, o aluguel desses espaços para empresas rende 30 milhões de reais às escolas. Os empresários, no entanto, faturam cerca de 120 milhões de reais com ingressos e patrocínios. A ideia é que as escolas passem a operar toda a logística dos camarotes. ■

A ÚLTIMA TENTAÇÃO

De acordo com denúncia do senador Marcos Do Val, dias antes de deixar o governo, Jair Bolsonaro arquitetou uma operação clandestina que tinha como alvo gravar o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal. O objetivo era anular as eleições, impedir a posse de Lula e se manter na Presidência da República

LEONARDO CALDAS

Em 9 de dezembro do ano passado, Lula ainda não havia sido diplomado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), manifestantes continuavam acampados em frente aos quartéis pedindo intervenção militar e Jair Bolsonaro quebrou o silêncio após mais de um mês de uma reclusão voluntária. Na tarde daquele dia, o presidente reapareceu no famoso cercadinho do Palácio da Alvorada, se desculpou por eventuais erros, disse que seu futuro dependia dos apoiadores e exaltou sua ligação com as Forças Armadas — um discurso aparentemente sem sentido para quem não havia dito uma única palavra até então sobre a derrota nas urnas. O fato é que Bolsonaro, assim como muitos de seus aliados, ainda acreditava numa virada de mesa. Logo depois do enigmático pronunciamento do cercadinho, de

CAPA: FOTO DE CRISTIANO MARIZ

acordo com o depoimento do então senador Marcos Do Val, ele participou de uma reunião na qual revelou a arquitetura de um plano para anular o resultado das eleições, impedir a posse de Lula e permanecer no poder — uma investida que não prosperou porque um dos escalados para executar a operação se recusou a participar da trama.

As indicações de que o ex-presidente da República se envolveu de fato numa tentativa de conspirata estão num conjunto de mensagens a que VEJA teve acesso. Faltavam 21 dias para terminar o governo e Bolsonaro ainda não havia reconhecido o resultado da eleição. Deprimido, repetia a todo instante que o processo havia sido fraudado e que era preciso mostrar isso de maneira clara ao país. Com o apoio de um grupo muito restrito, foi elaborado então o seguinte plano: alguém de confiança do presidente se aproximaria do ministro Alexandre de Moraes, presidente do TSE, devidamente equipado para gravar as conversas do magistrado com o intuito de captar algo comprometedor que servisse como argumento para prendê-lo. Uma crítica contumaz a Bolsonaro ou uma preferência pela vitória de Lula já seriam o estopim que desencadearia uma série de medidas que provavelmente atirariam o país numa confusão institucional sem precedentes desde a redemocratização. Na reunião do Alvorada, Bolsonaro descreveu os detalhes dessa operação. Estavam presentes, além dele, dois parlamentares aliados: o deputado Daniel Silveira (PTB-RJ) e o senador Marcos Do Val (Podemos-ES).

REUNIÃO SECRETA

Em áudio, o deputado Daniel Silveira orienta o senador Marcos Do Val sobre o ponto de encontro, envia a localização onde ele deveria aguardar o carro da Presidência que iria buscá-los e diz que não ficará nenhum registro no Alvorada

"Vou te mandar a minha localização, mas tu não entra não, no Alvorada. E nem chega perto da entrada. Tu não vai aparecer não. Tu vai parar o carro no estacionamento que eu vou te mandar a localização, eu vou estar ali já e o carro vai vir buscar a gente"

PERTO DO ALVORADA
Áudio: instruções para chegar ao ponto de encontro

Uma das mensagens obtidas por VEJA foi enviada por Marcos Do Val a Alexandre de Moraes no dia 12 de dezembro, às 20h56, três dias depois da reunião no Palácio da Alvorada. Nela, o congressista pede para falar pessoalmente com o magistrado, diante da gravidade do que havia tomado conhecimento. "Dia emblemático", escreveu o parlamentar, remetendo

aos acontecimentos registrados em Brasília naquelas últimas horas. Pela manhã, Lula havia sido diplomado pelo TSE. À tarde, manifestantes bolsonaristas tentaram invadir a sede da Polícia Federal para resgatar um preso, seguido de um confronto com a polícia e atos de vandalismo que deixaram um rastro de destruição pela cidade. Depois da ressalva inicial, Do Val justificou a urgência em encontrar o ministro: "Precisava falar como foi o encontro com o PR e o DS". PR era o presidente da República. DS era o deputado Daniel Silveira. O senador relatou que os dois o haviam convidado para participar do que ele definiu como "uma ação esdrúxula, imoral e até criminal". O ministro agendou o encontro pessoal para dali a dois dias.

Moraes já estava informado de que algo estranho estava sendo tramado. Um primeiro alerta havia sido feito pelo próprio Marcos Do Val. Dois dias antes da reunião no Alvorada, o senador foi procurado por Daniel Silveira durante uma sessão do Congresso. O deputado disse que Bolsonaro tinha um assunto importante e urgente para falar com ele. Na sequência, ligou para o presidente e passou o telefone ao senador. Foi uma conversa rápida, na qual o mandatário comentou apenas que tinha uma questão que precisava ser resolvida de imediato e perguntou se o senador não podia "dar um pulinho" no palácio. O encontro foi combinado para dois dias depois. Daniel Silveira é investigado num inquérito sigiloso conduzido por Alexandre de Moraes, já foi condenado e preso por ameaça ao estado de-

SIGILO ABSOLUTO

O deputado diz que nem o filho do presidente tem conhecimento da "missão" e que o material captado seria usado para pautar uma certa "ação"

Daniel Silveira...

Irmão, essa missão está restrita a Três pessoas e só irá ficar, provavelmente, com mais cinco após concluída. Cinco estrelas

Tranquilize-se

Essa missão, nem o Flávio saberá

Bom dia! Mudei meu voo e estarei em QAP até o comando do 01 para irmos até lá.

Precisa entender: caso o objetivo seja alcançado em situação de aceitar a missão, o conteúdo não será publicizado ou utilizado de forma midiática. Será única e exclusivamente para pautar, com total integralidade, a ação a ser tomada que já está desenhada e pronta para implementar.

ERALDO PERES/AP/IMAGEPLUS

ARMADILHA Jair Bolsonaro: plano para gravar ministro e anular a eleição

mocrático de direito. Do Val sabia disso e, preocupado em se envolver em algo que pudesse prejudicá-lo, achou por bem comunicar o ministro sobre a reunião com o presidente da República e o deputado.

A preparação para a reunião foi cercada de cuidados absolutamente incomuns. Por sugestão de Daniel Silveira, ficou combinado que ele e o senador se refeririam ao encontro apenas por códigos.

No dia marcado, o deputado passou uma mensagem de áudio a Marcos Do Val para instruí-lo sobre como chegar ao destino, de maneira discreta, sem serem vistos: "Vou te mandar a minha localização, mas tu não entra não, no Alvorada. E nem chega perto da entrada. Tu não vai aparecer não. Tu vai parar o carro no estacionamento que eu vou te mandar a localização, eu vou estar ali já e o carro vai vir buscar a gente". E assim foi. Por volta das 17h30 do dia 9, Marcos Do Val seguiu com seu motorista até a localização enviada pelo deputado por GPS — uma via que dá acesso ao Palácio do Alvorada, próxima ao Palácio do Jaburu, a residência oficial do vice-presidente. Lá, distante de olhos curiosos, os dois embarcaram num carro da segurança do presidente da República até o Alvorada, que fica a poucos metros à frente, onde entraram sem deixar qualquer registro na portaria.

A reunião com o presidente durou cerca de quarenta minutos. Era uma sexta-feira. Bolsonaro recebeu os visitantes vestido de bermuda, camisa de mangas curtas e chinelo. Os três falaram sobre vários temas, do acampamento de manifestantes em frente aos quartéis até as supostas fraudes no processo eleitoral. Nesse instante, Daniel Silveira interveio, disse que o senador era uma pessoa de sua confiança e pediu ao presidente que apresentasse a ideia que "salvaria o Brasil". Bolsonaro e seus auxiliares atribuem a derrota do presidente a interferências do ministro Alexandre de Moraes durante a campanha eleitoral. Acreditavam que conseguiriam provar isso caso

EDILSON RODRIGUES/AG. SENADO

COISA CERTA Do Val: o senador recusou proposta para gravar ministro

“FIQUEI ASSUSTADO COM O QUE OUVI”

O senador Marcos Do Val (Podemos-ES) confirmou a VEJA que participou da reunião com Jair Bolsonaro e o deputado federal Daniel Silveira no dia 9 de dezembro do ano passado. Na oca-

são, o então presidente pediu que ele gravasse conversas do ministro Alexandre de Moraes, presidente do Tribunal Superior Eleitoral. O plano era flagrar o magistrado em alguma inconfidência ou indiscrição e usar o material como argumento para anular as eleições, impedir a posse de Lula e manter o ex-capitão no poder.

Qual a sua reação no momento em que recebeu a proposta de gravar o ministro? Na hora, eu disse que aquilo era ilegal. Que gravações sem autorização judicial poderiam configurar crime. Nunca compactuei com atos radicais ou extremistas. Sou um democrata, sempre vou lutar para que a democracia permaneça inabalável. Uma operação como a que estava sendo articulada colocaria o Brasil em isolamento mundial, provocaria uma grave crise econômica, traria mais miséria e pobreza. As consequências seriam imprevisíveis.

Gravar um ministro, por si só, pode ser um crime, mas não é um golpe. A ideia era que eu gravasse o ministro falando sobre as decisões dele, tentar fazer ele confidenciar que agia sem observar necessariamente a Constituição. Com essa gravação, o presidente iria derrubar a eleição, dizer que ela foi fraudada, prender o Alexandre de Moraes, impedir a posse do Lula e seguir presidente da República. Fiquei muito assustado com o que ouvi.

O presidente disse tudo isso? Disse.

O senhor sempre foi um aliado do ex-presidente. Ficou assustado por quê? Sou um parlamentar que representa o espectro político de direita e o presidente nunca mostrou qualquer intenção em atuar fora das quatro linhas. A relação dele com o deputado Daniel acabou ficando muito próxima, principalmente depois que o presidente concedeu a ele a anistia pela condenação naquele processo do Supremo. Sei que o Daniel troca muita informação com o presidente, e talvez isso tenha influenciado de alguma maneira o que aconteceu. O Daniel disse que eu ia salvar o Brasil e o presidente repetiu. O Daniel estava lá instigando e o presidente comprou a ideia. Não consigo imaginar alguém vindo ao meu gabinete para tratar de um assunto desse. Uma coisa meio irracional.

Por que razão o senhor acredita que foi escolhido para essa missão? Me fiz essa pergunta várias vezes. Aliás, fiquei surpreso ao saber que o presidente queria falar comigo. Foi a primeira vez que nos encontramos fora de uma solenidade oficial. Muita gente sabe que tenho uma ligação com o ministro Alexandre de Moraes. Quando ele foi secretário de Segurança de São Paulo e o Geraldo Alckmin era governador, fui contratado para dar treinamento para a polícia paulista. Não somos íntimos, mas temos um excelente relacionamento. Por isso – e também por dever cívico e de consciência –, relatei a ele o que estava acontecendo. Era a coisa certa a ser feita.

conseguissem se aproximar do magistrado e gravar suas conversas. Captar um diálogo que sugerisse algo nessa direção pavimentaria o caminho para o que se pretendia na sequência: prender o ministro, impedir a posse de Lula, anular as eleições... "Você será um herói nacional", exaltou o deputado.

Do Val quis saber como isso seria feito. Bolsonaro disse que já tinha acertado com o Gabinete de Segurança Institucional (GSI), órgão responsável pela segurança do presidente e que tem a Agência Brasileira de Inteligência (Abin) sob seu organograma, que daria o suporte técnico à operação, fornecendo os equipamentos de espionagem necessários. Apenas cinco pessoas teriam conhecimento do plano. Três estavam na reunião: Jair Bolsonaro, Daniel Silveira e Marcos Do Val, a quem caberia a tarefa de gravar Alexandre de Moraes, caso aceitasse a missão. O senador foi escolhido porque conhecia o ministro há mais de uma década. Era, portanto, o personagem certo para se aproximar do magistrado sem levantar suspeitas e montar a armadilha que, nas palavras de Bolsonaro, "iria salvar o Brasil". Do Val pediu um tempo para pensar na proposta. Mas havia pressa. Muita pressa.

No dia seguinte à reunião, Silveira enviou uma série de mensagens ao senador cobrando uma resposta. Na primeira delas, reafirmou que Do Val poderia ficar tranquilo, que a missão era segura. Repetiu que apenas três pessoas sabiam do plano, e outras duas tomariam conhecimento apenas após a conclusão da primeira etapa da operação — "cinco estrelas",

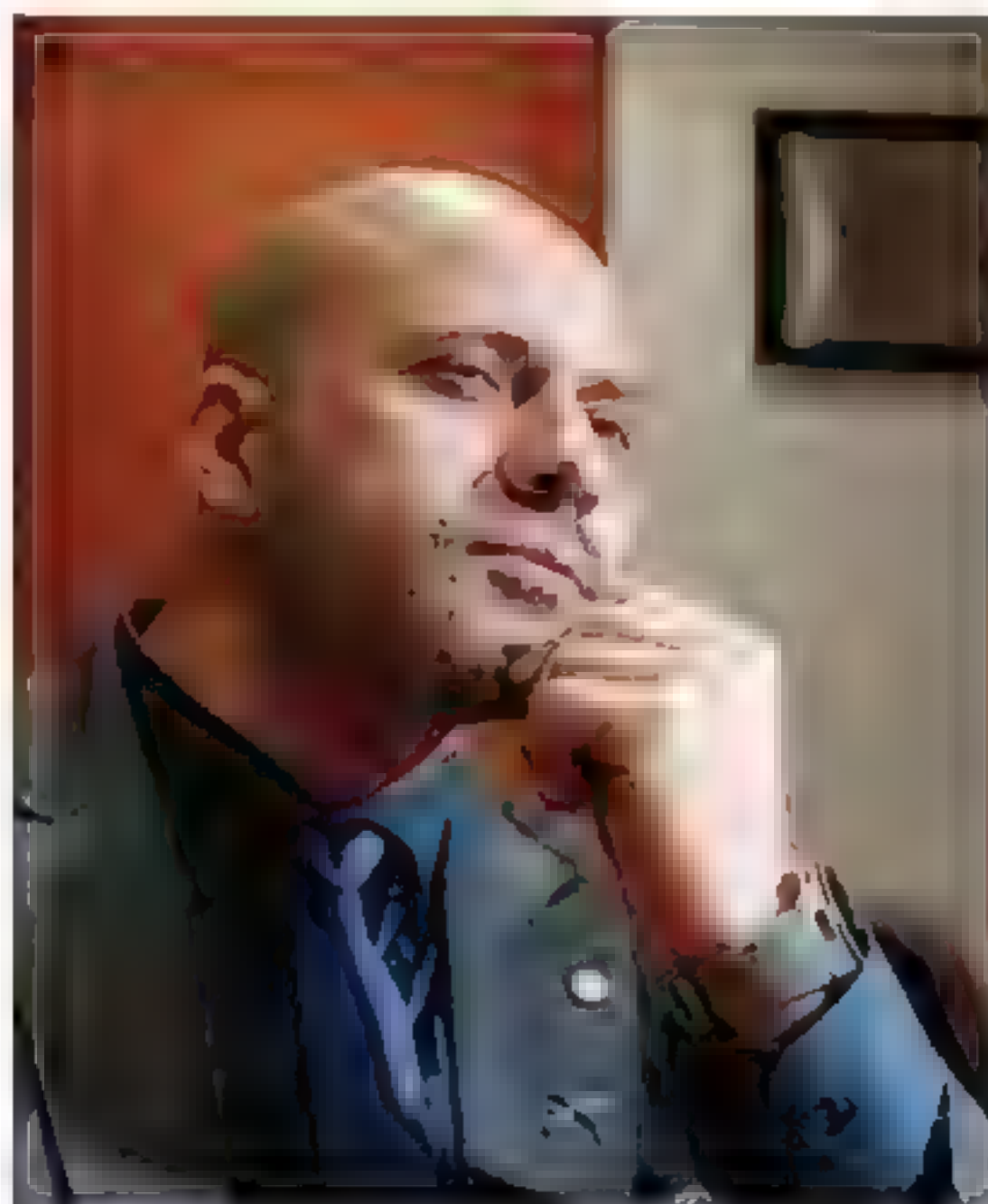
ARMAÇÃO OFICIAL

Após a reunião com Bolsonaro, o deputado Daniel Silveira insiste em convencer sobre a “magnitude da ação”, pede absoluto sigilo e diz que não há riscos

Daniel Silveira...

Claro, contudo, não há riscos. Uma vez que o objetivo foi alcançado, estará resolvida a questão. Caso não extraía nada, é descartado o conteúdo e ninguém saberá.

Não sei se compreendeu a magnitude desta ação. Ele define, literalmente, o futuro de toda a nação.

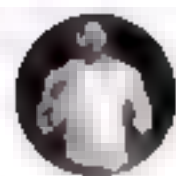
Insisto em dizer que é uma oportunidade ímpar e, peço, não comente com absolutamente ninguém. Mesmo com esposa e qualquer familiar ou conselheiro. Essa é uma ação que somente você e seu consciente devem analisar.

SERGIO LIMA/AFP

CONSPIRAÇÃO Daniel Silveira, que está preso: “Você será um herói nacional”

destacou, fazendo supor que os dois personagens ocultos seriam militares. O deputado reforçou que a coisa toda era tão sigilosa que “nem o Flávio saberá”, referindo-se ao filho do presidente Flávio Bolsonaro. “Estarei em QAP até o comando do 01 para irmos até lá”, acrescentou. No jargão policial, QAP significa “na escuta”, “de prontidão”. Por último, Silveira lembrou

que “o conteúdo” captado seria utilizado exclusivamente para pautar a “ação” que já estaria “desenhada e pronta para implementar”. O senador não respondeu.

Percebendo a hesitação do colega e preocupado com o tempo, Silveira continuou insistindo. “Não há riscos.” “Caso não extraia nada, é descartado o conteúdo e ninguém saberá.” E voltou a destacar a importância da missão: “Não sei se você compreendeu a magnitude desta ação. Ela define, literalmente, o futuro de toda a nação”. O deputado pede ao senador que ele não comente nada com absolutamente ninguém. Do Val continuou sem responder. Numa terceira mensagem, Silveira lembrou que as “escutas usadas em operações especiais” já estavam à disposição. E reforçou mais uma vez o apelo: “Se aceitar a missão, parafraseando o 01, salvamos o Brasil”. Zero Um é o presidente da República. Por fim, numa quarta e última mensagem, o deputado lembra que “pessoas muito importantes e relevantes” estão envolvidas na operação e que todos depositavam nele “uma esperança sem precedentes”. Nada de resposta.

No dia 14 de dezembro, na data agendada pelo ministro para o encontro com o senador, o Supremo Tribunal Federal julgava a legalidade do chamado orçamento secreto. No intervalo da sessão, Alexandre de Moraes deixou o plenário e, de toga, foi até o salão branco do prédio, onde Marcos Do Val já o aguardava, conforme o combinado. A conversa foi rápida, durou apenas alguns minutos. O parlamentar narrou detalhes do encontro que teve com o presidente, da

Daniel Silveira...

Como tivemos pouco tempo, não passei o que entendo como diretriz para que você adapte a sua maneira.

Contudo, já tenho escutas usadas pelas operações especiais. Tenho veículo receptor que pode imediatamente reproduzir além da gravação e essa operação ficar restrita a um círculo de 5 pessoas. Tres estavam sentados hoje conversando juntos.

Se aceitar a missão, parafraseando o 01, salvamos o Brasil

GABRIELA BILÓ/FOLHAPRESS

ESCUTAS Heleno, ex-chefe do GSI: aparelhos seriam fornecidos pelo órgão

proposta indecorosa que recebeu e os objetivos abjetos do plano. Acostumado nos últimos tempos a lidar com as mais mirabolantes teorias da conspiração, Moraes fez um único comentário: "Não acredito", disse em tom de espanto. À noite, depois de relatar o caso ao ministro e convicto de que estava se envolvendo em algo perigoso, Do Val finalmente respondeu as mensagens de Daniel Silveira. "Irmão,

vou declinar da missão", escreveu, sem dar maiores explicações. O deputado assentiu: "Entendo, obrigado".

O Brasil atravessou momentos críticos em sua história recente. Depois de uma ditadura militar de trinta anos, o país enfrentou monumentais crises econômicas, suportou governos incompetentes e corruptos, convive até hoje com o flagelo da fome e o eterno desafio de superar a pobreza. Mesmo diante de mazelas que colocam o país num lugar de destaque na escala de subdesenvolvimento social e político, ainda assim parece demais imaginar que um presidente da República seja capaz de se reunir com um senador e um deputado para planejar uma operação tão aloprada. Menos de 24 horas depois do encontro entre Do Val e Alexandre de Moraes, no dia 15 de dezembro, o ministro multou Daniel Silveira em 2,6 milhões de reais. O parlamentar teria desrespeitado as medidas cautelares que é obrigado a cumprir. Ele está impedido de dar entrevistas, proibido de usar as redes sociais, não pode comparecer a eventos públicos, precisa manter distância de outros investigados e é obrigado a usar tornozeleira eletrônica.

Todos os citados no caso foram procurados por VEJA. O agora ex-deputado (o mandato dele terminou na última terça-feira, dois dias antes de sua prisão) informou, por intermédio de seus advogados, que está impedido pela Justiça de falar com jornalistas. Alexandre de Moraes, também através de sua assessoria, disse que não iria comentar o caso. Jair Bolsonaro viajou para os Estados Unidos alguns dias

RETAGUARDA PODEROSA

Daniel Silveira reafirma que "pessoas muito importantes" estão respaldando o plano [illegible] todos em uma esperança sem precedentes"

Daniel Silveira...

Somente por isso é absolutamente nada mais.

Você tem a palavra e o respaldo de pessoas muito importantes e relevantes que decidiram não participar da conversa para não exporem ou assustarem. No entanto, estão todos em uma esperança sem precedentes, pois somente com você o cenário da missão é possível, pois existe uma brecha aberta que não irá se abrir a ninguém.

ter., 13 de dez.

Bom dia! A caminho de Brasília. Vamos fechar aquela conversa?

Boa tarde, meu amigo.

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

ALVO Alexandre de Moraes: o objetivo era flagrar alguma inconfidência do ministro

depois da reunião no Palácio da Alvorada e não foi encontrado pela reportagem. Já o senador Marcos Do Val confirmou ter participado da reunião com o então presidente, admitiu ter ouvido os detalhes do plano e, dizendo-se assombrado, decidiu relatar a Alexandre de Moraes aquela que teria sido a derradeira tentação do ex-presidente *(veja o quadro)*. Na quinta-feira, o senador anunciou que renunciaria ao cargo. Logo depois, desistiu. ■

A FORÇA DA OPOSIÇÃO

Lula apoiou a reeleição dos presidentes da Câmara e do Senado, mas isso não significa uma vitória do governo – longe disso **DANIEL PEREIRA** E **MARCELA MATTOS**

FORÇA Arthur Lira: o governo foi obrigado a se render ao poderio do aliado de Bolsonaro na Câmara

SERGIO LIMA/AFP

DESDE A SUA VITÓRIA nas urnas, Lula sabe que não terá vida fácil na relação com o Congresso. Como o PT e seus aliados de esquerda não elegeram maioria na Câmara e no Senado, o presidente precisa negociar o apoio de partidos de centro e de integrantes de legendas alinhadas a Jair Bolsonaro para aprovar projetos prioritários, sobretudo emendas constitucionais. Foi com o objetivo de ampliar a base governista já na largada de seu terceiro mandato que o petista distribuiu três ministérios para cada uma das seguintes legendas: MDB, PSD e União Brasil. Foi por isso também que ele segurou os ímpetos de hegemonia do PT e decidiu que a sigla não lançaria candidatos para concorrer às presidências das duas Casas do Legislativo. Pragmático, Lula embarcou nas campanhas à reeleição do deputado Artur Lira (PP-AL), antigo aliado de Bolsonaro e expoente do Centrão, e do senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG), com quem mantém relação cordial, mas distante. A lógica do mandatário era clara: se não dava para o PT conquistar os dois cargos, o governo precisava evitar que eles caíssem nas mãos de oposicionistas ou adversários declarados. Dos males, o menor.

A principal ameaça aos planos de Lula era a eleição para a presidência do Senado. Partido de Bolsonaro, o PL lançou na disputa o senador Rogério Marinho (RN), com o apoio de Republicanos e PP e a expectativa de transformar a Casa no quartel-general da oposição e, ao mesmo tempo, bunker das ofensivas contra ministros do Supremo Tribunal Federal, alguns dos quais acusados por bolsonaristas de favorecer o PT

GERALDO MAGELA/AG. SENADO

SOLIDEZ Rogério Marinho: o senador conseguiu mais votos do que se imaginava

na última corrida presidencial. Até a véspera da eleição, o PL tinha a maior bancada, status que perdeu horas antes da votação para o PSD, a legenda de Rodrigo Pacheco. Candidato à reeleição, Pacheco venceu com 49 votos graças ao empenho direto do Palácio do Planalto. Cinco ministros se licenciaram de seus cargos para reassumir o mandato de senador e ajudar na missão. Já Marinho amealhou 32 votos. O resultado não foi nem vitória apertada nem um passeio e, por isso, dá tranquilidade a Lula, mas também serve de alerta para ele. Um grupo de 32 senadores, como os que escolheram o oposicionista Marinho, é mais do que suficiente para pedir,

por exemplo, a criação de uma comissão parlamentar de inquérito (CPI), que exige a adesão de 27 parlamentares.

Os governistas tentam minimizar o número de votos em Marinho, lembrando que nem todos que o escolheram farão oposição ao governo. É verdade, da mesma forma que nem todos que aderiram a Pacheco estarão alinhados a Lula. Para aprovar uma emenda constitucional no Senado, são necessários 49 votos, justamente o total obtido pelo presidente reeleito. Nem os petistas mais otimistas garantem que o governo tem esse contingente na Casa. Há, pelo contrário, o entendimento de que Lula terá de negociar de forma permanente para garantir o avanço de projetos prioritários. A tarefa será árdua, mas poderia ser pior caso Marinho saísse vencedor. A família Bolsonaro se empenhou para que isso ocorresse. A ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro até foi ao plenário do Senado para tentar cabalar votos. Dos Estados Unidos, o ex-presidente pediu apoio a Marinho por telefone. Nas conversas com parlamentares, Bolsonaro dizia que o senador representava "a única chance de salvação" para colocar as coisas no lugar, o que, nas entrelinhas, era interpretado como uma promessa de impor algum tipo de contenção ao STF. Pela Constituição, cabe ao Senado abrir processos de impeachment contra ministros do Supremo. Em 2021, o próprio Bolsonaro pediu a cassação de Alexandre de Moraes, mas a ação foi rejeitada por Pacheco.

O presidente reeleito do Senado conhece bem os humores e a força dos oposicionistas. Em discurso momentos an-

GABRIELA BILÓ/FOLHAPRESS

LIMITES Rodrigo Pacheco: simpático ao Planalto, mas sem votos suficientes para aprovar uma emenda

tes da votação, ele afirmou que há muitos motivos para reclamações em relação ao STF e defendeu que sejam votados projetos para colocar "limites aos poderes". Citou, entre as medidas que podem ser analisadas, novas regras sobre decisões monocráticas e também sobre o mandato dos ministros do Supremo, que hoje podem permanecer na Corte até atingir os 75 anos. Pacheco repetiu ainda um de seus mantras prediletos, o de que é preciso pacificar o país. Acenar aos derrotados com uma pauta cara a eles pode, em tese, ajudar a desanuviar o ambiente interno da Casa.

Lula tem plena consciência do tamanho do desafio no Congresso. O maior exemplo disso foi a postura adotada na eleição para a presidência da Câmara. Depois de atacar Arthur Lira durante a campanha de 2022, quando o deputado defendeu a reeleição de Bolsonaro, Lula ordenou ao PT que apoiasse a candidatura do deputado alagoano. Fez isso porque sabia que nenhum esquerdista podia vencê-lo. Ao evitar uma derrota numa disputa sem futuro, tentou transformar um político que era adversário até o ano passado num aliado circunstancial. Até aqui, a estratégia parece estar dando certo, e Lula e Lira conversam como dois parceiros. Para o governo, é melhor que a relação continue assim. Pupilo de Eduardo Cunha, o ex-presidente da Câmara que abriu o processo de impeachment contra Dilma Rousseff, Lira conquistou a reeleição com uma votação recorde: 464 votos, ante 21 de Chico Alencar (PSOL) e dezenove de Marcel van Hattem (Novo).

Aliados de Bolsonaro dizem ter gratidão a Lira pela fidelidade que ele manteve ao ex-presidente e à própria bancada, como quando pediu ao ministro Alexandre de Moraes o desbloqueio de redes sociais de parlamentares que haviam atacado as urnas eletrônicas. Após ser reeleito, o deputado disse, referindo-se a todos os poderes, que "é hora de ver cada um no seu quadrado constitucional". Parlamentares bolsonaristas dizem ter escutado de Lira que ele não vai aderir nem dar vida fácil ao governo Lula e preveem que, logo na largada, deve impor algumas derrotas em plenário como forma de mostrar a sua força. Já o lado

RICARDO STUCKERT

MOEDA DE TROCA Lula: negociação à base de cargos, verbas e benesses

governista fala exatamente o contrário. O tempo dirá qual dos lados tem razão, mas é certo que a postura de Lira dependerá de contrapartidas conhecidas do governo, como liberações de verbas e distribuição de cargos.

O presidente reeleito da Câmara já deixou clara sua insatisfação com a nomeação para ministro dos Transportes de Renan Filho, cujo pai, o senador Renan Calheiros, é o princi-

pal adversário político de Lira em Alagoas. "Eu conheço o Arthur: se o arqui-inimigo dele no estado tem um ministério, se não der dois para ele, não tem nem conversa", diz um aliado do deputado. Lira também já avisou o entorno de Lula de que vários partidos da Câmara estão insatisfeitos pelo fato de não terem sido atendidos no rateio de cargos e que a distribuição de postos de segundo e terceiro escalões é a chave para tentar solucionar esse problema. Já há até quem preveja uma reforma ministerial para ampliar o espaço do grupo do parlamentar alagoano, que reúne integrantes de diferentes legendas. As queixas seriam mais frequentes justamente nos partidos de centro, dos quais Lula dependerá para aprovar projetos prioritários. Hoje, estima-se que a base governista tenha 260 votos na Câmara, bem menos do que os 308 necessários para aprovar uma emenda constitucional.

O Planalto terá de afagar Lira, o senhor do plenário, e mercadejar de forma permanente apoio, inclusive em legendas de oposição, a fim de conquistar vitórias na Câmara. "O poder de cooptação do governo é muito grande", diz o deputado Ricardo Salles (PL-SP), ex-ministro de Bolsonaro. "Você tem alguma dúvida de que já tem parlamentares do PL que já querem ir para o PT? Acho que há uns vinte que já estão muito bem amarrados com o governo", acrescenta. Lula conta com esse potencial adesismo para desidratar a oposição, mas sabe que, para atrair novos apoios, precisará mais do que nunca recorrer a velhas e valiosas moedas de troca — cargos, verbas e outros agrados oficiais. ■

EM NOME DO PAI

Pela primeira vez, filhos de Bolsonaro têm a missão de tocar a vida com o patriarca sem mandato e sob o risco de perder a hegemonia em seu campo político

JOÃO PEDROSO DE CAMPOS

À DIREITA Carlos, Eduardo e Flávio: cada um tem uma função dentro do novo cenário do bolsonarismo

ANTONIO MILENA

RADICADO nos Estados Unidos desde que deixou o Brasil, no fim de dezembro, ainda antes do término de seu mandato presidencial, Jair Bolsonaro não dá sinais de que voltará tão cedo ao país. Embora tenha dito a aliados que sua temporada na Flórida terminaria no fim de janeiro, o ex-presidente pediu aos EUA um visto de turista, que, se concedido, permitirá a ele ficar mais seis meses no país — seu filho mais velho, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), chegou a falar que o pai pode não voltar "nunca". Enquanto o patriarca político da família segue sem previsão de re-

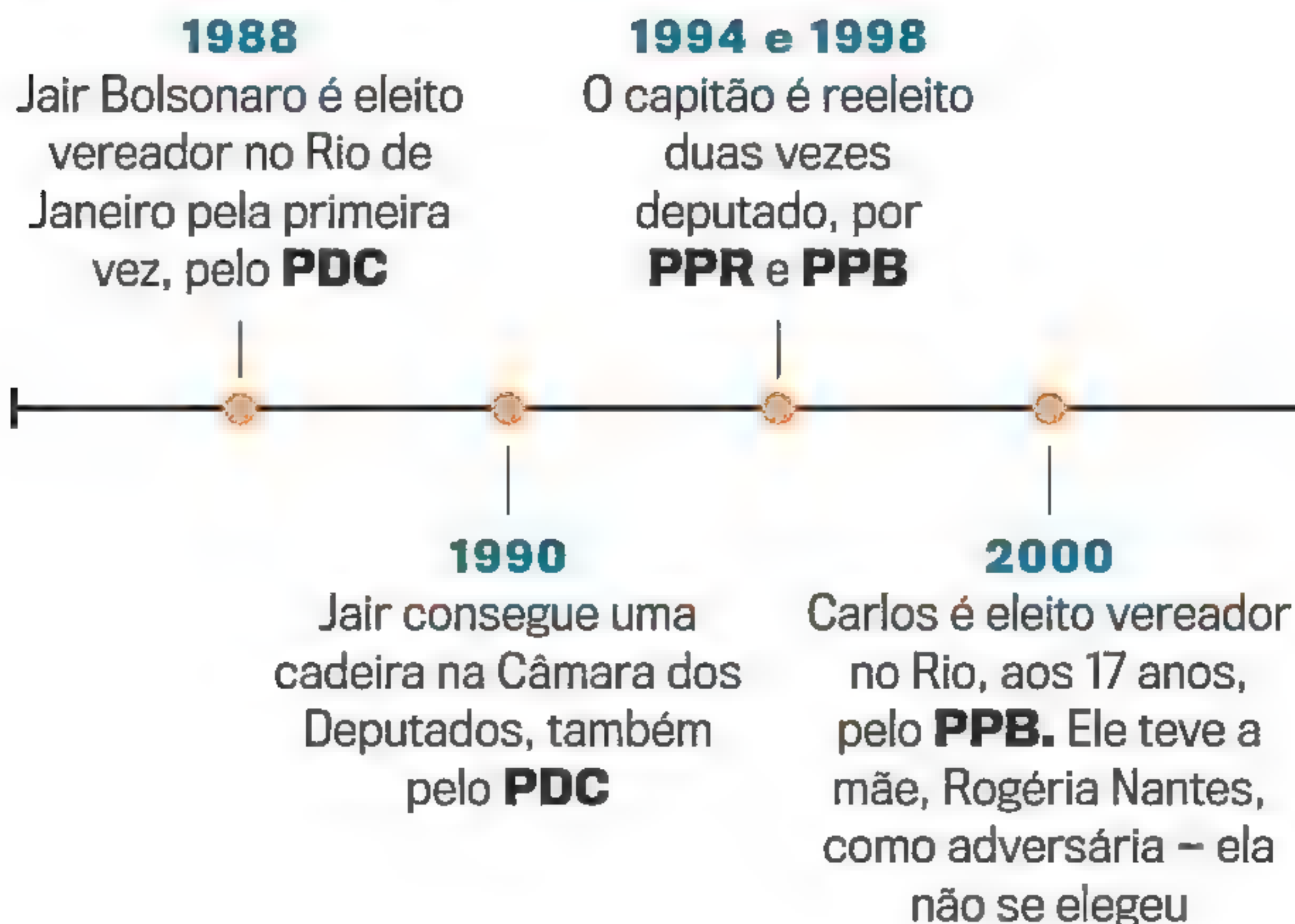
A TRAJETÓRIA DO CLÃ

Carreiras de Bolsonaro e filhos foram marcadas por trocas de partidos

1988
Jair Bolsonaro é eleito vereador no Rio de Janeiro pela primeira vez, pelo **PDC**

1990
Jair consegue uma cadeira na Câmara dos Deputados, também pelo **PDC**

1994 e 1998
O capitão é reeleito duas vezes deputado, por **PPR** e **PPB**

2000
Carlos é eleito vereador no Rio, aos 17 anos, pelo **PPB.** Ele teve a mãe, Rogéria Nantes, como adversária – ela não se elegeu

gresso, Flávio e o irmão deputado Eduardo Bolsonaro (PL--SP) voltaram ao trabalho em Brasília na quarta 1º, agora como parlamentares de oposição e com a missão de manter o bolsonarismo como catalisador da direita no cenário político. E não será tão simples. Primeiro porque, embora Jair tenha acabado de receber 58 milhões de votos na corrida pela Presidência, ele perdeu o cargo, é investigado em diversas frentes e pode ficar sem direitos políticos *(leia a reportagem na pág. 24)*. Segundo, porque os filhos farão o primeiro voo na política com o pai sem ter mandato — ele

era eleito seguidamente desde 1988 *(veja quadro abaixo)*. E terceiro: há muita gente, inclusive ex-aliados, interessada no espólio eleitoral do bolsonarismo.

Como se fosse uma organização militar, bem ao gosto do clã, cada Bolsonaro tem uma tarefa diferente na missão. Não raro classificado por opositores e aliados como o mais articulado politicamente e o mais maleável no trato entre os três filhos políticos do ex-presidente, Flávio é visto pelo bolsonarismo como uma peça-chave no Senado. A direita avançou em 2022 com a eleição de nomes como os

2010
Jair e Flávio são reeleitos deputados federal e estadual, pelo **PP**

2012
Carlos é reeleito vereador, de novo pelo **PP**

2014
Deputado mais votado no Rio (464 572 votos), Jair consegue o sétimo mandato, de novo pelo **PP**, enquanto Eduardo, pelo **PSC**, é eleito à Câmara dos Deputados por São Paulo; Flávio renova mandato na Alerj

2016
Flávio **(PSC)** fica em quarto lugar na eleição à prefeitura do Rio, com 14% dos votos; Carlos é o vereador mais votado na cidade (106 657 votos)

ex-ministros Rogério Marinho (PL-RN), Damares Alves (Republicanos-DF) e Marcos Pontes (PL-SP) e o ex-vice-presidente Hamilton Mourão (Republicanos-RS) e pode fazer da Casa um bunker para se organizar e renascer politicamente. O Zero Um articulou ativamente a candidatura de Rogério Marinho contra Rodrigo Pacheco (PSD-MG) pela presidência do Senado e, embora derrotado, viu o seu patrocinado conseguir 32 votos, mais de um terço dos senadores, o suficiente para criar muitas dores de cabeça ao governo Lula *(leia a reportagem na pág. 32)*.

2018
Jair Bolsonaro **(PSL)** vence o PT e chega à Presidência da República; Flávio é eleito senador e Eduardo se reelege com maior votação da história do país (1,8 milhão de votos)

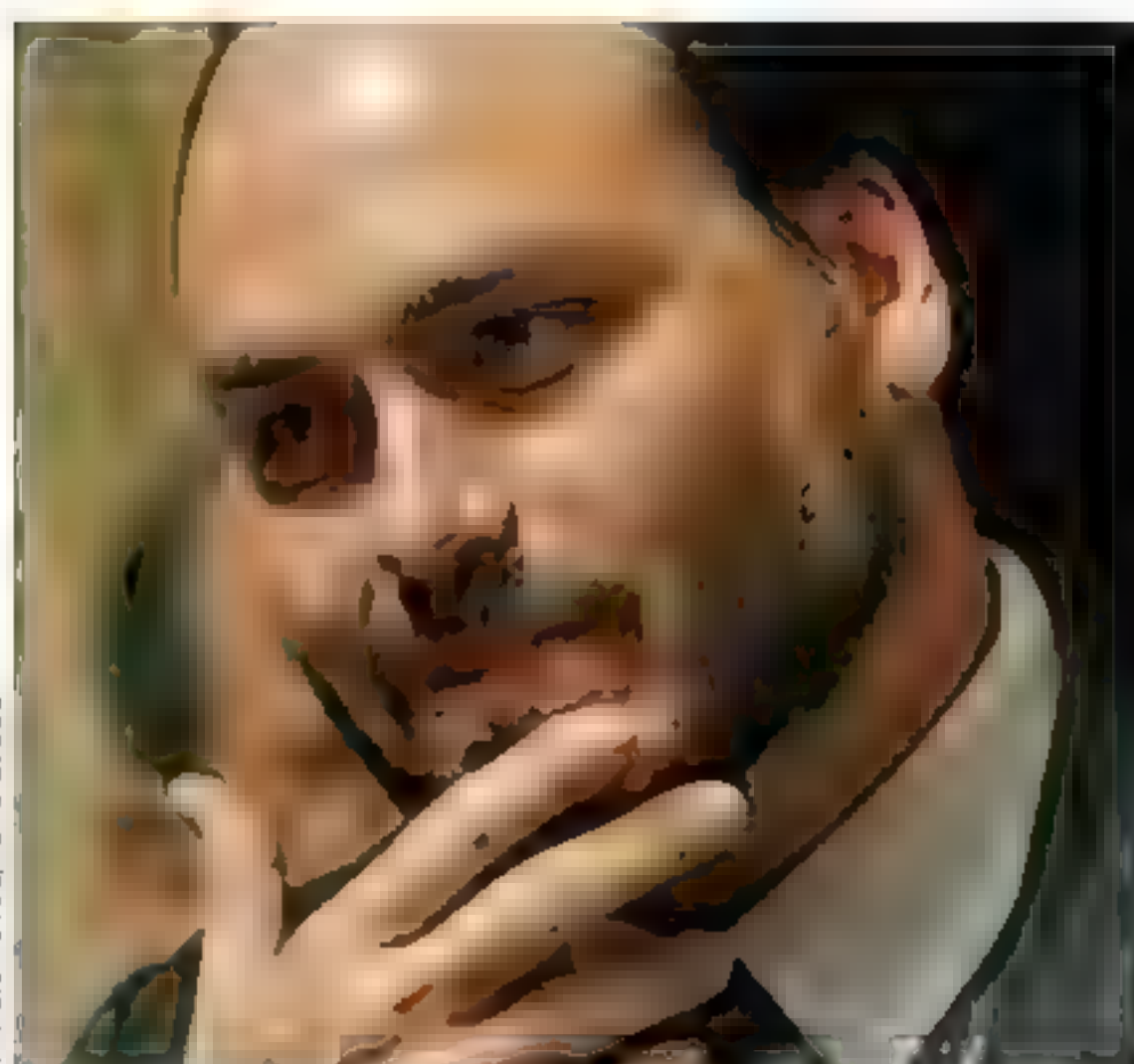
2020
Carlos, agora pelo **Republicanos,** consegue o sexto mandato de vereador, mas perde apoios e fica com 71 000 votos

2022
Jair Bolsonaro **(PL)** é derrotado por Lula e se torna o primeiro presidente a não conseguir a reeleição; Eduardo é reeleito à Câmara pelo **PL,** mas perde 1 milhão de eleitores (teve 741 701 votos)

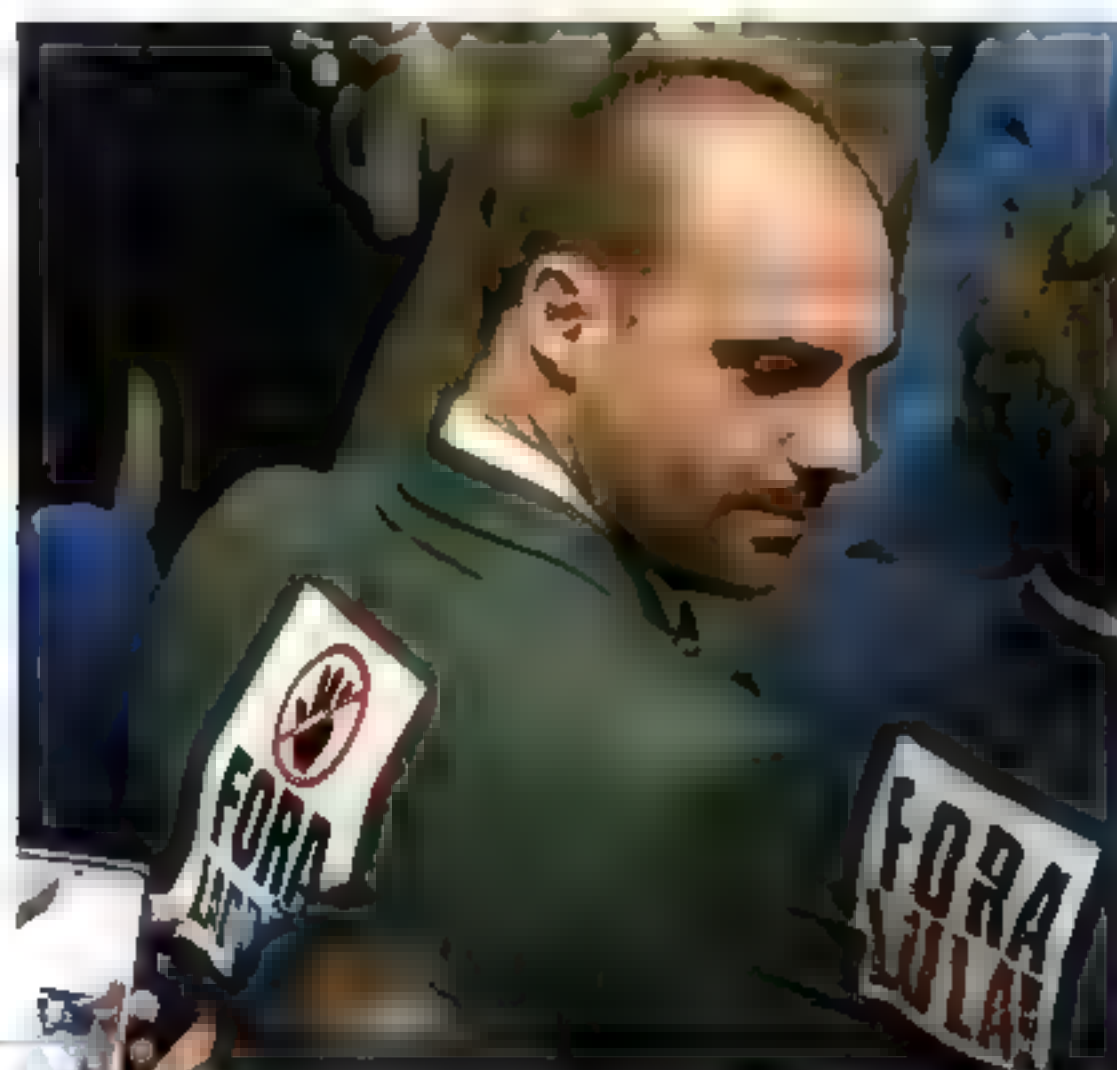
Em um PL dividido entre o Centrão raiz e a direita bolsonarista, Flávio é visto como "olhos e ouvidos" de Bolsonaro e contraponto ao presidente do partido, Valdemar Costa Neto — exemplo recente disso foi a reação negativa do senador às declarações de Valdemar de que havia documentos propondo golpe "na casa de todo mundo". Na volta ao debate político, Flávio mostrou ainda que busca protagonismo no PL ao se colocar à disposição do partido para disputar a prefeitura do Rio de Janeiro em 2024 — em 2016, ele ficou em quarto lugar. Se for para a disputa, será o primeiro teste do clã em uma eleição majoritária desde a derrota de Bolsonaro.

Na outra Casa do parlamento nacional, aliados esperam de Eduardo Bolsonaro mais protagonismo na oposição do que ele teve durante o governo do pai. O Zero Três será o líder da minoria na Câmara e desde já tem defendido o impeachment de Lula. Na posse para seu terceiro mandato, desfilou pelo plenário ostentando no paletó um adesivo com a inscrição "Fora ladrão". "Se antes Jair Bolsonaro batalhava praticamente sozinho, hoje a semente plantada lá atrás dá frutos. Vivemos tempos estranhos, mas a quadrilha do PT terá a maior oposição que já se viu", prometeu. Ele também deverá seguir articulando para aglutinar a militância e se manter como ponte entre o bolsonarismo e a direita internacional — ele é organizador da versão brasileira do fórum conservador CPAC e um interlocutor frequente do trumpismo. Há no PL até

WALDEMIR BARRETO/AG. SENADO

ZERO UM Flávio: articulador do PL no Senado e disposição para eleição em 2024

MARCIO ALVES/AG. O GLOBO

ZERO DOIS

Carlos: futuro político indefinido e problemas com o STF e o Ministério Público

ANDRE BORGES/EFE

ZERO TRÊS

Eduardo: líder da minoria na Câmara, ele promete oposição dura a Lula

quem espere demais de Eduardo. Ele tem sido citado por Valdemar Costa Neto como um potencial presidenciável caso o ex-presidente não seja candidato em 2026. A predileção do cacique por ele é avaliada como um recado a Flávio, em quem Valdemar vê alguma ameaça interna, sobretudo quando se trata de poder sobre o dinheiro do PL. Pelo mesmo motivo, ele vê com bons olhos as candidaturas da ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro e do governador mineiro Romeu Zema (Novo).

A maior preocupação do clã, por ora, é com o filho político talvez mais próximo a Bolsonaro. Sem mandato em Brasília, o vereador carioca Carlos Bolsonaro (Republicanos) segue nos EUA, como o pai. Ele deve continuar sendo o "cabeça" da comunicação do capitão nas redes sociais, mas o recomeço nessa função não poderia ter sido pior. Atribui-se a Carlos a publicação de um vídeo na conta de Bolsonaro no Facebook, nos dias seguintes ao 8 de janeiro, que trazia os dizeres de que Lula "foi escolhido e eleito pelo STF e TSE". A postagem foi apagada, mas fez com que Bolsonaro passasse a ser investigado no Supremo por incitação ao golpismo. O vereador também é investigado no STF por disseminação de *fake news*. Se durante o governo do pai já havia temor de que fosse alvo de alguma medida de Alexandre de Moraes, a apreensão aumentou com Bolsonaro fora do poder. Interlocutores do ex-presidente dizem que Carlos também tem receios quanto a sua segurança, o que poderia atrasar o retorno ao país. Ele te-

NATANAEL ALVES/PL

CORTEJADA Michelle: a ex-primeira-dama foi estrela de jantar do PL em Brasília

rá de renovar o seu mandato de vereador em 2024, mas nem isso é certo. De quebra, enfrenta uma investigação por rachadinha em seu gabinete que caminha para a fase final. O MP já recebeu todas as informações das quebras de sigilo bancário ordenadas em 2021. O volume envolve quase trinta pessoas, incluindo familiares e assessores, em um período extenso (ele é vereador há mais de vinte anos). A expectativa é que, até abril, o MP decida se denuncia Carlos à Justiça ou não

O bolsonarismo é, claro, uma força política bastante relevante, mas o seu futuro tem hoje mais dúvidas do que certezas. Uma delas é se o ex-presidente vai atuar como líder de oposição ou se seus pupilos conseguirão ajudá-lo a manter a hegemonia da direita conservadora. “A depender da habilidade que o governo Lula tiver, pode ser que os filhos de Bolsonaro fiquem muito isolados e não consigam cumprir essa função”, diz o cientista político Rui Tavares Maluf. O risco é grande porque há outros personagens importantes se movimentando no mesmo campo ideológico, como o próprio Zema ou o ex-aliado MBL, que anunciou a criação de um partido de direita distanciado do bolsonarismo. O pior dos mundos para os radicais seria o surgimento de uma direita forte que não precisasse de Bolsonaro. A missão principal dos filhos pode ser, ao fim, manter viva a influência (e o nome) do pai no jogo político. Não é pouca coisa. ■

Colaborou Reynaldo Turollo Jr.

MURILLO DE ARAGÃO

O PODER NO BRASIL DE HOJE

Cinco personagens decidirão o nosso rumo nos próximos dois anos

COM A ELEIÇÃO dos presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado, Arthur Lira e Rodrigo Pacheco, respectivamente, está completo o time dos personagens que vão determinar o rumo de nosso país nos próximos dois anos.

Além de Lira e Pacheco, integram a lista o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva; o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto; e o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, que é uma espécie de ombudsman da nação.

Não há muitas dúvidas sobre o poder de Lula como presidente. Por outro lado, existe a certeza de que o presidente da República manda menos do que mandava. É um fenômeno que vem ocorrendo de forma gradual em razão do exercício de poder crescentemente expandido do Congresso e do Judiciário.

Na escala de poder, Arthur Lira, como presidente da Câmara, é o segundo nome mais poderoso do país. Tanto por ser o grande agregador de maiorias na Casa quanto

por ter a palavra inicial no processo de impeachment do presidente da República. Lira tem ainda o poder "engavetador" de temas que não tenham consenso, além de imensa influência nos destinos do Orçamento da União.

Prosseguindo, temos Rodrigo Pacheco que tem poder semelhante ao de Lira, mas sem a capacidade de iniciar pedidos de impeachment presidencial. Caso a investigação seja aprovada na Câmara, o presidente é afastado do poder e aguarda, fora do cargo, o julgamento do Senado.

Na sequência, temos Roberto Campos Neto, presidente do Banco Central, que é o comandante das políticas cambial e monetária. De fato, é quem lidera o combate à inflação e tem imensa influência sobre os humores do mercado e as decisões de investimento.

Por fim, temos Alexandre de Moraes, que, pelo seu protagonismo e ascensão sobre a agenda do momento, assume

"Não há muitas dúvidas sobre o poder de Lula, mas o presidente manda menos do que mandava"

a liderança dentro do Judiciário em termos de influência política. Os demais ministros, em especial Rosa Weber, presidente do STF, também são importantes e se revezam com Moraes na participação no pentagrama do poder no país.

Alguns podem estranhar certas ausências entre os cinco mais poderosos. Porém o comando direto do país está entre os cinco que eu mencionei. A lista deve ser expandida com outros cinco que também se destacam: Fernando Haddad, ministro da Fazenda; Augusto Aras, procurador-geral da República; Tarcísio de Freitas, governador de São Paulo; Geraldo Alckmin, vice-presidente da República e ministro da Indústria e Comércio; e Rui Costa, chefe da Casa Civil da Presidência da República, que é uma espécie de secretário-geral do governo.

Como vemos, o núcleo duro de poder no Brasil é facilmente identificável. O quadro se completa com os ministros do STF, que, em face de seu poder monocrático, são decisivos, bem como mais alguns ministérios estratégicos, como os da Agricultura, Planejamento e Defesa, além de lideranças do Congresso.

O que parece limitado em termos de personagens revela uma fragmentação de poder única na história do país. Todos os poderes têm relevância na condução do Brasil. Historicamente, não foi assim. O fenômeno merece ser observado com atenção. Tanto por quem governa quanto por quem é governado. ■

LAR, DOCE LAR

Em prisão domiciliar, o ex-governador Sérgio Cabral revê familiares (inclusive a ex, Adriana Ancelmo), recebe auxílio financeiro e planeja o futuro **MAIÁ MENEZES** E **SOFIA CERQUEIRA**

INSTAGRAM @JESSICAGARGIONLOPES

FELIZ ANO NOVO Com o filho Marco Antônio, nora e netos: a primeira ceia de réveillon em família em seis anos

ENROSCADO em um extenso novelo de acusações, que incluem lavagem de dinheiro, corrupção ativa e passiva, evasão de divisas, fraude em licitações e organização criminosa, o ex-governador do Rio de Janeiro Sérgio Cabral foi o último dos investigados da Operação Lava-Jato a deixar a prisão, em dezembro, depois de seis anos. Réu em 35 ações, ele acumula 23 condenações que somam mais de 400 anos de pena, mas em todas ainda cabem recursos. O que o mantinha na cadeia eram mandados de prisão preventiva, situação que trocou agora pelo regime de prisão domiciliar. O direito de voltar às ruas, porém, ainda depende de uma decisão do Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF2), que ele prevê para as próximas semanas.

Enquanto aguarda, o ex-governador, segundo amigos, trabalha com quatro frentes para voltar à ativa. Uma delas é usar sua experiência para fazer marketing político. Também pensa em prestar consultoria no ramo, onde atuou durante 23 anos. Faz parte de seus projetos inaugurar um canal no YouTube para tratar de assuntos da atualidade. "Até hoje há pessoas que respeitam muito os seus conselhos", elogia o ex-presidente da Assembleia Legislativa do Rio Paulo Melo, que também já esteve preso. "Sem falar que ele tem uma cultura eclética, que vai do candomblé ao islamismo." Há ainda intenção de escrever uma autobiografia (sua história, aliás, vai virar série em uma plataforma de streaming, em fase de pré-produção) — caberia lugar de destaque no enredo ao emblemático apartamento de 360 metros quadrados no Le-

APROXIMAÇÃO Adriana: pazes com o ex, depois da separação turbulenta

blon, na frente do qual manifestantes montaram acampamento e onde foi preso em 2016, de propriedade de Adriana Ancelmo, a ex-mulher. A ideia de retornar ao imóvel, ao menos por ora, foi deixada de lado. Mesmo que 50% do aluguel seja retido pela Justiça, o restante irriga a conta da família.

Cabral vive hoje em um apartamento à beira-mar, em Copacabana, de 80 metros quadrados e serviço de flat (condomínio: 4 000 reais). Como a maior parte dos bens ligados à família, o lugar está encrencado na Justiça. Ele pertence à Araras Empreendimentos, empresa de sua primeira mulher, Susana Neves, que foi acusada de ter lavado dinheiro para o

ex, acabou absolvida, mas o Ministério Público recorreu. Arrolado como garantia de eventual indenização aos cofres públicos, o imóvel não pode ser vendido. Mas o morador não se queixa. “Meu pai conseguiu autorização para usar a área comum do condomínio em que está e não vai se mudar”, diz Marco Antônio, ex-deputado federal que não conseguiu se reeleger em 2022.

A retomada da normalidade possível anda de mãos dadas com a memória do passado de antes da cadeia. Dos companheiros do período de mandachuva fluminense, Cabral costuma mencionar duas mágoas insuperáveis: do prefeito do Rio, Eduardo Paes, pelo distanciamento mantido durante seus 2 223 dias de prisão, e do sucessor, Luiz Fernando Pezão, pela “péssima gestão” de seu suposto legado. “Se depender dele, morre sem falar com Pezão”, garante um aliado. Voltar à política não está nos planos, pelo menos enquanto não se ver livre da montanha de processos. Uma de suas obsessões no momento é questionar a parcialidade do juiz Marcelo Bretas, responsável pela Lava-Jato no Rio e autor da maioria das sentenças que lhe foram aplicadas. Alvo de um procedimento administrativo disciplinar por supostas falhas na condução de processos, Bretas será julgado pelo Conselho Nacional de Justiça neste mês e pode ser afastado do cargo. Isso contribuiria para a possível anulação de algumas ações contra Cabral, mas ele ainda não dormiria totalmente sossegado: se condenado nas outras instâncias, pode regressar ao xadrez.

GERAÇÕES Com o filho Marco Antônio e o pai, Sérgio: visitas permitidas, desde que não façam parte dos processos

Por isso, seus movimentos são lentos. O ex-governador pode retomar seus contatos, desde que a pessoa não esteja envolvida nos processos. Quem o viu afirma que se encontra melhor fisicamente do que quando entrou na cadeia, tendo se tornado um malhador contumaz e perdido 20 dos 114 quilos que tinha. A atividade física começou com o levantamento de pesos improvisados — cabos de vassoura e garrafas plásticas com água — no presídio Bangu 8. No Batalhão da PM em que passou os últimos meses, caminhava no campinho de futebol.

Nos primeiros tempos fora das grades, Cabral, que em 2018 chegou a ser transferido de cadeia diante da denúncia

MICHEL FILHO/AG. O GLOBO

MÁGOA Pezão: o sucessor se tornou inimigo do ex-governador

de haver montado um cineminha (com TV de 65 polegadas), já devorou várias séries, entre elas a espanhola *Machos Alfa* *(leia na pág. 62).*No rol das visitas que recebe regularmente estão o pai, o pesquisador e jornalista Sérgio Cabral — que sofre de Alzheimer —, os irmãos, Adriana e os filhos que tem com ela, agora com 17 e 20 anos. A ex-primeira-dama, que também passou um tempo na cadeia e em prisão domiciliar e sobre quem Cabral declarou ter conhecimento do esquema de caixa 2 no governo, já pode circular sem restrições, voltou à advocacia e se reaproximou do ex. "Somos muito amigos. Ele é pai dos meus filhos e eu não poderia ter

TOMAZ SILVA/AGÊNCIA BRASIL

OBSESSÃO Bretas: Cabral aposta no afastamento do juiz por imparcialidade

escolhido melhor", disse a VEJA.

À frente do governo estadual entre 2007 e 2014, Cabral se tornou um dos maiores símbolos de corrupção e ostentação no âmbito da Lava-Jato. A vida nababesca, que incluía o circuito Rio-Paris-Mônaco e escapulidas frequentes — no helicóptero oficial — para a casa de praia em Mangaratiba, no Rio, veio à tona durante as investigações. Entre outras extravagâncias, elas revelaram que Adriana havia ganhado um anel da joalheria Van Cleef & Arpels (de 1,2 milhão de reais em valores de hoje) pago por Fernando Cavendish, da construtora Delta, outro envolvido nas denún-

cias. O fausto, é claro, acabou. Pessoas próximas a Cabral, que teve seus imóveis, joias e carros leiloados pela Justiça, contam que ele se sustenta com uma vaquinha rateada entre parentes e amigos.

De tornozeleira, desfruta a vida fora da cadeia discretamente, nos limites do prédio onde mora. Cabral brindou a chegada de 2023 ao lado de pelo menos dez parentes, entre eles a família do filho mais velho, Marco Antônio, e de Adriana — ela, aliás, foi a responsável pela ceia da passagem de ano, com presunto, peru e bacalhau, sinal de que voltaram às boas depois da turbulenta separação. Ela também tem mandado entregar diariamente uma refeição para o ex. Aos poucos, Cabral reaprende a viver em liberdade — evidentemente, nada comparável aos tempos de outrora. ■

ANA BRANCO/AG. O GLOBO

DISTÂNCIA O endereço no Leblon: plano de voltar foi abandonado

PAUTA ROSA-CHOQUE

A presidente do STF divulga um calendário que sugere maior discrição do tribunal, mas temas como aborto e direito indígena a terras prometem apimentar a agenda **REYNALDO TUROLLO JR.**

FIRMEZA Rosa Weber: a presidente da Suprema Corte abriu o ano prometendo punição a golpistas que destruíram o prédio

FELIPE SAMPAIO/BRAZILIAN SUPREME COURT/AFP

CONHECIDA pelo perfil discreto e pouco afeita a declarações públicas, ao mesmo tempo que sustenta posições firmes em defesa da democracia e da legitimidade do Judiciário para arbitrar os grandes conflitos da sociedade, a presidente do Supremo Tribunal Federal, Rosa Weber, anunciou uma lista de julgamentos para o primeiro semestre que frustrou quem esperava o avanço de uma agenda progressista. A primeira pauta divulgada pela magistrada, que chefia o Supremo desde setembro, não embute nenhum caso capaz de provocar grande comoção. O gesto foi interpretado como uma forma de propiciar alguma distensão no cenário político ao tirar do foco o STF, um dos alvos mais visados na intentona golpista que varreu Brasília em 8 de janeiro. Mas poderá não ser como parece. Com previsão de ficar no cargo até setembro — ela completará 75 anos em 2 de outubro e terá de se aposentar —, a ministra deve pôr em discussão até lá dois temas com potencial para recolocar a Corte no centro de uma polêmica nacional.

Um desses assuntos é uma bola cantada desde que Weber assumiu a presidência. Ela poderia ter repassado o caso a outro ministro, mas manteve sob sua guarda um processo que discute a flexibilização da legislação sobre aborto, um tópico rechaçado pelo público conservador, que fez disso um dos temas da eleição. Weber é relatora de uma ação que pede a descriminalização da interrupção da gravidez até a 12ª semana de gestação. É dado como certo que a ministra — que fez audiências públicas para debater o assunto com especialistas e entidades da sociedade civil — não deixará a Corte sem apresentar o vo-

NELSON JR./SCO/STF

POLÊMICAS Protesto no Supremo pela rejeição do marco temporal *(no alto)* e ato em SP contra a interrupção de gravidez: os assuntos serão debatidos em 2023

CRIS FAGA/NURPHOTO/GETTY IMAGES

to que vem preparando. Ainda que o julgamento não termine (algum colega pode pedir vista, por exemplo), Weber, que é a terceira mulher a presidir o STF, quer ter a oportunidade de deixar sua marca na história da discussão desse tema. Em 2016, ao julgar um caso específico, ela votou por descriminalizar a prática até o terceiro mês de gravidez.

Outra potencial polêmica é a demarcação de terras indígenas, que teve a sua temperatura elevada com a crise humanitária vivida pelos ianomâmis em razão da invasão de garimpeiros. Weber se comprometeu com entidades dos povos originários a concluir neste ano o julgamento do chamado marco temporal, o que deve impactar uma série de processos de demarcação. Pela tese, defendida por proprietários rurais e rechaçada pelos indígenas, estes últimos somente teriam direito às terras que já estavam em sua posse na promulgação da Constituição, em 5 de outubro de 1988. A análise começou em 2021 e foi suspensa por um pedido de vista de Alexandre de Moraes. Já votaram os ministros Edson Fachin (contra o marco) e Nunes Marques (a favor). Para ter uma ideia do potencial do caso, em maio de 2022, o presidente Jair Bolsonaro disse que, se o marco temporal fosse anulado, ele não iria acatar. “Tem uma ação levada avante querendo um novo marco temporal. Se conseguir vitória nisso, me restam duas coisas: entregar as chaves ao Supremo ou falar que não vou cumprir.”

O esvaziamento político da pauta de Weber não quer dizer, no entanto, que os casos nela colocados não sejam relevantes. Há discussões importantes nas áreas tributária e tra-

balhista, sobre a correção monetária do FGTS e em relação a procedimentos de investigação criminal, como o acesso de policiais a celulares encontrados em locais de crime sem prévia autorização judicial. Nenhuma delas, no entanto, tem potencial para colocar o STF em choque com a parcela da sociedade que, embalada pela pregação bolsonarista, elegeu o tribunal como inimigo. O mais próximo disso é uma ação que discute a concessão de licença-maternidade para a mãe homoafetiva não gestante cuja companheira tenha feito inseminação artificial.

A elaboração da pauta do plenário, por onde passam alguns dos assuntos mais relevantes do país, é um dos instrumentos de poder do presidente do STF, que costuma levar em conta aspectos como a conveniência política e o ambiente social. Ao anunciar um calendário ameno neste início de ano, Weber quis evitar que ele fosse interpretado como uma resposta direta ao ataque golpista. A avaliação de que o momento deveria ser de pacificação é compartilhada por outros ministros. Apesar disso, Weber foi enfática ao assegurar que os responsáveis pelo quebra-quebra serão punidos. “Assevero, em nome do Supremo, que, uma vez erguida da Justiça a clava forte sobre a violência cometida (...), os que a conceberam, os que a praticaram, os que a insuflaram e os que a financiaram serão responsabilizados com o rigor da lei”, disse ao abrir o ano judiciário. Sejam quais forem os julgamentos, o importante é que o STF possa realizá-los com independência e sem ameaças. É o que manda a Constituição. ■

SEM FRONTEIRAS

As principais economias do mundo buscam debelar a inflação, mas uma combinação de fatores deve manter os preços em elevação por longo tempo, inclusive no Brasil

LUANA ZANOBIA

RISCO Bomba internacional: bancos centrais longe das metas

STOCK/GETTY IMAGES

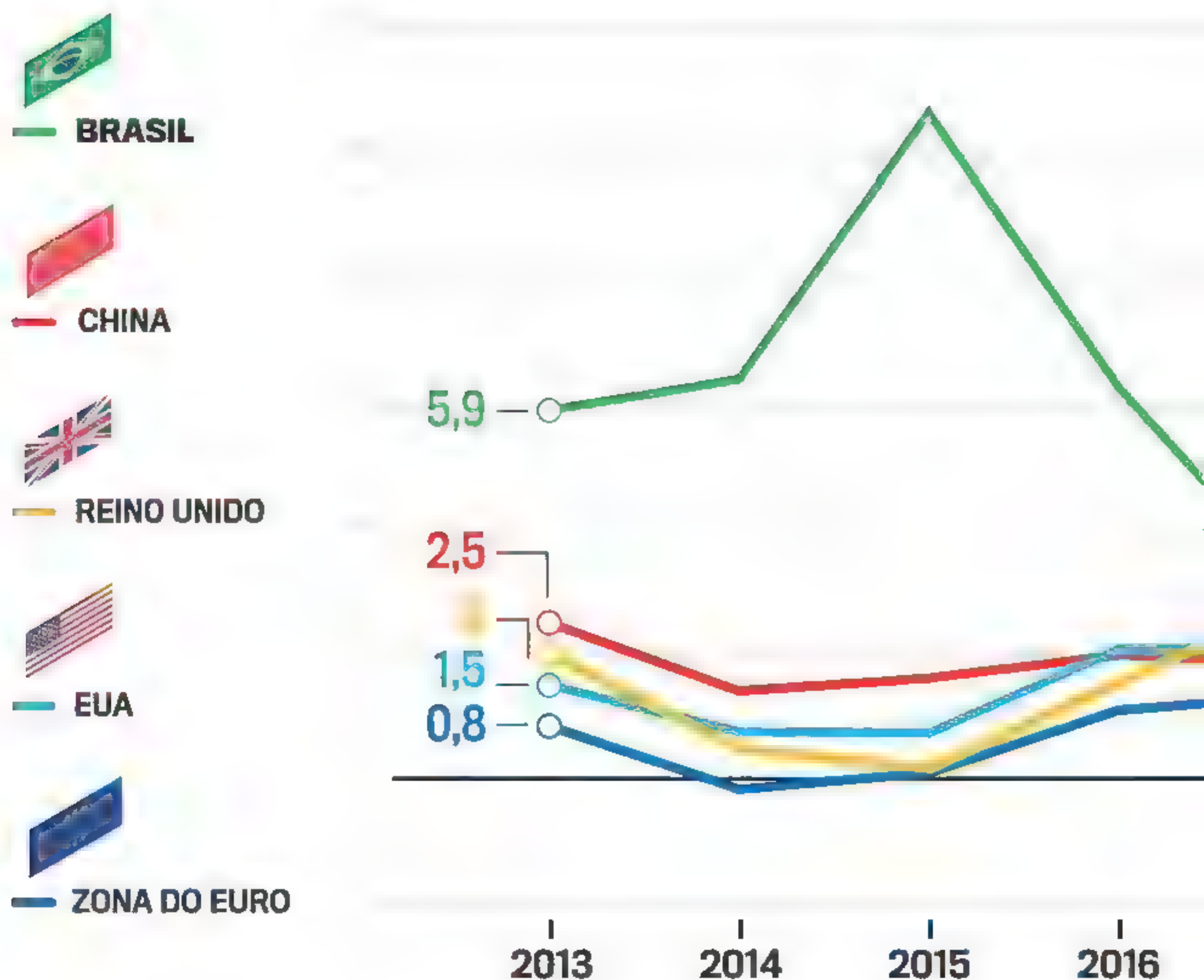
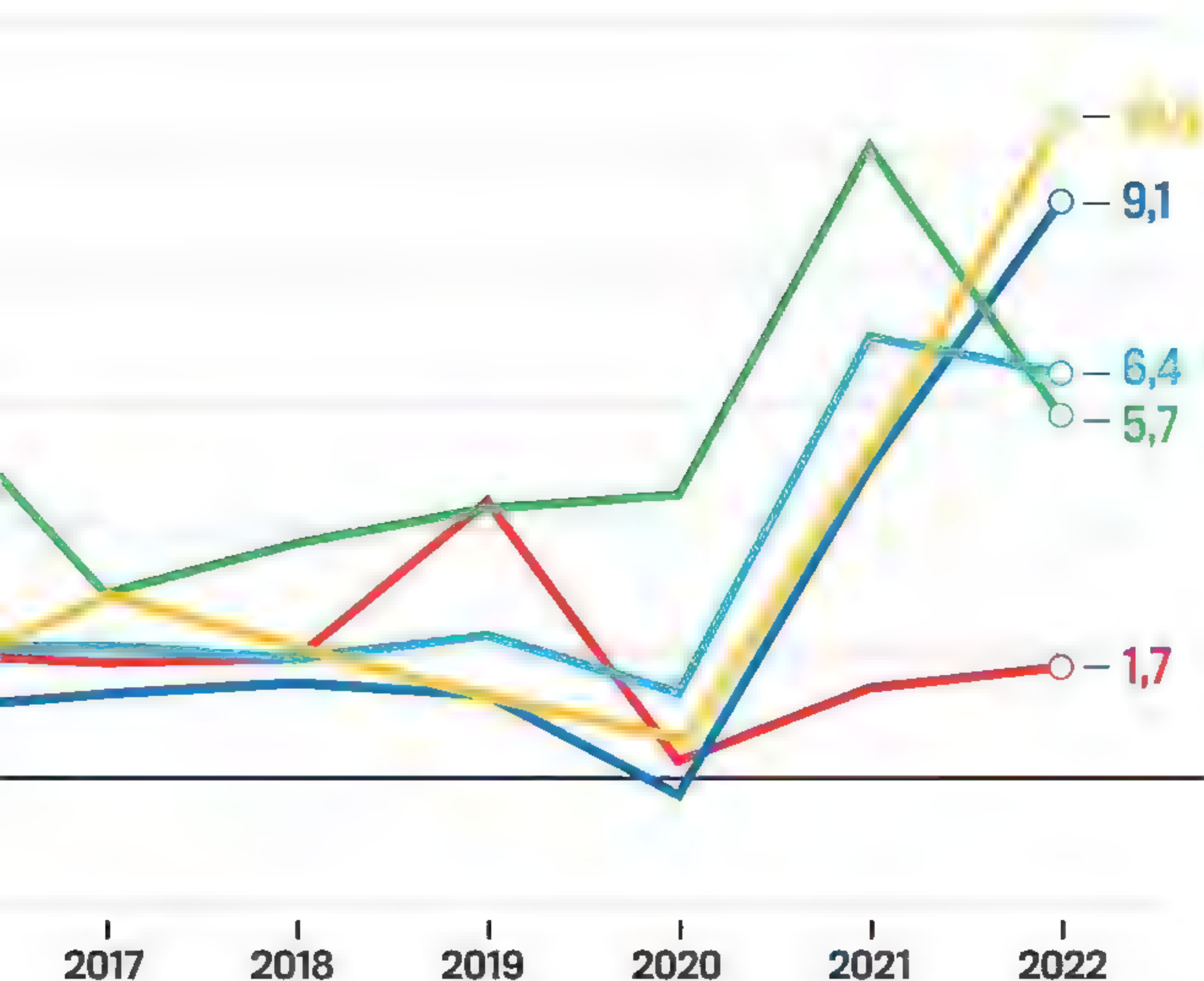
A inflação é uma força capaz de causar mudanças profundas e que recebe especial atenção dos economistas por sua complexidade. O prócer do liberalismo moderno, Milton Friedman (1912-2006), costumava compará-la a um veneno que se espalha lenta e gradualmente, contaminando negativamente a economia. O britânico John Maynard Keynes (1883-1946), por sua vez, usava a imagem de uma bola de neve, que começa pequena, mas rapidamente se torna uma avalanche de problemas. Combater o problema não é fácil, pois o oposto da inflação, a chamada deflação, pode acarretar baixo crescimento e estagnação da atividade econômica. Não à toa, autoridades monetárias dos quatro cantos do globo e especialistas se dedicam a esmiuçar de forma incansável suas dinâmicas em busca de mecanismos de controle que permitam ajustes refinados e multifatoriais. Tal esforço mostrou-se frutífero, dada a estabilidade que os países mais ricos alcançaram nas últimas décadas. Isso até a eclosão da pandemia de Covid-19, em 2020. Os *lockdowns* espalhados pelo planeta e o tranco da retomada que se seguiu provocaram um desarranjo na economia que os especialistas definem como choque de oferta, quando o desequilíbrio entre a capacidade de produção e a demanda catapulta os preços de bens, produtos e serviços.

Não bastasse tamanho baque, a invasão da Ucrânia pela Rússia, há um ano, abalou com força a economia global

principalmente no que diz respeito ao fornecimento de combustíveis, energia e commodities agrícolas.

Como resultado, a zona do euro alcançou a maior inflação da sua história, com uma alta de 10,62% no acumulado de doze meses até outubro do ano passado, e os Estados Unidos enfrentaram uma alta persistente de 6,4% em 2022, ca-

PRESSÃO GLOBAL

Inflação mudou de patamar nos últimos anos (em %)

paz de atrapalhar os planos políticos do presidente Joe Biden. Já o Brasil atingiu um preocupante índice de 10,06% em 2021, enquanto no ano passado o IPCA ficou em 5,79%, ainda acima da meta estipulada de 3,5% pelo BC. Em escala global, estima-se que o índice de inflação seguirá no patamar de 5%, nos países desenvolvidos, mais que o dobro do

Fontes: *Banco Mundial, Banco Central Europeu, Federal Reserve (Fed), Banco Central do Brasil e IBGE*

registrado nos últimos anos. Mais do que um desarranjo episódico, o fenômeno já é encarado por economistas, empresários e financistas como uma realidade que deve perdurar por um prazo ainda indefinido.

Como efeito sintomático dessa preocupação, os bancos centrais sinalizam claramente que vão seguir com os juros em alta, a principal ferramenta para manter o dragão inflacionário sob algum controle. Na quarta-feira, o Federal Reserve, banco central americano, divulgou a decisão de elevar os juros em 0,25 ponto porcentual, para 4,75%, e que continuará o aperto até atingir o seu objetivo de 2% de inflação (em dezembro, o índice bateu em 6,45%, considerando-se os doze meses anteriores). No dia seguinte, o Banco da Inglaterra elevou a taxa no país para 4%, a maior desde a crise global de 2008. No Brasil, o BC manteve, no dia 1º, a Selic em 13,75%, e indicou que a taxa permanecerá nesse patamar elevado por mais um bom período, devido à conjuntura "particularmente incerta no âmbito fiscal" e a "uma maior persistência das pressões inflacionárias globais". Os efeitos desse aperto em escala mundial já são perceptíveis e a inflação deve ceder um tanto. Mas muitos especialistas apontam que o cenário global está longe de ser estável, o que torna o combate mais penoso do que foi no passado.

Os Estados Unidos e a Europa, assustados com o tamanho da dependência à qual estão expostos frente a rivais do porte da China e da Rússia, pretendem voltar a fabricar produtos e gerar energia em seu próprio território (ou em vizi-

CHIP SOMODEVILLA/GETTY IMAGES

PROBLEMAS À VISTA O presidente americano Joe Biden: a inflação reduziu seu capital político e ameaça a reeleição

nhos mais confiáveis). Trata-se de uma reversão do processo de globalização das últimas décadas, que faz a questão do custo tornar-se secundária, principalmente no que diz respeito ao emprego de um contingente de mão de obra com remuneração mais elevada. "A rivalidade estratégica entre Estados Unidos e China e a guerra Rússia-Ucrânia estão reconfigurando as cadeias de suprimentos. Mas, ao mesmo tempo que cria oportunidades para outras economias emergentes, esse processo de realinhamento resulta em investimentos redundantes e custos bem mais altos", diz Sara

ANGEL GARCIA/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

CUSTO DE VIDA ELEVADO Mercado na Espanha: a região sofre com inflação recorde, impactada por alimentos e energia

Johnson, diretora-executiva de pesquisa econômica da S&P Global Market Intelligence.

Em meio à complexa dinâmica que engendra a inflação nas economias, ainda têm grande potencial de impacto fatores como o processo de transição energética para fontes mais limpas de energia. A substituição do petróleo tem exigido pesados investimentos que só serão recompensados em cerca de uma década, à medida que antigas refinarias começarem a diminuir de relevância frente às imensas instalações para a geração de energia eólica ou solar. Da mes-

RUPTURA LOGÍSTICA Porto na China: gargalos durante a pandemia estimulam uma desglobalização

ma forma, o impacto ambiental da exploração econômica conjugado às incontestáveis alterações climáticas que acontecem pelo planeta consiste em uma ameaça à produtividade da agricultura e da pecuária e podem ocasionar escassez. Secas, chuvas excessivas e desequilíbrios de temperatura prometem causar, em longo prazo, elevação nos preços das commodities.

Em janeiro, no Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça, o executivo alemão Christian Ulbrich, CEO do grupo imobiliário internacional JLL, delineou a nova reali-

dade que ele e seus pares preveem para o mundo dos negócios. “A inflação veio para ficar e isso terá impacto severo em nossa realidade, em que seremos obrigados a lidar com índices bem mais elevados que os do passado recente”, disse. Alguns respeitados economistas seguem na mesma linha de raciocínio. Olivier Blanchard, ex-economista-chefe do Fundo Monetário Internacional (FMI), defende a ideia de que os países ricos adotem uma nova meta de inflação na casa dos 3% e ressalta que o atual processo de estabilização da economia pode ser mais difícil do que se imagina. “A questão é até que ponto as últimas décadas, caracterizadas por uma inflação estável e que não tiveram nada parecido com a epidemia de Covid-19 ou a invasão da Ucrânia, são parâmetros confiáveis para o futuro. Há boas razões para duvidar”, escreveu em artigo publicado no Instituto Peterson para Economia Internacional.

No Brasil, que já conviveu com a hiperinflação mas experimentava uma confortável baixa nos índices nos últimos anos, a recidiva do velho dragão é motivo de severa preocupação. Se por um lado a política de mão de ferro de juros altos exercida pelo presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, conseguiu controlar o pior momento, em 2021, quando o índice ficou em 10,06%, o atual governo começa a pressionar por mudanças. Em seu primeiro mês de mandato, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva vem tecendo críticas à taxa elevada, que em sua visão prejudica a evolução da atividade econômica. As reclamações encontraram

ANDRE COELHO/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

ROTA DE CHOQUE Campos Neto, do BC, e o ministro Fernando Haddad: juros altos estão sob pressão do governo, apesar dos riscos de descontrole nos preços

ETTORE CHIEREGUINI/AGIF/AFP

eco em declarações recentes do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, e do vice-presidente da República e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic), Geraldo Alckmin. Além disso, Lula passou a palpitar também a respeito das metas de inflação estabelecidas pelo Banco Central, que cairá para 3% em 2024 e 2025, patamar bem inferior que o alvo das gestões petistas anteriores. A meta é definida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), colegiado que deverá se reunir em junho para definir a meta de inflação de 2026. Muitos acreditam que a reunião, da qual participarão Haddad, Campos e a ministra do Planejamento, Simone Tebet, poderá revisar para baixo o índice já estabelecido para o próximo ano. O governo diz que, por enquanto, não há nenhuma discussão técnica para uma alteração, a qual seria malvista pelo mercado, por passar a mensagem de que o governo não está tão interessado em ajudar o BC a controlar a inflação.

A ideia de o governo pedir a flexibilização das metas depois de estabelecidas não agrada a uma grande ala de economistas, e não apenas por mudar os parâmetros com a batalha ainda em andamento, mas também por sinalizar um interesse do Poder Executivo de intervir no BC, entidade que conquistou sua autonomia que a blinda de interferências políticas há apenas dois anos. Discussões de mudanças de metas devem ser tratadas em caráter mais técnico possível. Afinal, quando políticos entram na conversa, o efeito costuma ser o reverso do desejado. Na última segun-

ANDRÉ BORGES/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

DESEQUILÍBRIO Posto de combustível: cotações internacionais das commodities como o petróleo são fatores de preocupação

da-feira, 30, depois das declarações de Lula sobre juros e inflação, as projeções de mercado passaram a apontar para um índice de 5,74% para este ano, uma alta de 0,26 ponto frente à da semana anterior e de 0,43 ponto em relação a dezembro — isso com uma meta prevista de 3,25%. É um sinal evidente da fragilidade brasileira em um mundo onde os efeitos sombrios da nova onda inflacionária devem demorar para se dissipar. ■

A HORA E A VEZ DOS BLINDADOS

Estados Unidos e Europa enfim atendem aos insistentes pedidos ucranianos de fornecimento de tanques de guerra, adotando sua posição mais ofensiva desde o início do conflito com a Rússia

CAIO SAAD

SEM TRÉGUA Zelensky: mais ajuda diante da expectativa de intensificação iminente dos combates

UKRAINIAN PRESIDENT AL PRESS SERVICE/AFP

resistência feroz das Forças ucranianas no campo de batalha, capaz de deter o avanço dos invasores russos, contou, desde o dia 1º, com a colaboração dos aliados europeus e americanos que integram a Otan, a aliança militar ocidental, que antes mesmo de o conflito explodir, há um ano, já estocavam armamentos e executavam treinamento na Ucrânia. Em matéria de poder de fogo, porém, a seleção do equipamento bélico a ser doado se deu a conta-gotas, cuidado justificado pela preocupação de Europa e Estados Unidos em não passar a impressão de estarem em guerra com a Rússia. As primeiras remessas, largamente defensivas, envolveram mísseis antitanques e antiaéreos. Seguiram-se sistemas de artilharia com foguetes de precisão, mas de alcance limitado. Agora, atendendo a insistentes pedidos do presidente Volodymyr Zelensky, a cooperação muda de figura e aponta diretamente para as tropas invasoras, com a entrada em cena de poderosos tanques de guerra.

O primeiro a seguir essa trilha foi o Reino Unido, com o compromisso de despachar um punhado de seus Challenger 2 para o campo de batalha. Depois de muito hesitar em se lançar em um conflito armado (uma espécie de tabu no país que detonou duas guerras mundiais), foi a vez de a Alemanha concordar em enviar para a Ucrânia seus Leopard 2, os mais cobiçados por unir praticidade e alta tecnologia, e liberar outros países a fazer o mesmo com os modelos de sua propriedade. Logo depois, os Estados Unidos anunciaram o fornecimento de seus Abrams, os mais potentes do mundo

LEOPARD 2A4
(Alemanha)

Início das operações: 1985
Tripulação: 4 pessoas
Peso: 62 toneladas
Velocidade máxima: 72 km/h
Diferencial: um sensor térmico capta imagens com alta definição até no escuro

WOJTEK RADWANSKI/AFP

(veja abaixo a comparação entre as duas máquinas de guerra). "Isso vai ajudar a Ucrânia a defender seu povo e proteger seu território. Não é uma ameaça ofensiva à Rússia", contemporizou o presidente Joe Biden, fazendo de conta que a presença dos blindados não representa uma guinada nas posições relativas das partes envolvidas no confronto.

No total, a Ucrânia deve receber "entre 120 e 140" blindados pesados, segundo cálculo do ministro das Relações Exteriores, Dmytro Kuleba — bem menos do que os 300 que o

M1 ABRAMS (Estados Unidos)

Início das operações: 1986
Tripulação: 4 pessoas
Peso: 67,6 toneladas
Velocidade máxima: 68 km/h
Diferencial: conta com uma blindagem de urânio antiexplosões

JONATHAN NACKSTRAND/AFP

país julga necessários. A Rússia, evidentemente, chiou. "Tudo o que a Otan fizer será considerado por Moscou como uma participação direta no conflito", disse o porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, elevando a tensão diante da sempre presente ameaça russa de recorrer a armas nucleares.

O envio dos blindados à Ucrânia faz parte dos preparativos para uma esperada e supostamente iminente investida militar russa para tentar fechar o cerco na disputada região de Donbas, no leste da Ucrânia, que o presidente Vladimir

Putin anexou à Rússia em setembro, mas sobre a qual não tem total controle. Depois de seus soldados darem vexame no campo de batalha e de passar os últimos meses na defensiva, tentando não perder o que já ocupou, o Kremlin parece estar encaminhando batalhões e equipamentos em massa na direção do terço da Ucrânia que controla. A expectativa é de combates intensos a partir deste mês — no dia 24, a invasão completa um ano —, prolongando-se ao longo da primavera no Hemisfério Norte. Para redefinir a fronteira entre os dois países, Putin estaria disposto a enfrentar o desgaste de uma escalada de mortos em combate.

Os tanques certamente ajudarão a resistência ucraniana (embora seja uma força reduzida diante do poderio russo), mas ainda demoram a entrar em combate. O treinamento para seu uso e manutenção já começou e dura em média seis semanas. Os primeiros blindados britânicos devem chegar no fim de março e os alemães, no início de abril. Não há prazo para a entrega dos Abrams americanos, que necessitam de 22 semanas de treinamento e prazo para cruzar o oceano. Quando chegarem, certamente farão diferença: até hoje, apenas nove Abrams foram destruídos, sete em incidentes de fogo amigo e dois explodidos para evitar que fossem capturados na guerra do Iraque, em 2003.

A entrada dos tanques no conflito enfraquece, pelo menos temporariamente, a aposta de Putin de que o Ocidente vai se cansar de apoiar a Ucrânia e reduzir seu envolvimento. "Trata-se de um caso clássico de guerra por procuração,

RICARDO STUCKERT

RAPAPÉS Visita ao Planalto: "Vocês fizeram falta, caro Lula", disse o chanceler Scholz

EM BUSCA DE BONS NEGÓCIOS

Às vésperas de partir para um périplo por Argentina, Chile e Brasil, o chanceler alemão Olaf Scholz declarou: "A América Latina tem um potencial inacreditável". Não era a primeira vez. Em visita ao Brasil em 2013, como prefeito de Hamburgo, já havia declarado que a região apresentava "um potencial incrível". Superlativos à parte, Scholz, acompanhado de uma vasta comitiva de industriais, percorreu as três maiores economias sul-americanas atrás de bons negócios para uma Alemanha abalada pela conjunção de efeitos da pandemia e da guerra na Ucrânia. Sem falar na concorrência chinesa – só no Brasil, a participação dos produtos alemães nas importações caiu pela metade nos últimos vinte anos (está em 5,1%), enquanto a Chi-

na subia ao topo do pódio (22,8%). "A relação comercial entre os dois países desmoronou", diz um relatório da Fundação de Ciência e Política, de Berlim.

Na passagem pelo Planalto, na segunda-feira 30, a primeira de um líder alemão desde 2015, Scholz não poupou rapapés. "Vocês fizeram falta, caro Lula", declarou, deixando clara a satisfação com a troca de governo. Se em Buenos Aires, com discussões sobre a exploração do lítio, e em Santiago, com a criação de uma "força-tarefa hidrogênio" para suprir a demanda alemã do produto, o chanceler e sua comitiva debateram propostas concretas, em Brasília as questões se mostraram mais simbólicas.

A estrela oficial do encontro foi o Fundo Amazônia, desativado desde 2019 devido à má gestão ambiental do ex-presidente Jair Bolsonaro e agora ressuscitado com o aporte de 192 milhões de reais da Alemanha (parte de um pacote de 1 bilhão de reais para o meio ambiente). Falou-se sobre o adormecido acordo comercial entre União Europeia e Mercosul, que Lula prometeu fechar "até o fim do semestre", e sobre uma maior cooperação tecnológica – mais de 1000 empresas da Alemanha atuam no Brasil, o que faz de São Paulo o maior polo industrial alemão fora do país. Foi, na descrição do telejornal *Tagesschau*, uma "ofensiva de charme". Resta ver se, depois dela, a relação Alemanha-Brasil conseguirá explorar, enfim, seu "potencial inacreditável".

Amanda Péchy

na qual estrangeiros dão dinheiro, armas e outros tipos de apoio, mas não arriscam a vida de seus soldados e civis", argumenta Monica Duffy Toft, diretora do Centro para Estudos Estratégicos da Universidade Tufts, nos Estados Unidos.

Washington já despejou 50 bilhões de dólares em ajuda à Ucrânia, prometendo mais 3,1 bilhões este mês. Até o Brasil entrou na parada quando, em janeiro, o governo alemão sugeriu que fornecesse munição de seu arsenal para os Leopard 2 — pedido não atendido pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Segundo funcionários do alto escalão militar ouvidos por VEJA, Lula "não quer se envolver em algo que não lhe diz respeito", ainda mais por resvalar em risco para a agricultura, dependente dos fertilizantes da Rússia. Em visita a Brasília (*leia acima*), o chanceler Olaf Scholz voltou ao assunto e ouviu do presidente um ambíguo "quando um não quer, dois não brigam".

Além de atender à preocupação imediata de conter a esperada ofensiva russa, o envio de tanques à Ucrânia também se insere em uma estratégia de segurança de mais longo prazo para a Europa. "A ideia é que a Ucrânia adquira uma força de dissuasão contra ataques futuros de uma Rússia rearmada e revanchista", diz o analista militar Frank Ledwidge, da Universidade de Portsmouth, no Reino Unido. Tendo obtido tanques, Kiev agora se empenha em convencer os aliados a ceder caças para a sua Força Aérea. Na prática, é o início de um novo capítulo na guerra sangrenta que não dá sinais de estar perto do fim. ■

VILMA GRYZINSKI

A BATALHA DA TROCA DE CHIP

Confronto entre Estados Unidos e China acelera desglobalização

VOCÊ SABE o que é nitreto de gálio? Enquanto discutimos políticas econômicas da era do silício lascado, Estados Unidos e China enfileiram as armas para a guerra dos semicondutores — o nitreto de gálio potencializa o desempenho dos minúsculos chips sem os quais o mundo para. Como se tivesse despertado de um torpor de anos, os americanos não estão mais dispostos a deixar a China imitar, copiar, sugar e fabricar o dispositivo que tem 95% de seu desenvolvimento feito nos EUA. E também estão alegremente enterrando alguns princípios consagrados durante a era da globalização. Precisam de subsídios para atrair o gigante taiwanês dos chips para fabricar produtos avançados? Tomem 50 bilhões de dólares para uma fábrica no Arizona. Precisa de uma justificativa para a intervenção governamental? Ouçam as palavras do secretário de Estado, Antony Blinken: "O mundo pós-Guerra Fria chegou ao fim e está em andamento uma intensa competição para definir o que virá a seguir. E no cerne dessa competição está a tecnologia. A tecnologia rees-

truturará as economias de várias maneiras. Vai reformar nossas Forças Armadas. Vai reformatar a vida das pessoas. E, portanto, é uma fonte profunda de fortaleza nacional".

Precisa explicar por que as exportações de semicondutores usados nos algoritmos da inteligência artificial (IA) estão proibidas para a China? Pois leiam o documento de 139 páginas do governo americano expondo muito bem os motivos para controlar um produto que vai estabelecer quem ganha a guerra tecnológica e dominar o mundo.

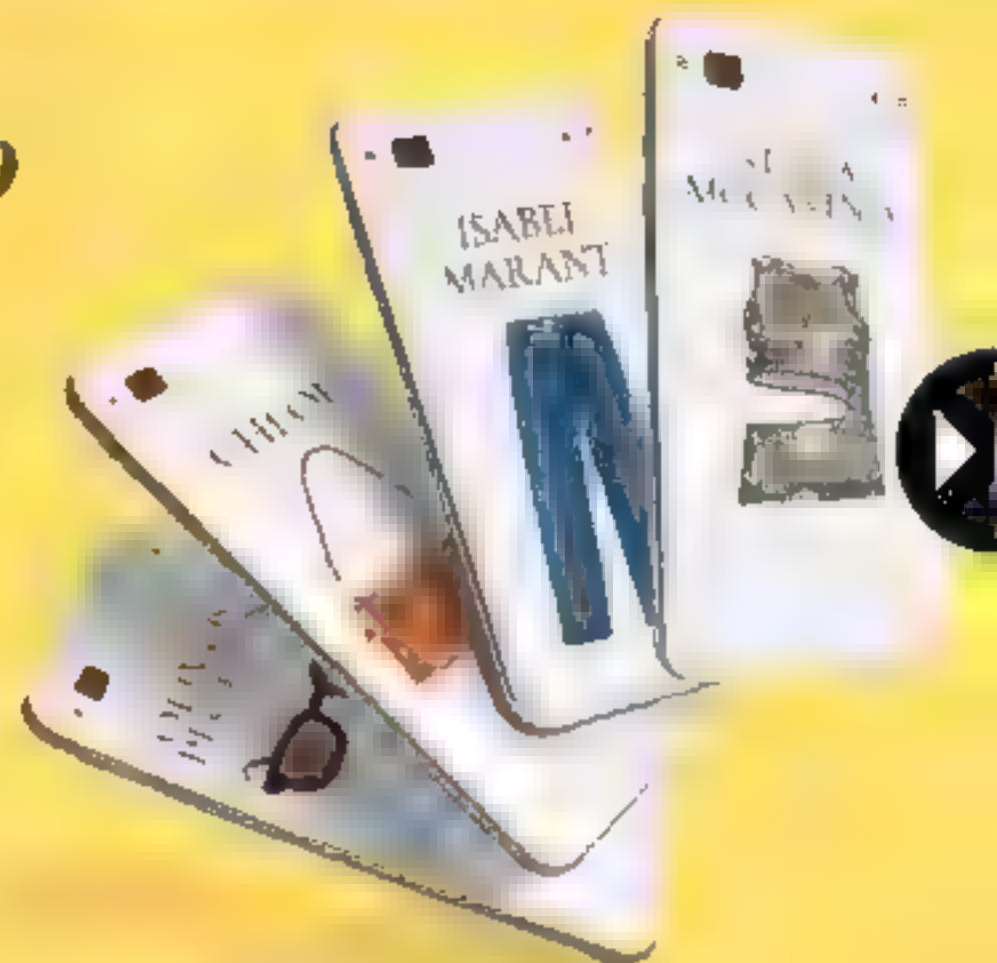
Quem só pensa em chip na hora de trocar o celular pode anotar alguns números: incluindo-se todos os desdobramentos, os semicondutores estão relacionados a 12% do PIB americano. Só em carros, foram 7,7 milhões de unidades a menos em 2021, quando as complexas sequelas da pandemia causaram escassez de produto. Em escala menor, o governo britânico — conservador, registre-se — também vai subsidiar a indústria de semicondutores avançados. Jornalistas em geral são simplificadores profissionais, por exigên-

"O nitreto de gálio, sintetizado quimicamente, está deixando a era do silício para trás"

cia do ofício de comunicar ideias rapidamente, e a frase "a globalização acabou" tem sido abusada. Mas é impossível não ver o escopo das recentes intervenções do governo americano de teor protecionista. "*Quelle horreur*", reclamaram os franceses, ironicamente, os reis do protecionismo e responsáveis por uma recente bolsa-padeiro que garanta a baguete e o croissant ameaçados por aumentos na conta de luz. A revolta europeia foi causada pelo subsídio de 7500 dólares aos consumidores americanos que comprarem carros elétricos fabricados nos EUA. O neoprotecionismo não pretende garantir indústrias defasadas e não competitivas como tivemos tantos exemplos bem perto de nós, mas insuflar setores estratégicos de ponta. As economias mundiais continuam interconectadas e ninguém dispensa a China, com sua incomparável capacidade de produção. Simplificando: a globalização está entrando numa nova era, o governo Biden despertou para o ponto-chave da concorrência tecnológica e a corrida que mudará o mundo é a da IA. Sem esquecer o nitreto de gálio, um produto sintetizado quimicamente que está deixando a era do silício para trás. ■

VALMIR MORATELLI

O TABU DA VILÃ

As protagonistas de novelas globais costumam ser pinçadas em um leque conhecido de nomes, mas, recentemente, a emissora fez duas apostas mais arriscadas. Uma delas, Jade Picon, virou alvo instantâneo da crítica pela atuação em *Travessia*, enquanto **ISADORA CRUZ,** 25 anos, arranca elogios na trama das 6, *Mar do Sertão*. Ela conta que, até ganhar tão luminosos holofotes, deu de cara na porta inúmeras vezes. "Meu sotaque era um problema", revela a atriz paraibana, que já foi sondada para futuros trabalhos, e ainda teme encarnar vilãs. Ela explica: "Sou muito aberta energeticamente, e esse tipo de papel atrai pensamentos de baixa frequência".

QUEM PODE MOSTRA

Casada com François-Henri Pinault, dono do segundo maior conglomerado de luxo do mundo, o francês Kering, **SALMA HAYEK** tem à disposição – e usa com frequência – grifes como Gucci, Yves Saint Laurent e Alexander McQueen. Na pré-estreia de mais uma franquia do filme *Magic Mike* em Miami, porém, a linda atriz mexicana resolveu simplificar: aos 56 anos, apareceu de calcinha e sutiã pretos (des)cobertos por uma malha arrastão pontilhada de flores e frutas bordadas. Instado a dar sua opinião sobre o conjunto, Channing Tatum, que vive o *stripper* do título, titubeou: "A situação me deixa sem palavras".

ALEXANDER TAMARGO/GETTY IMAGES

AXELLE/FILMMAGIC/GETTY IMAGES

AGORA, NOS CINEMAS

Um ano depois de sair da aposentadoria para encarar mais um campeonato de futebol americano – suposto motivo de seu divórcio de Gisele Bündchen –, **TOM BRADY,** 45 anos, postou um vídeo nas redes sociais anunciando que agora resolveu parar de verdade. Está, inclusive, diversificando trabalhos. O atleta aparece como ele mesmo no filme *80 For Brady* (que também produziu), em que contracena com um time de respeito: **RITA MORENO,** 91, **SALLY FIELD,** a caçula aos 76, **LILY TOMLIN,** 83, e **JANE FONDA,** 85. A comédia, baseada em fatos reais, conta a história das fãs na faixa dos 80 anos que vão a uma final, o célebre Super Bowl, decididas a encontrá-lo.

ESPELHO, ESPELHO MEU

De volta aos palcos com *Quando Eu For Mãe Quero Amar Desse Jeito*, **VERA FISCHER,** 71 anos, jura estar bem resolvida com a prolongada solteirice – há décadas não assume um relacionamento. "Não sou do tipo que fica no alto da torre trançando cabelo à espera do bonitão que vai subir. Se um dia sentir falta, eu pego", garante ela, que revela a tática infalível que encontrou para viver em boa companhia consigo mesma: pendurar espelhos pela casa inteira. "Olho, confiro e penso: sou um mulherão", diz. Pura verdade. ■

CA. LANGA/AMARE LOURCA

UM SUAVE ADEUS

Cresce o número de pacientes com diagnóstico terminal que, em vez de fazer de tudo para sobreviver, optam pelo cuidado paliativo, buscando a melhor vida possível até o momento final

DUDA MONTEIRO DE BARROS

[illegible] NOGUEIRA/ MAFOTOGRAFIA

LAÇOS ETERNOS

Com a ajuda dos amigos, a publicitária **Dani Louzada** *(de óculos)*, 45, lida com um tumor no cérebro sem tratamento invasivo. No seu canal no YouTube, fala sobre a doença incurável. “Tenho pressa de viver”, desabafa.

Diante da doença incurável, ou em estado terminal, a reação mais comum do paciente e dos familiares é lutar até o fim — encarar cirurgias, procedimentos invasivos, tratamentos experimentais e tudo o que possa prolongar a vida. Uma corrente da medicina, no entanto, levanta a questão: será que aceitar o fim não é o caminho para se preparar para ele da melhor forma possível? A opção por cuidados paliativos, um conjunto de providências que buscam tornar menos doloroso processo de enfrentar uma doença ameaçadora à vida ou terminal, vem ganhando cada vez mais adeptos no Brasil e estimulando grupos de ativistas de uma causa que bate de frente com a arraigada cultura, inclusive entre os profissionais da saúde, de tentar de tudo para reverter o irreversível. "Existe muito preconceito e desinformação em torno da medicina paliativa. Não se trata de desistir de tratar a doença, mas de dar atenção a todas as questões relacionadas ao paciente", explica Daniel Neves Forte, médico à frente da equipe paliativista do Hospital Sírio-Libanês, de São Paulo.

Símbolo do movimento, a jornalista paulista Ana Michelle Soares descobriu um câncer de mama no auge da juventude, aos 28 anos. A doença se espalhou e AnaMi, como ficou conhecida, resolveu viver o tempo que lhe restava da melhor forma possível e compartilhar a experiência: criou um blog de grande repercussão e escreveu dois livros sobre o assunto. Quando Ana faleceu, no fim de ja-

INSTAGRAM @IAMKELYNASCIMENTO

ÚLTIMOS DIAS

Os médicos de **Pelé**, 82, com um câncer incurável, sugeriram cessar a agressiva quimioterapia. A família hesitou, mas seguiu a recomendação. O Rei do Futebol recebeu cuidados para suavizar a dor e morreu cercado dos filhos.

neiro, aos 40 anos, depois de realizar boa parte de uma lista de últimos desejos que incluía ir a uma festa e comer dobradinha, o conceito da preparação para a morte já havia se disseminado nas grandes cidades do país.

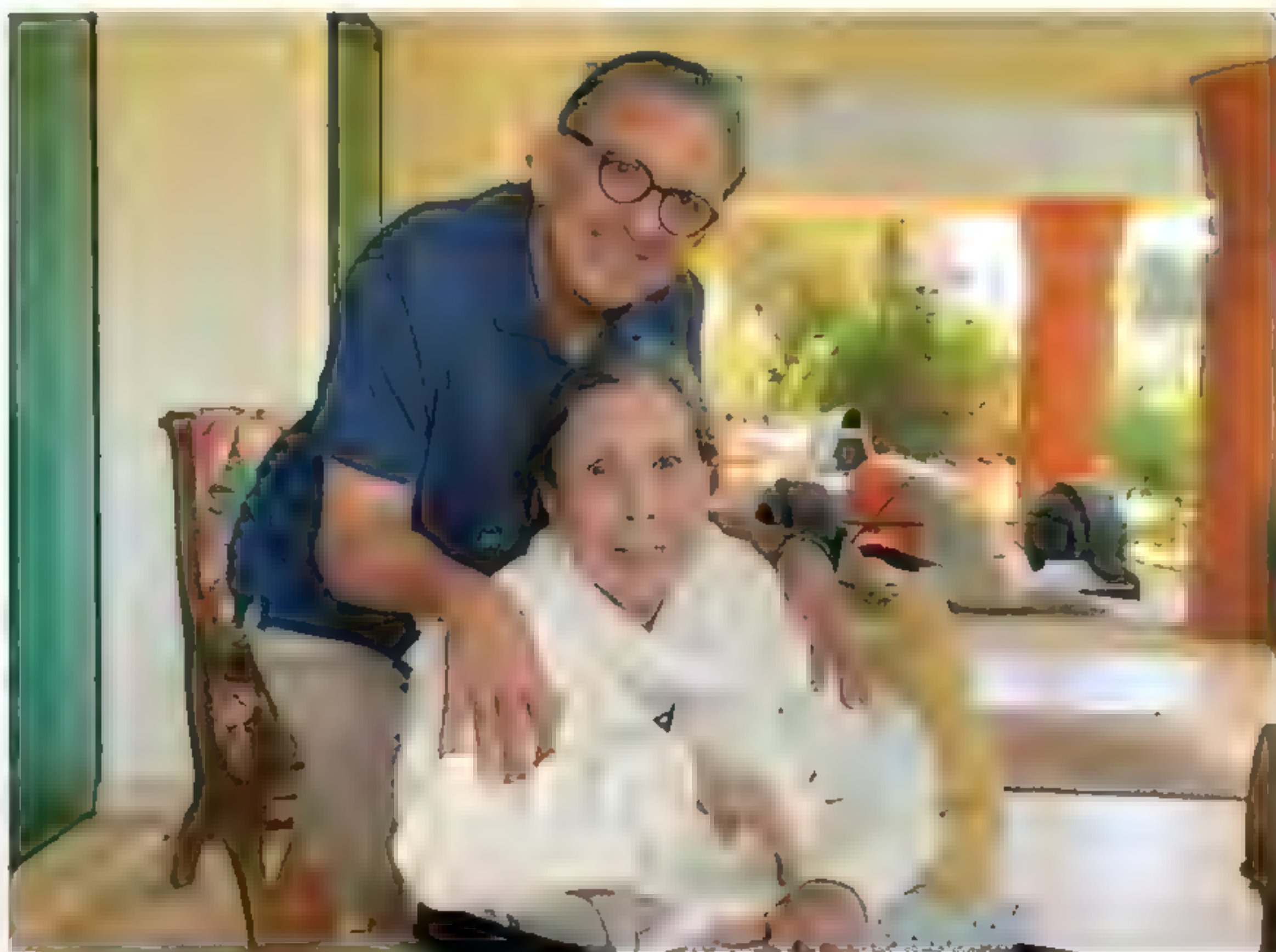
Nos últimos meses, dois outros casos de pessoas conhecidas que chegaram ao fim da vida sob cuidados paliativos intensificaram o debate. Em dezembro, aos 82 anos, Pelé parou de responder à quimioterapia para combater um câncer de cólon. Por sugestão da equipe médica, a família, a princípio relutante, concordou em suspender o tratamento e concentrar esforços em atenuar os sintomas e promover seu conforto. No mês seguinte, Mildred dos Santos, mãe do locutor esportivo Galvão Bueno, faleceu, aos 93 anos, depois de passar um ano sendo atendida por uma equipe paliativista. Ela se foi "em absoluta serenidade, sem sofrimento, graças aos procedimentos paliativos aplicados com muito carinho", postou Galvão nas redes sociais. "A medicina mais conservadora está acostumada a fazer de tudo, a qualquer custo, para evitar a morte. Os médicos que só dão atenção à doença precisam de um olhar mais global e humanizado", diz Rodrigo Castilho, presidente da Academia Nacional de Cuidados Paliativos.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), cuidados paliativos consistem "no tratamento de dor e demais sintomas físicos, sociais, psicológicos e espirituais", administrados por uma equipe multidisciplinar. O proto-

INSTAGRAM @PALIATIVAS

SÍMBOLO DA CAUSA

Nos últimos anos, **Ana Michelle Soares** escreveu nas redes sobre cuidados paliativos e virou ativista do tema. "Sempre disse que chegar aos 40 seria um milagre, e cheguei", postou em dezembro. Foi abatida pelo câncer um mês depois

FACEBOOK @GALVAOBUENO

PARTIDA SEM DOR

Em janeiro, quando sua mãe, **Mildred dos Santos**, 93, morreu, o narrador Galvão Bueno contou que ela estava sob cuidados paliativos desde 2022 e que não houve sofrimento. “Ela partiu serena, depois de uma grande e completa vida aqui no nosso mundo”, postou.

colo foi estabelecido pela assistente social e médica inglesa Cicely Saunders, fundadora em 1967 do St. Christopher’s Hospice, primeiro serviço a oferecer cuidado integral ao paciente terminal, com controle de sintomas e alívio da dor e do sofrimento psicológico. A ideia se disseminou pelos países avançados, onde a preparação dos pacientes para a morte é a regra hoje em dia — tendo alguns

deles, inclusive, autorizado a opção radical pela eutanásia, uma espécie de suicídio assistido adotado por pessoas que preferem abreviar seu sofrimento.

Admitir que o fim está próximo, elaborar junto com a família maneiras de atenuar a dor e até pensar na melhor forma de morrer é tarefa sempre desafiadora e desconfortável. “Na cultura do Ocidente, mais individualista, quando uma pessoa morre, a sensação é de que ela desaparece, fica um vazio. Já nos locais onde existe uma consciência coletiva elevada isso não é um acontecimento desesperador, porque o morto continua de alguma forma presente naqueles com quem convivia”, explica a antropóloga Sônia Giacomini. As pessoas que conseguem transformar o medo da morte em apreço por viver relatam, em geral, resultados altamente positivos. A administradora de empresas paulista Adriana Hayashi, 41 anos, conta que conhecer e adotar cuidados paliativos foi essencial para poder lidar com o diagnóstico do câncer nos ossos em estágio avançado. “Descobri um caminho para uma vida plena e passei a valorizar o que realmente faz sentido para mim. Sou uma pessoa mais leve agora”, reconhece Adriana.

A maior parte dos pacientes que optam pelo cuidado paliativo aguarda o fim da vida no hospital ou em casa, mas existem clínicas especializadas, as chamadas “casas de transição” — ainda embrionárias no Brasil — montadas para receber pessoas nessa situação. Nelas, amigos e

ARQUIVO PESSOAL

VIRADA POSITIVA

Em 2019, o diagnóstico de um câncer ósseo já em fase de metástase abalou as bases de **Adriana Hayashi**, 41, que passou a se consultar com psicólogo, buscar tratamento médico para atenuar a dor e levar a vida com mais leveza. "Hoje faço o que me dá vontade e agradeço por cada dia", diz.

familiares podem entrar e sair a qualquer momento e o paciente conta com médicos, enfermeiros, assistentes sociais, psicólogos, nutricionistas, fisioterapeutas, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais. "Cada pessoa recebe um tratamento único, de acordo com suas questões individuais. O objetivo é que o paciente chegue bem ao fim da vida", explica Eduardo Dias, geriatra e responsável técnico pela Humana Magna, de São Paulo.

A morte pode ser menos penosa quando a consciência de que ela chegará se torna uma ferramenta de autoconhecimento. A publicitária Daniela Louzada, 45 anos, que convive há quatro com um tipo de câncer raro e inoperável no cérebro, viu o pai passar sete meses internado antes de falecer e decidiu, no seu caso, abrir mão de tratamentos agressivos em prol de mais qualidade de vi-

da. “Quero realizar meus desejos e sonhos, porque sei que posso dormir e nunca mais acordar. A morte pode chegar de repente para qualquer um. A diferença é que eu aceito isso”, reflete. “Não é fácil se conformar com o fim da vida, mas há como se confortar. E os cuidados paliativos podem ser essa virada de chave”, resume Nazaré Jacobucci, psicóloga especialista em luto. Cedo ou tarde, o último suspiro acontece. Ele será mais suave para o doente — e para os familiares — que estiver em paz com esse fato inexorável da vida. ■

O FIM DE UM REINADO

O macho alfa, aquele que se considera superior às mulheres e defende privilégios na sociedade, está em extinção – e isso é ótimo para eles e elas

ANDRÉ SOLLITTO E **MARILIA MONITCHELE**

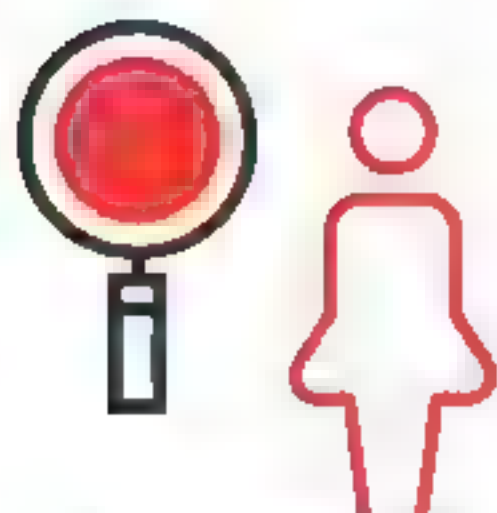
RINDO DE QUÊ? Cena da série da Netflix que trata do tema: os tempos mudaram

MANUEL FIESTAS MORENO/NETFLIX

HÁ UMA CENA no primeiro episódio de *Machos Alfa*, série espanhola que estreou há pouco na Netflix e já teve sua segunda temporada confirmada, em que um dos personagens, Pedro, está revoltado. Ele perdeu o emprego, substituído por uma mulher como parte de uma iniciativa de diversidade da empresa onde trabalha. Pedro acabou de comprar uma mansão, mas não sabe como vai pagar. Enquanto fica em casa, vê a mulher se tornar uma "produtora de conteúdo" para as redes sociais de sucesso. Em um jantar entre amigos, se vê diminuído pelo brilho das mulheres ao redor, e explode. "De repente, tudo é patriarcal", diz. "Somos um vírus. Declararam guerra ao cromossomo Y." O desabafo retrata o desajuste que homens como ele sentem nesta nova era em que não há mais espaço para misoginia, preconceito e outras incivilidades dos velhos tempos. O seriado usa a comédia para discutir o tema, mas trata-se de problema sério, que precisa ser enfrentado. Para ir direto ao ponto: o macho alfa está com os dias contados, quer ele queira ou não.

Dois casos recentes exemplificam a questão. O primeiro deles diz respeito à separação da cantora Shakira e do ex-jogador de futebol Piqué após doze anos de relacionamento. Piqué teria traído Shakira com uma mulher mais jovem, e as provocações entre os dois viraram o centro das discussões nas redes. Shakira até fez uma música criticando o ex, que começou a aparecer publicamente para exibir a nova namorada como se fosse um troféu. Outro caso envolve o ator Luis Navarro, que interpreta Mark na

HÁBITOS TÓXICOS

Pesquisa com 3 600 homens dos Estados Unidos, do Reino Unido e do México revelou que:

46%
acreditam que têm o direito de sempre saber onde estão suas parceiras

44%
acham que devem ser os únicos provedores da casa

28%
acham que meninos não devem aprender nada sobre limpeza ou culinária

23%
acreditam que devem usar a violência para ser respeitados

Fonte: *Equimundo, consultoria de pesquisa*

INSTAGRAM @3GERARDPIQUE

NAS REDES Piqué e a nova namorada: acusação de machismo

novela *Todas as Flores*, da Globoplay. Ele disse que estava se separando da ex-bailarina Ivi Pizzott porque a paternidade estava consumindo seu tempo. "Não lembro a última vez que fiquei sozinho para refletir, que li um livro", disse, ao anunciar que deixaria a mulher e as filhas, uma de 4 anos e outra de apenas 4 meses. O post caiu como uma bomba — não seria diferente para um pai que assume o desejo de dedicar menos tempo aos filhos. "Cancelado"

INSTAGRAM @ LUISNAVARROOFICIAL

CANCELADO O ator Luis Navarro: criticado por deixar a mulher e a filha de 4 meses por não ter tempo para ler

pela fúria das redes sociais, o ator disse que foi "mal interpretado".

As redes sociais — e onde mais, a ágora de nosso tempo — ampliam a dificuldade da mudança comportamental. Pesquisas recentes mostram que muitos homens continuam com o mesmo pensamento embolorado que há anos vem sendo questionado pelo movimento feminista *(leia no quadro da pág. 63)*. "A imagem masculina mais proeminente

PICTURELUX/THE HOLLYWOOD ARCHIVE/ALAMY/FOTOARENA

que temos hoje é resultado de uma série de acontecimentos históricos e de processos sociais e culturais que instalam o homem branco, cis e hétero em uma posição, supostamente natural, de superioridade em relação às mulheres e a outros homens", afirmaram, em entrevista por e-mail a VEJA, os pesquisadores de psicologia André Villela, Carolina de Souza e Lucas Mascarim da Silva, do Grupo de Estudos e Pesquisas em Masculinidade da USP.

INSTAGRAM @RODRIGOHILBERT

OPOSTOS Sean Connery como o sedutor agente 007 e o ator Rodrigo Hilbert fazendo crochê: modelos masculinos que refletem as mudanças de papéis

Não é fácil mudar a visão de mundo do macho alfa, mas a boa notícia é que houve notáveis avanços nos últimos anos. Alguns deles se devem às conquistas de outros movimentos que questionam a ridícula posição de superioridade defendida pelo velho homem. "As novas ondas feministas, o feminismo negro, o transfeminismo, as lutas periféricas e os movimentos dos povos originários são fundamentais para, de fato, enfrentar a hegemonia masculina", afirma João Silvério

Trevisan, autor de *Seis Balas num Buraco Só: a Crise do Masculino*, obra seminal sobre o tema lançada originalmente em 1998 e reeditada em 2021. "A questão do masculino tóxico é muito mais grave do que se está falando, porque perpassa todas as lutas. E, muitas vezes, quando se sente acuado, o masculino tóxico busca a violência", diz Trevisan.

O problema é que faltam exemplos do que deveria ser o novo homem, enquanto sobram, especialmente na cultura pop, referências do macho alfa ideal, datado, que já não pode mais prevalecer. Basta lembrar de Sean Connery como o agente James Bond no cinema. Ele sempre está rodeado de mulheres, agindo como se o mundo girasse ao seu redor. Hoje em dia, são poucas as celebridades que destoam do estereótipo. Uma delas é Rodrigo Hilbert, que faz crochê, cozinha e discute masculinidade tóxica. O influenciador Hugo Merchan está no mesmo time. "Nunca fui um macho alfa", afirma. "Tentei seguir os padrões, até para evitar as humilhações que sofria, mas não deu certo pra mim." Merchan tem mais de 300 000 seguidores nas redes sociais, o que mostra que há espaço para esse tipo de discussão.

Como os homens devem se comportar nestes novos tempos? É fundamental reconhecer comportamentos preconceituosos, ouvir o que especialistas dizem e buscar modelos de masculinidade mais saudáveis. Felizmente, os papéis de homens e mulheres não são mais os mesmos de décadas atrás. O mundo mudou para melhor — e isso é ótimo para todos os gêneros. ■

MEMÓRIA ROUBADA

A briga de uma família judia para reaver uma tela de Picasso ilumina a relevância da recuperação de obras furtadas pelo nazismo como ferramenta de verdade histórica **FÁBIO ALTMAN**

DAVID HEALD/GUGGENHEIM MUSEUM

MULHER PASSANDO ROUPA, *LA REPASSEUSE*
Obra-prima da chamada Fase Azul de Picasso, entre 1901 e 1904, a tela é um dos destaques do Museu Guggenheim, de Nova York. Os descendentes de Karl e Rosi Adler, forçados a fugir da Alemanha nazista em 1938, a querem de volta

PINTADO na chamada Fase Azul de Pablo Picasso, entre 1901 e 1904, a tela a óleo *Mulher Passando Roupa* (*La Repasseuse*, em francês) é celebrada como marco da sensibilidade e emoção com as quais o pintor espanhol nascido em Málaga retratava os trabalhadores braçais. A paleta cinza--azulada evoca a melancolia do cotidiano, possível metáfora da própria vida do artista em seus primeiros passos franceses. *La Repasseuse* tem, contudo, uma outra camada — literalmente. Em 1989, a restauração do quadro, exposto no Museu Guggenheim, de Nova York, revelou traços subjacentes ao desenho que se vê. Por meio de câmeras infravermelhas revelou-se uma outra figura, a de um homem, em sentido invertido, como se estivesse de cabeça para baixo. Estudiosos de arte acreditam ser a figura de Benet Soler, um alfaiate de Barcelona, amigo de Picasso, que o ajudava na temporada de vacas magras, de pobreza, antes da fama. Na semana passada, o mundo descobriu que a *Mulher Passando Roupa* não vive em paz, e as pinceladas de história a tornam ainda mais enigmática e fabulosa como registro de nosso tempo.

Os descendentes de Karl e Rosi Adler, judeus forçados a fugir da Alemanha nazista em 1938, à véspera da eclosão da II Guerra, pedem a devolução da obra-prima que pertencera ao casal. A trama é cinematográfica. Em 1916, a pintura foi comprada por Heinrich Thannhauser, dono de uma galeria de arte em Munique. Os Adler adquiriram a obra, mas, quando fugiram do país, venderam-na de volta para o filho de Thannhauser, Justin, que já havia escapado para Paris,

LAWRENCE K. HO/LOS ANGELES TIMES/GETTY IMAGES

PERSONAGEM DE CINEMA Maria Altmann e a *Adele Bloch* de Gustav Klimt: vitória contra o governo da Áustria

pelo equivalente a 1 552 dólares — cerca de 32 000 dólares de hoje, ou 166 000 reais. Ao morrer, em 1976, Thannhauser legou como testamento sua grande coleção de arte para o Guggenheim, que incluía também exemplares de Édouard Manet, Edgar Degas e Paul Gauguin e Vincent Van Gogh.

Por décadas, a pintura de Picasso permaneceu na coleção sem ser contestada, mas, em 2014, uma das netas dos Adler descobriu a triste aventura da família com a passadeira. Desde então, o museu e os herdeiros disputam a propriedade, que culminou no processo aberto em um tribunal nova-iorquino. "Adler não teria se desfeito da pintura na época e pelo preço que o fez, a não ser pela perseguição nazista à qual ele e sua família foram e continuaram a ser submetidos", escreveram os advogados dos herdeiros. Eles argumentam que o valor de venda estava muito abaixo do valor de mercado. Apenas seis anos antes,

Adler recebera uma proposta de 14 000 dólares pela peça, mas decidiu não vendê-la. Os representantes do Guggenheim rebatem: declararam "levar questões de proveniência e reivindicações de restituição extremamente a sério", mas "acreditam que a reclamação não tem mérito", por não ter havido pedidos anteriores de propriedade de um Picasso muito conhecido.

O episódio atual é retrato de um prolongado embate que ultrapassa as artes. Para as entidades judaicas, a recuperação de telas saqueadas ou vendidas a valores aviltados representa uma compensação política — um gesto da humanidade contra o terror do Holocausto promovido por Hitler. De acordo com os Princípios de Washington sobre Arte Confiscada pelos Nazistas, assinado em 1998 por 44 nações, "medidas devem ser tomadas rapidamente para alcançar uma solução justa, reconhecendo que isso pode variar de acordo com os fatos e circunstâncias de um caso específico". Em 2016, uma lei aprovada pelo Congresso americano padronizou a recuperação de obras levadas pelo horror da guerra — estima-se em mais de 600 000 —, o que não impede as prolongadas batalhas jurídicas.

O caso mais conhecido — levado ao cinema em *A Dama Dourada*, de 2015, com Helen Mirren — é o de Maria Altmann, uma mulher que processou seu país de origem, a Áustria, para reaver obras de arte subtraídas da família, em especial o famoso retrato de Adele Bloch-Bauer de Gustave Klimt, com incrustações em ouro. A briga pela arte surrupiada pelo ódio como política de Estado é uma maneira importante para não esquecer o terrível passado da civilização, de modo que ele não se repita. ■

OS SONS DO UNIVERSO

Cientistas criam sistema baseado em inteligência artificial para identificar sinais de rádio no espaço e, quem sabe, encontrar vestígios de vida alienígena

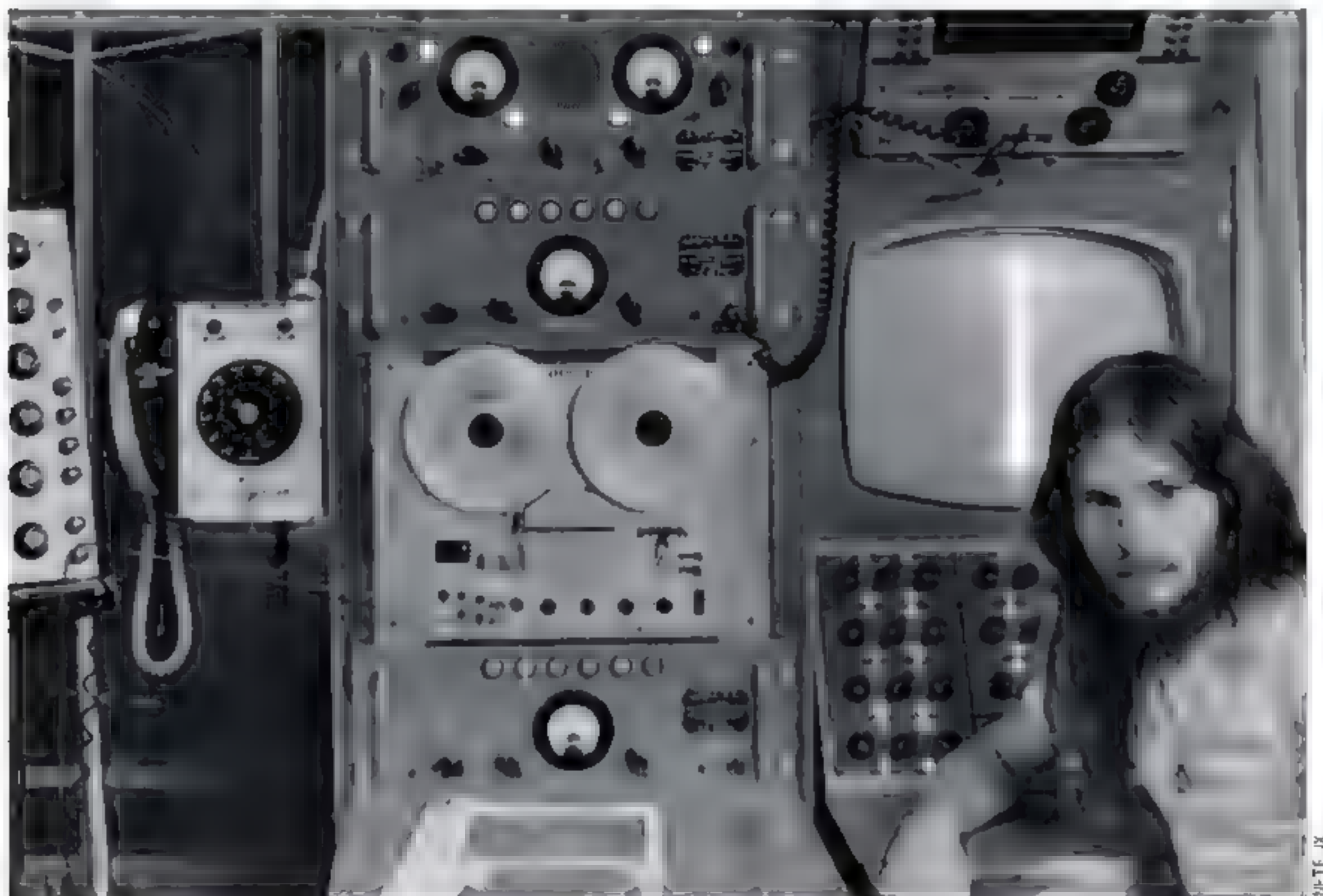
ALESSANDRO GIANNINI

RADIOTELESCÓPIOS Em busca de ETs: novas tecnologias reforçam esperança da ciência

STOCK/GETTY IMAGES

DESDE a Antiguidade os astrônomos investigam se estamos sós no universo. Ainda que a resposta permaneça indecifrável, ela ao menos ganhou tecnologia sofisticada com o passar dos tempos. O italiano Giordano Bruno (1548-1600) formulou a questão pela primeira vez no século XVI e, ao longo da história, telescópios e outras ferramentas renovaram a esperança da ciência em encontrar evidências de que há vida inteligente além de nossa atmosfera. O mais recente capítulo da novela que se estende há séculos foi publicado na revista *Nature Astronomy*. Um grupo de cientistas da Austrália, Canadá, Malta, Reino Unido e Estados Unidos descreveu um método baseado em inteligência artificial para identificar sinais de rádio incomuns do espaço.

Os pesquisadores usaram aprendizado de máquina para criar um sistema que diferencia sinais de rádio artificiais — aqueles com maior probabilidade de serem gerados por inteligência extraterrena — dos naturais. As interferências originadas na superfície da Terra, captadas por radiotelescópios e misturadas com os sinais do espaço, são uma das grandes pedras no sapato dos projetos de busca por inteligência extraterrestre. O método desenvolvido agora consegue eliminar essa sujeira inconveniente durante a varredura, refinando ainda mais o material examinado e economizando horas de trabalho.

O sistema busca por sinais com características específicas. Primeiro, identifica sinais de banda estreita, o que implica emanarem de uma fonte de tecnologia. Depois, se há

SILÊNCIO John Shepherd: o músico enviou pulsos magnéticos para além da Terra, mas não obteve resposta

alguma aceleração relativa entre nós e a fonte, o que significa vir, por hipótese, de uma estação extraterrestre no espaço, e não de interferência. Por fim, se o sinal só aparece quando apontamos nossos telescópios para a fonte. "Esses fatores indicam sinais de tecnologia para além da Terra, o que poderia implicar vida inteligente extraterrestre", disse a VEJA Peter Ma, estudante de matemática e física da Universidade de Toronto, no Canadá, líder do estudo.

Numa primeira experiência, os pesquisadores aplicaram o método ao banco de dados do Observatório Green Bank, nos Estados Unidos, que faz parte do programa Breakthrough Listen. Foram "ouvidas" 480 horas de ob-

FILTRO TECNOLÓGICO

Cientistas usam inteligência artificial para identificar com eficiência sinais de rádio do espaço

Foram examinadas mais de 480 horas de dados do Telescópio Robert C. Byrd Green Bank, observando

820 estrelas

O sistema analisou 115 milhões de fragmentos de dados, nos quais identificou cerca de

3 milhões de sinais

de interesse

Na primeira varredura, restaram

20 515 sinais,

oito dos quais não detectados anteriormente

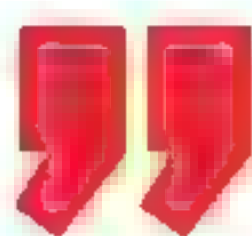
Fonte: *Scimex*

servação do Telescópio Robert C. Byrd, cobrindo assim um espectro de 820 estrelas *(leia no quadro acima)*. Dos 115 milhões de fragmentos de dados, 3 milhões de sinais foram considerados "de interesse", de onde pode vir alguma coisa. Depois de várias peneiras, os autores identificaram oito sinais não detectados anteriormente. No entanto, observações posteriores desses alvos emudeceram numa segunda tentativa. O próximo passo, diz Ma, é "estender o trabalho a vários outros projetos".

A busca por inteligência extraterrestre de forma organizada começou em 1960, quando o astrônomo Frank Drake (1930-2022) projetou um experimento com radiotelescópio para procurar vida alienígena. De lá para cá, até pessoas comuns como o músico americano John Shepherd, cuja história foi contada no curta *John à Procura de Aliens*, se empenharam na empreitada. Nos anos 1970, Shepherd construiu na casa dos avós uma engenhoca eletrônica para mandar pulsos magnéticos para o espaço, na esperança de obter uma resposta. Até 1998, quando desativou o equipamento por falta de dinheiro, não ouviu nada de volta. "O silêncio do espaço é assustador", diz Ma. A simples possibilidade de que possa haver algo além de nós justifica a fascinante curiosidade para desvendar os ruídos enigmáticos do universo. ■

ACERVO PESSOAL

A MÚSICA OCUPOU OS MEUS SONHOS

Tallya Macedo, 20 anos, conta como, após uma oportunidade, passou de aluna a professora em escola de excelência

SOU MUSICISTA. Pode não parecer uma afirmação arrebatadora, mas, de certa maneira, diz tudo sobre quem sou. É mais do que apenas tocar um instrumento, diz respeito ao que vivi, a trajetória que trilhei ao longo de quase toda a vida. No princípio, a música era uma simples alegria para mim. Em uma família toda musical, com pai, irmãos e tia fazendo som com instrumentos variados, naturalmente

não fiquei de fora. Meu pai tinha o sonho de ter uma pequena orquestra em casa, com cada um dos quatro filhos tocando um instrumento. Em meio a tanta melodia, ele conta que a minha paixão se destacava, que eu não desgrudava dos instrumentos. Há mais de uma década me dedico à minha flauta, da qual já sou inseparável.

Não é raro que a música de orquestra, que pratico diariamente, acabe confinada a espaços excludentes, de difícil acesso. Entrei no mundo da música sem privilégios. Para isso, bastaram duas coisas: dedicação, da minha parte, e as oportunidades que me foram concedidas. Quando disse para o meu pai que queria aprender flauta, ele ficou contente pela escolha, mas temeu que o sonho não coubesse no orçamento. Eu era bolsista numa escola particular. Com muita sorte, encontramos uma professora de música que nos vendeu sua flauta por um bom preço. Essa foi a primeira porta que a vida, com muita benevolência, abriu para mim.

Comecei a minha jornada como flautista na banda do Corpo de Bombeiros de Joinville (SC), onde me diverti bastante. Após algum tempo, em 2017, foi aberto o primeiro processo seletivo para estudar no Musicarium, uma academia filarmônica da cidade que é referência em formação de jovens músicos. O curso é bancado principalmente por filantropia, oferecendo bolsas para todos os seus 180 alunos, 80% deles vindos da rede pública de ensino. Mas havia apenas uma vaga para quem tocasse flauta transversal.

Fiquei em dúvida se deveria me candidatar. No entanto, meu regente na banda do Corpo de Bombeiros via potencial em mim e estimulou que eu tentasse. Sou muito grata por ele ter acreditado em mim. Não apenas fui selecionada, como me formei e, passados quatro anos da minha entrada, fui a primeira ex-aluna a se tornar professora da academia, aos 19 anos de idade.

O músico tem de renunciar a muitas coisas para se dedicar ao seu ofício. Perdi a conta de quantas vezes deixei de sair com amigos porque precisava praticar. A dedicação ao domínio da flauta não se dá isoladamente em minha vida. Antes, ela era acompanhada da escola. Agora, do trabalho e dos cursos profissionalizantes. Aos 20 anos, estou quase me formando em dois cursos, de licenciatura em música e produção cultural. Além disso dou aulas no Musicarium. É uma rotina intensa, mas já surge um novo desafio em 2023. Passei no bacharelado em flauta da Escola de Belas Artes do Paraná. Estou no processo de mudança para Curitiba, mas, como não terei aulas todos os dias da semana, vou poder continuar como professora no Musicarium, indo e voltando de Joinville. Além de apaixonante, esse trabalho vai me permitir pagar minhas contas.

A possibilidade de seguir como professora me deixa muito feliz porque posso contribuir para o desenvolvimento do Musicarium, esse lugar que tanto me ajudou. É fantástico termos esse espaço em Joinville, que nos dá

acesso à cultura sendo financiado apenas por doações. Não precisamos ir a Curitiba, a capital mais próxima, para assistir a um concerto. Fazemos aqui mesmo. Sem falar em nossa proposta central, oferecer oportunidade para que jovens músicos se desenvolvam. É algo que não se faz somente com técnica, mas dando o exemplo a crianças e adolescentes, permitindo que a música ocupe seus sonhos, assim como ocupa o meu. ■

Depoimento dado a Felipe Erlich

AS ESTRADAS DO PODER

Encontrado em meio à densa floresta, um conjunto de "super-rodovias" revela que o apogeu da avançada civilização maia durou séculos a mais do que se imaginava **GUSTAVO SILVA**

ESPLENDOR Templo de Edzná, no México, sítio de uma das últimas cidades maias: prosperidade longeva

TUUL & BRUNO MORANDI/THE IMAGE BANK/GETTY IMAGES

UMA DAS CIVILIZAÇÕES mais avançadas do período pré-colombiano, os maias deixaram como herança à humanidade exemplares deslumbrantes de sua perícia como arquitetos. Vale uma visita a Chichén Itzá, no México, sítio arqueológico debruçado sobre águas caribenhas de um azul-turquesa único, ou às ruínas de Palenque, também em território mexicano, onde uma coleção de pirâmides e esculturas se revela em meio à floresta, para ter um bom aperitivo de sua capacidade de pôr de pé cidades que primavam pela opulência, da América Central ao sul dos Estados Unidos. Como os pesquisadores não param de cavucar naquelas bandas, em uma incansável rotina de trazer à luz resquícios da história, acabaram por chegar a uma descoberta que mobilizou a comunidade científica: por meio de recursos de alta tecnologia, um time internacional da Foundation for Anthropological Research (Fares) mapeou uma teia de estradas nunca antes vista — a primeira rede de "super-rodovias" de que se tem notícia no mundo, como classificaram o achado, recém-registrado na *Ancient Mesoamerica*, respeitada publicação da Universidade de Cambridge.

As impressionantes dimensões para a época de tal malha viária — 300 quilômetros de extensão e 40 metros de largura, números mais parrudos do que os das vias do Império Romano — são apenas um aspecto do levantamento, que elucida muito mais sobre essa sociedade fincada em forte hierarquia e afeita ao conhecimento. As estradas que cortavam os domínios maias são a prova concreta de que seu

FARES USA

ACHADO Trecho de uma estrada *(em ilustração)*: prova de antiga engenhosidade

apogeu se esticou para além do período desde sempre estabelecido, entre 200 d.C. e 600 d.C.: feita a análise dos objetos ali encontrados, concluiu-se que elas podem datar, na realidade, de 600 a.C, estendendo por até mais oito séculos o ápice de uma civilização que demonstrava saber singular não só para a engenharia, mas também para a matemática e a astronomia. "A pesquisa descortina uma nova compreensão sobre os maias, que, agora sabemos, exibiam esplendor

VASTO MUNDO

Em seu apogeu, até os anos 600 d.C., o domínio maia abrangia oito países, da América Central aos Estados Unidos

bem antes do que imaginávamos", diz a arqueóloga Traci Ardren, da Universidade de Miami.

Com o uso de um ultrapotente sensor remoto acoplado a um avião, trabalho que promoveu uma varredura aérea por centenas de milhares de quilômetros, foram surgindo entre as copas das árvores — um quase impermeável telhado verde — construções que jamais haviam sido avistadas. Os raios lasers lançados pelo equipamento produziram ima-

gens em 3D de indícios de antigos povoados maias, de templos e, por fim, da intrincada malha rodoviária. "A tecnologia permitiu cobrir um perímetro imenso em curto espaço de tempo — no lugar de anos de esforço de arqueólogos, foram consumidos dias", diz Luiz Aragão, especialista do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Os feixes de luz mostraram com nitidez que o emaranhado de "autoestradas" era feito à base de pedra e coberto de cal, daí sua brancura que, acredita-se, atraía gente que enxergava na sua travessia um ato de purificação.

Tudo indica que essas vias abrigavam peregrinos, multidões dispostas a cruzá-las rumo a capitais religiosas onde cultivavam-se em elevado grau os rituais maias. Politeístas, eles entendiam o sacrifício humano como forma de agradar aos deuses e manter seu reino longe de pragas e guerras. As rotas descortinadas também eram percorridas para o comércio, atividade essencial. "As pesquisas confirmam que artefatos de Belize foram parar nos Estados Unidos, por exemplo", relata o arqueólogo americano Arlen Frank Chase.

A visão inédita sobre a generosa mancha do mapa então sob o poderio maia, que compreende ao todo oito países *(veja o mapa)*, esclarece ainda um fato que intrigava os arqueólogos: como um reino de 200 000 habitantes — esse é o dado mais usado — teria conseguido se espraiar por tamanha faixa de terra? A resposta veio das novas imagens, que revelaram pelo menos 1 000 assentamentos antes ignorados. Is-

so multiplica a população maia para algo em torno de 1 milhão de pessoas. “Ê uma mudança substancial, que ajuda a explicar sua força”, avalia a arqueóloga americana Anabel Ford. Organizados em cidades-Estado, cada qual com seu próprio rei, os maias começaram a travar batalhas entre si, e suas terras cultiváveis não atendiam mais à demanda por comida. Por essas e outras, entraram em declínio a partir dos anos 900 d.C., mas as extraordinárias provas de sua engenhosidade continuam a encantar os olhos. ■

SINAL VERDE PARA ELAS

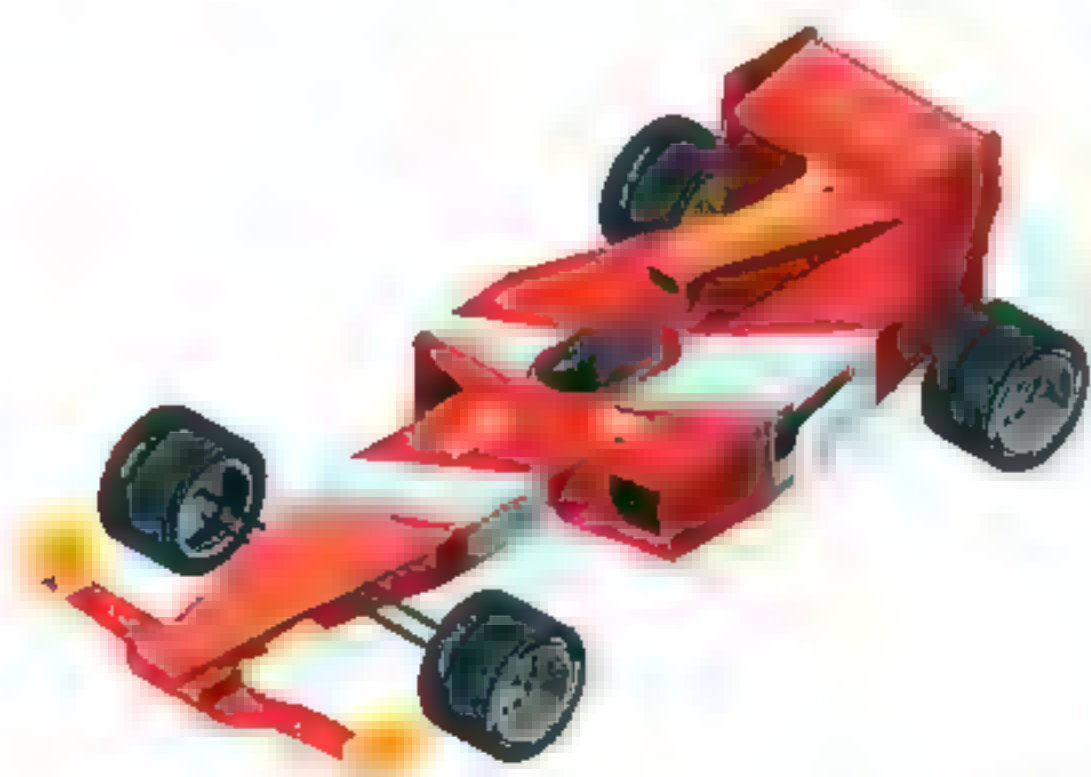
Masculino por essência, o universo do automobilismo contará com maior presença feminina. É um avanço, mas falta muito para que as mulheres cheguem ao pódio **DIEGO ALEJANDRO**

PROMESSA Aurelia Nobels, belga naturalizada brasileira: depois do kart, início como piloto da Ferrari na F4

NSTAGRAM @AUREL ANOBELS16

AINDA BEM que a napolitana Maria Teresa de Filippis não ouviu uma só palavra do que disse Toto Roche, diretor do Grande Prêmio de Fórmula 1 da França em 1958, quando anunciou à imprensa que ela não participaria da corrida naquele fim de semana. Segurando um retrato da jovem — e bela — piloto, ele disse aos jornalistas: "Uma moça tão bonita quanto essa não deveria usar nenhum capacete a não ser o do secador do cabeleireiro". Quando soube do comentário para lá de misógino, a atleta disse que, se estivesse por perto, teria dado um soco em Roche. Ela estava habituada à hostilização e às tentativas de desprezo masculinas. Foram sombras na sua vida desde pequena, quando disputava com os dois irmãos quem era mais veloz nas corridas de carrinho, e continuaram perseguindo a piloto ao longo de sua breve, porém histórica, carreira na categoria mais nobre do automobilismo. Maria Teresa foi a primeira mulher a correr na F1, nos anos 1950, inicialmente pela equipe italiana Maserati e depois pela alemã Porsche. Conseguiu, numa das provas, o 10º lugar. Depois dela, somente a também italiana Lella Lombardi, no longínquo 1976.

Sessenta e cinco anos depois, esse universo machista permanece arredio à presença de mulheres nos cockpits, mas a bem-vinda e incontida onda de diversidade que cobre o mundo começa a fazer seus efeitos. Para este ano, há duas novidades interessantes. A primeira é o lançamento, pela Fórmula 1, de uma categoria só para mulheres. O objetivo é treinar as interessadas nas pistas até que estejam

CALENDÁRIO DE TREINOS

A iniciativa só para elas
será composta de
15 motoristas
divididas em 5 times
+
Elas participarão de **7 eventos**
ao longo do ano

Fonte: *F1 Academy*

prontas para concorrer em circuitos de elite. Embora tenham acesso ao mundo da velocidade, elas em geral não passam das categorias que estão na base da pirâmide. "Por isso, as mulheres precisam concorrer em circuitos mais exigentes antes de se juntar à primeira categoria do automobilismo", diz Stefano Domenicali, CEO e presidente da F1. A primeira temporada será composta de sete circuitos — três corridas em cada — e mais quinze dias para os testes com os carros.

A segunda boa nova é a chegada da belga naturalizada brasileira Aurelia Nobels, de apenas 16 anos, para competir na Fórmula 4 pela escuderia da Ferrari. A jovem está nas pistas desde cedo, quando começou no kart aos 10 anos, estimulada pelo amor do pai pelo automobilismo e por Ayrton Senna (1960-1994). Aurelia deseja pisar fundo. "Tenho uma longa carreira pela frente", disse a VEJA. "Quero ser uma piloto de F1 e representar as mulheres nesse esporte."

O automobilismo talvez seja a última atividade esportiva na qual as mulheres ainda não estão de igual para igual com os homens. O campo sempre foi visto como algo ostensivamente masculino e nem um pouco amigável. Houve avanço, contudo, em algumas questões. Acabar com a deprimente presença de lindas jovens que nada faziam a não ser segurar guarda-sóis enquanto os pilotos aguardavam o sinal verde para iniciar a corrida já dentro dos carros certamente foi um passo à frente ao menos no campo do simbolismo. Aumentar, mesmo que a ritmo lento, o número de integrantes femininas é outro feito a ser aplaudido. Dar crédito a elas, então, é digno de pódio. Até anos atrás, seria difícil ver profissionais como a engenheira Hannah Schmitz, chefe de estratégia da Red Bull Racing, ser reconhecida pela inteligência tática durante as corridas. Contudo, hoje é inequívoco que boa parte do sucesso da escuderia se deve à astúcia da engenheira.

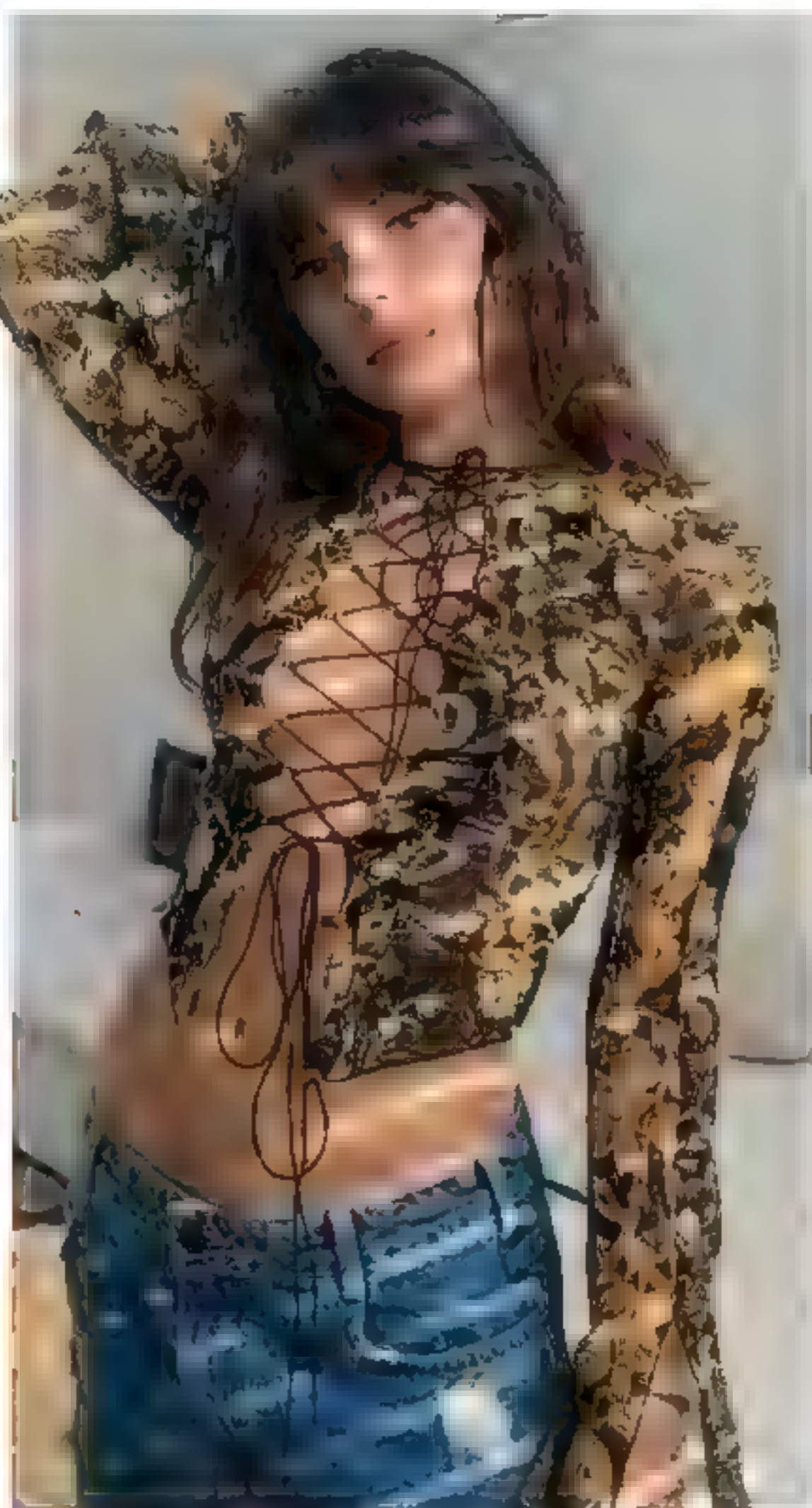
COLORSPORT/SHUTTERSTOCK

PASSADO Lella Lombardi, a última a correr, em 1976: exceção na pista

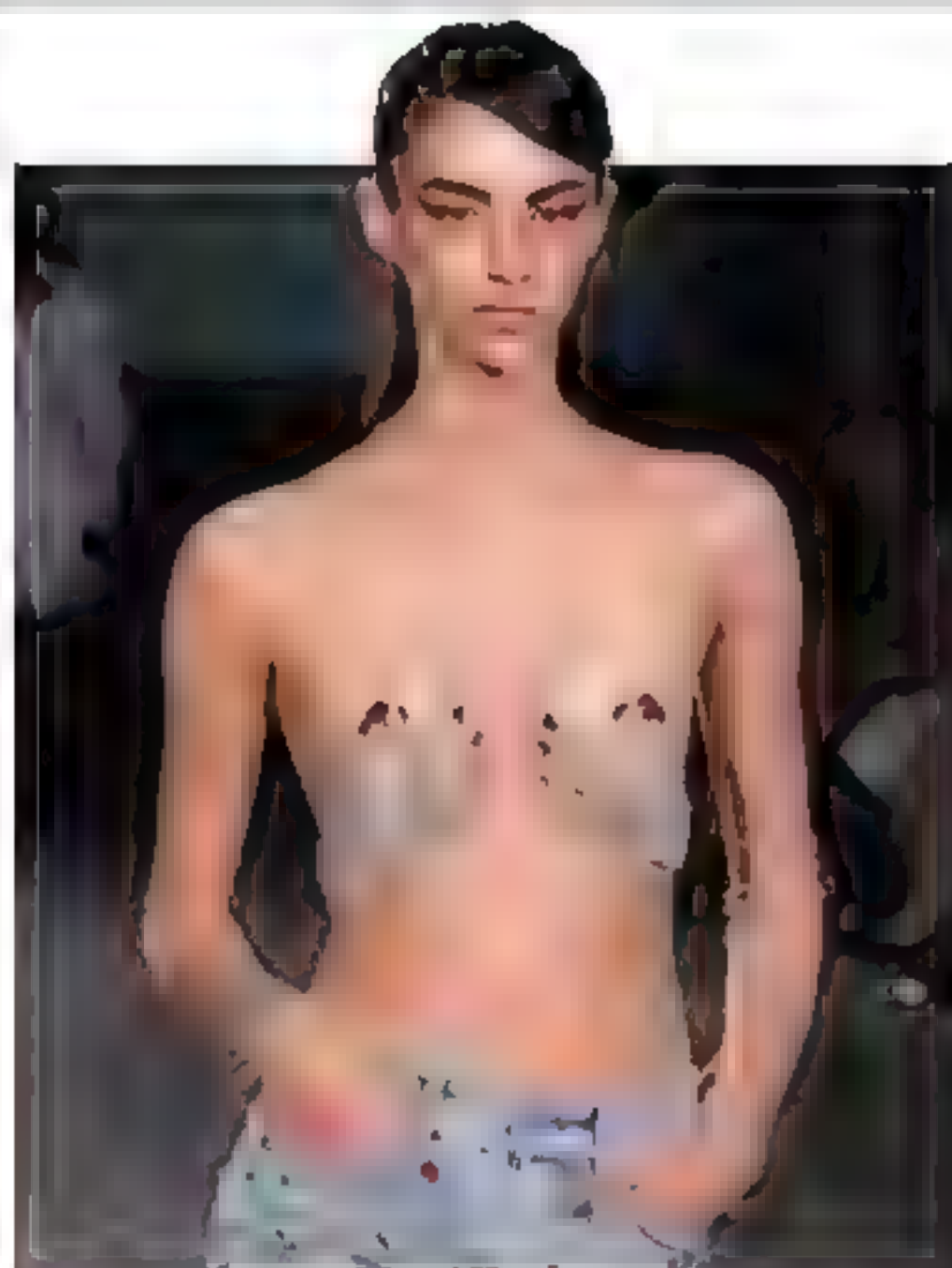
No Brasil, há também ventos positivos, embora suaves em demasia. A engenheira Rachel Loh, do time Ipiranga Racing e única mulher responsável por um carro de Stock Car. Ela já ouviu muita piadinha de mau gosto enquanto fazia carreira na categoria. Diziam de tudo, inclusive que estava no meio para arranjar marido. Rachel não deu bola. Hoje, orgulha-se de ser membro da equipe técnica do GP São Paulo da F1, entre outras conquistas. A piloto Bia Figueiredo, uma das mais bem-sucedidas do automobilismo brasileiro, entende que o futuro será inexoravelmente mais generoso com as mulheres nas pistas. Porém, ainda com muito esforço. "Gostaríamos de ser mais ouvidas, inclusive para a criação de iniciativas como o desenho de novo circuitos", diz. Soa inacreditável, mas as mulheres, maiores interessadas, não foram consultadas. ■

JOGO DE CINTURA

Uma das tendências mais polêmicas nos anos 2000, modelos de calças e saias de cós baixo estão de volta e, desta vez, permitidos para todo tipo de corpo **SIMONE BLANES**

INSTAGRAM @ZENDAYA

FACEBOOK @WORLDISISVALVERDE

POPULAR As atrizes Zendaya *(à esq.)* e Isis Valverde aderiram: modelos de saia ou calça são inspiração para as jovens

ESTROP/GETTY IMAGES

VICTOR BOYKO/GETTY IMAGES

PASSARELAS Coleções de Isabel Marant *(à esq.)* e Vivetta: versões mais sofisticadas apareceram nas apresentações para o verão 2023

"NADA SE CRIA, nada se perde, tudo se transforma", o seminal conceito criado pelo químico francês Antoine-Laurent de Lavoisier (1743-1794), relacionado a eventos da natureza, pode tranquilamente ser aplicado à moda. Especialmente se levarmos em conta o tal ciclo dos vinte anos, período no qual estilos vêm e vão e, passado esse tempo, retornam à cena. É o caso da cintura baixa, que, mesmo despertando amor e ódio, está de volta com força. É movimento que marcas internacionais como Isabel Marant, Fendi, Diesel, Vivetta e Courrèges tinham previsto nos desfiles para o verão de 2023. Contudo, os cortes chegam

INSTAGRAM @ALESSANDRAAMBROSIO

REVISITADA Alessandra Ambrosio e sua escolhida: modelagem confortável

revisitados, *comme il faut:* se nos anos 2000 eles eram justíssimos ao corpo, em modelos *skinny*, com cós pouca coisa acima da pélvis para evidenciar a barriga chapada e o umbigo cheio de piercings, como usavam as musas Britney Spears, Christina Aguilera e Paris Hilton, agora surgem com modelagens mais largas e um tantinho para cima, alguns dedos abaixo do umbigo, adaptados às tendências de conforto e nostalgia que, vira e mexe, são trazidas à tona pela estética Y2K ("year 2000" ou "ano 2000", em português). "A cintura baixa voltou a ser uma realidade no mundo inteiro", diz a stylist Manu Carvalho.

A tendência, insista-se, vale para todos os corpos. Há duas décadas, ainda imperava a tola regra de que para vestir uma calça de cintura baixa era preciso ter forma enxuta. Hoje, as versões podem — e devem — ser usadas por quem delas gostar, e ponto. "Se antes o modelo era excludente, agora qualquer mulher pode usá-lo e está tudo bem", diz Manu. Essa quebra de paradigma ganhou força no começo do ano passado, quando a revista *i-D* pôs a modelo plus size americana Paloma Elsesser na capa usando uma minissaia de cintura baixa da Miu Miu. Por isso, e ao que tudo indica, pode não ser modismo passageiro, dado o teor democrático, embora magnetize prioritariamente a geração Z, de fãs influenciados pelo onipresente TikTok (as hashtags #lowwaist e #calçacinturabaixa alcançam expressivos 69 milhões de visualizações). Há, claro, porta-vozes como a atriz Isis Valverde e a top model Alessandra Ambrosio, além de estrelas internacionais com a força da atriz Zendaya e da cantora Dua Lipa.

Um aviso, portanto: se você não estiver dentro de uma calça ou de uma saia de cintura baixa, alguém ao seu lado estará, sem constrangimento. Vale a dica perene do estilista britânico Alexander McQueen (1969 -2010), amante da liberdade e do gosto sem censura alguma: "A moda deve ser uma forma de escapismo, e não de prisão". E muito menos de julgamentos. ■

ISTOCK/GETTY IMAGES

ELEGÂNCIA Pronta para beber: complexidade de sabores é apreciada no mundo, mas desconhecida no Brasil

UM BRINDE TROPICAL

Popular na Europa e nos Estados Unidos, a sidra, à base de maçã, ganha versões brasileiras, abre promissora frente de negócios e conquista o paladar dos consumidores **ANDRÉ SOLLITTO**

CRIADA no auge do Império Romano, a sidra, bebida alcoólica fermentada de maçã, tem rica e longa tradição na Europa. Os romanos disseminaram o gosto pelo líquido por diversas partes do continente, especialmente a Alemanha e a Bélgica. Ele também encontrou terreno fértil na França, onde até hoje é produzido, sobretudo na Normandia, mas ainda em regiões de grande tradição vitivinícola, como Champagne. A sidra é igualmente apreciada pelos britânicos, que a levaram para os Estados Unidos. Lá, começou a ser produzida pelos primeiros colonos e, nas últimas décadas, passou por uma revolução semelhante à que ocorreu com as cervejas. Hoje, é possí-

DIVULGAÇÃO

REAL CIDER FARMHOUSE
Bfiver

$ 80 reais

✓ *Produzida apenas com maçãs gala e fuji, é uma bebida de inspiração britânica. Seca, com leve dulçor da fruta, é fresca, com muitas borbulhas e aroma de maçã fresca*

vel encontrar enorme variedade de rótulos nesses países, com as mais diversas características. Embora seja uma bebida refrescante, que tem muito a ver com o clima de diversas regiões do Brasil, a sidra nunca vingou em solo nacional. Até agora. O crescente interesse do público acostumado às cervejas artesanais tem feito com que fabricantes apostem em receitas que ganharam a adição de sabores tropicais.

As novidades mais recentes que chegaram às prateleiras são produzidas pela cervejaria Dádiva, conhecida pelas IPAs frescas e pelas cervejas ácidas com adição de frutas. São três rótulos, vendidos em latinhas, que levam,

DIVULGAÇÃO

SIDRA DE PÊSSEGO

Companhia dos Fermentados

$ 119 reais

Além de maçã, leva pêssego em sua composição, e é produzida de forma clássica, sem intervenções e adições de conservantes. O resultado é uma bebida leve, refrescante e seca, com baixa acidez

além de maçã, ingredientes como laranja, limão, framboesa, hortelã e manjericão. “Já fazemos sidra há quatro anos, mas as versões anteriores eram envelhecidas em barricas e levavam lúpulo, portanto muito voltadas ao público cervejeiro”, afirma Luiza Tolosa, sócia-fundadora da Dádiva. “Agora, preferimos sidras mais leves, que podem ser tomadas com gelo, como elas são consumidas na Inglaterra”, diz ela.

Não se trata de um projeto único. Outras cervejarias também lançaram rótulos de sidra, geralmente como edições especiais. Por ocupar um espaço entre a cerveja e o vinho, a bebida também vem despertando a atenção de vi-

DIVULGAÇÃO

SIDRA II
Vivente Vinhos
$ 139 reais

Conhecida pelos vinhos naturais, de baixa intervenção, a vinícola Vivente produz também uma sidra usando métodos tradicionais. O resultado é uma bebida elegante e cremosa

nícolas. É o caso da Vivente, famosa pelos produtos de baixa intervenção *(leia o quadro)*, que criou algumas versões de seu fermentado de maçã. Ou então de empresas que produzem uma variedade maior de alcoólicos, como a Companhia dos Fermentados. Além de sidras tradicionais, a empresa vem explorando as possibilidades oferecidas por outras frutas, como o cacau, a carambola e a jabuticaba. "Começamos produzindo uma versão de maçã para suprir uma necessidade pessoal de tomar uma bebida genuína, mas passamos a olhar para a maior biodiversidade do planeta e entender o que poderíamos fazer", conta Fernando Goldenstein Carvalhaes, um dos fundadores da Com-

DIVULGAÇÃO

BUBBLE FIELD
Cervejaria Dádiva
$ 20 reais

A cervejaria produz sidras há alguns anos. Nos novos rótulos, aposta na adição de frutas. Esta recebe morango e manjericão no suco de maçã fermentado, trazendo mais frescor

panhia dos Fermentados. Pela legislação brasileira, uma bebida só pode ser chamada de sidra se tiver a maçã como principal ingrediente. Na França, é comum encontrar versões à base de pera. Por isso, seus rótulos são classificados como borbulhantes, uma referência à carbonatação natural decorrente do processo de fermentação.

O mercado está aberto a inovações, com seções dedicadas às sidras em grandes lojas cervejeiras do Brasil, mas ainda há espaço para evoluir. Produzir sidra no país é tarefa difícil. Empresas que se dedicavam apenas à bebida fecharam as portas após um período curto de atuação. Mesmo no caso das cervejarias, os lotes são feitos de forma limitada, como teste da receptividade do público. Parte disso se deve principalmente à falta de variedade de matéria-prima. Nos Estados Unidos, existem rótulos feitos com cinco ou mais variedades de maçã, de um total de mais de 300 produzidas no país.

Embora o Brasil seja um dos maiores produtores de maçã no mundo, há pouca diversidade nas lavouras, que se concentram nas espécies fuji e gala. Além disso, nota-se certo preconceito com a sidra mais conhecida no mercado nacional, uma bebida doce, em geral de qualidade baixa. "As pessoas se assustam com as versões tradicionais, muito mais secas, sem aromas artificiais de maçã", diz Carvalhaes. Construir um mercado é um processo longo, mas que vem ganhando adeptos. Aqueles que se dispõem a provar as sidras brasileiras são recompensados com uma bebida complexa e refrescante. ■

INIMIGOS ÍNTIMOS

No belo *Os Banshees de Inisherin*, o inesperado fim de uma amizade serve de paralelo para a crueldade da Guerra Civil irlandesa – e espelha na tela também, com inteligência, a polarização e as dores do mundo atual

RAQUEL CARNEIRO

EX-AMIGOS Brendan Gleeson e Colin Farrell: atuações impecáveis

SEARCHLIGHT PICTURES

As opções de entretenimento na ilha de Inisherin, na Costa Oeste da Irlanda, são escassas — especialmente no ano de 1923. Como boa parte dos homens dali, Pádraic e Colm (Colin Farrell e Brendan Gleeson, respectivamente) cultivam o hábito de passar suas tardes até o anoitecer no pub local bebendo cerveja e falando amenidades. Pádraic se surpreende quando a rotina diária é quebrada por Colm: o amigo não quer mais gastar seu tempo jogando conversa fora. O termo "amigos", aliás, já não lhes cabe mais: Colm é categórico ao decidir, de forma unilateral, que a amizade acabou e é irreconciliável.

Pádraic não entende nada. Teria dito algo inconveniente que magoou o colega? Será que os dois brigaram durante uma bebedeira e, por isso, ele não se lembra? O fim da relação e as DRs sobre ela são o ponto de partida da afiada comédia dramática ***Os Banshees de Inisherin*** *(The Ban-*

AS INDICAÇÕES

FILME DO ANO

DIREÇÃO
MARTIN MCDONAGH

ATOR
COLIN FARRELL

ATOR COADJUVANTE
BRENDAN GLEESON E BARRY KEOGHAN

ATRIZ COADJUVANTE
KERRY CONDON

ROTEIRO ORIGINAL

TRILHA SONORA

MONTAGEM

shees of Inisherin; Irlanda/Reino Unido; 2022), já em cartaz nos cinemas. O desenrolar do conflito, vez por outra, é pontuado pela explosão de bombas ao longe: do outro lado do mar, a alguns quilômetros de distância, a Guerra Civil irlandesa atravessa meses sangrentos.

Filho de irlandeses, o diretor e roteirista inglês Martin McDonagh, 52 anos — do provocativo *Três Anúncios para um Crime* (2017) —, usa a ruptura da amizade, uma trama simples e cômica que aos poucos ganha contornos violentos, como paralelo para o conflito histórico — uma guerra causada por extremistas e que ainda paira como névoa tóxica sobre o país. Serve também como alfinetada inteligentíssima à animosidade advinda da polarização política — um alerta que extrapola as fronteiras de Inisherin (ilha fictícia, por sinal), alcançando nações longínquas, entre elas o Brasil.

Com a mensagem política sutil ao fundo, o filme mergulha seus personagens em um poço de dilemas existenciais. Colm diz que o ex-amigo é chato e ignorante. Logo, ficar a seu lado seria um desperdício do tempo que lhe resta — especialmente agora que a maturidade lhe bateu à porta. Pádraic, então, passa a questionar não só a própria inteligência e suas habilidades sociais básicas como põe em xeque o valor das qualidades que ele esbanja, sendo a principal delas a gentileza. Como uma gangorra, o roteiro ora leva o público a concordar com um, ora com o outro.

Enquanto Colm conquista o tempo livre desejado para compor e ensinar estudantes de música, Pádraic se afun-

JONATHAN HESSION/SEARCHLIGHT PICTURES

VOZ DA RAZÃO Kerry Condon como a sensata Siobhán: único ponto de equilíbrio em meio à hostilidade masculina

da em uma melancolia atroz — em uma interpretação primorosa de Farrell, que lhe garantiu sua primeira e merecida indicação ao Oscar. Das nove nomeações do filme, quatro estão nas mãos dos atores. Além de Farrell, concorrem à estatueta Gleeson, Barry Keoghan e Kerry Condon *(veja o quadro na pág. 81).*

Cria do teatro britânico, Kerry ganhou de presente do diretor o papel da doce Siobhán, irmã de Pádraic, e a única pessoa com um mínimo de senso em meio à hostilidade masculina. A repentina solidão do personagem de Farrell é aplacada por ela e por Dominic, o esquisitão da

JONATHAN HESSION/SEARCHLIGHT PICTURES

DESLOCADOS Farrell e Barry Keoghan: os estranhos se unem em sua solidão

ilha que todos repelem, vivido com delicadeza por Keoghan. Pádraic também conta com a companhia da adorável Jenny, sua minijumenta de estimação — que rouba a cena. O grupo enxuto se esquiva de uma presença sinistra: uma idosa que anuncia presságios fúnebres (vivida por Sheila Flitton, veterana dos palcos, de 90 anos). A anciã dá liga ao título do filme: banshees, no folclore irlandês, são entidades místicas femininas que acompanham a morte. O nome também é dado por lá às mulheres que choram em enterros — as carpideiras, em bom português.

A forte presença de estrelas do teatro é marca de McDonagh, um dramaturgo aclamado. *Os Banshees de Inisherin* é apenas seu quarto longa — o primeiro foi *Na Mira do Chefe* (2008), também com Farrell e Gleeson. Ex-funcionário público, McDonagh deixou o emprego estável para escrever peças. Em 1997, alcançou um recorde de ninguém menos do que Shakespeare: aos 27 anos, se tornou o autor mais jovem desde o bardo a ter quatro peças simultâneas em cartaz em Londres. Hoje perto dos 60, ele se vê mais em Colm que em Pádraic: vai deixar o teatro e tudo que não vale seu tempo para se dedicar ao cinema, um produto mais rápido e de maior alcance. Sobre a polarização política, ele não parece otimista. Como sugere o diálogo final do filme, os humanos são afeitos a inimizades — uma maldição que afeta até os mais íntimos. ■

MAIS QUE MÚSCULOS

Astro da luta livre, o bombado Dave Bautista sempre quis se descolar da imagem de fortão descerebrado – e prova ter conteúdo no novo thriller de M. Night Shyamalan, *Batem à Porta*

GIGANTE DO APOCALIPSE O ator e ex-lutador *(no centro)* em *Batem à Porta:* líder de um grupo de fanáticos religiosos

UNIVERSAL STUDIOS

AO ABANDONAR os ringues do WWE, show de luta livre na TV, em 2010, Dave Bautista tinha apenas um objetivo: atuar. Mas com ressalvas. Apesar do 1,93 metro de altura e 130 quilos, o americano não desejava fazer só papéis de fortão descerebrado – como Dwayne Johnson, o The Rock, que também partilha de um passado de lutador. "Só quero ser um bom ator. Um ator respeitado", já declarou o grandalhão. Com paciência, ele dispensou personagens fúteis, enfrentou dificuldades financeiras, mas hoje se vê conquistando prestígio na mesma Hollywood que sempre reservou filmes de ação rasos a ex-atletas. Prova de que merece ser levado a sério é sua atuação marcante em ***Batem à Porta*** (*Knock at the Cabin*, Estados Unidos, 2023), em cartaz nos cinemas.

No novo e eficiente suspense de M. Night Shyamalan, diretor dos cultuados *O Sexto Sentido* (1999) e *Fragmentado* (2016), Bautista é Leonard, líder de um grupo de quatro religiosos fanáticos que chegam à cabana isolada na floresta onde uma família – um casal homoafetivo e sua filha pequena — planejava passar alguns dias de descanso. O quarteto tem a missão de fazer o clã escolher um de seus integrantes para ser sacrificado, a fim de evitar um suposto apocalipse. Ao longo de quase duas horas, Bautista mergulha em diálogos densos e mal faz uso da força — ainda assim, é capaz de dar vazão a uma tensão notável.

Antes conhecido só como Batista, o astro é filho de pai filipino e mãe de origem grega, e quase se perdeu na delinquência nas ruas de Washington até ser salvo pelo fisicultu-

rismo. Após acumular seis títulos mundiais na luta livre, ele começou a fazer pontas em produções de Hollywood. Há cerca de uma década, conquistou o personagem que o projetaria mundialmente: o alienígena brutamontes Drax da saga *Guardiões da Galáxia* (2014) — que chegará a seu terceiro filme em 5 de maio. O sucesso na franquia da Marvel, porém, se converteu em incômodo. Mesmo carismático e engraçado, o herói azul não tinha profundidade, o que despertou em Dave a necessidade de se arriscar em papéis, como diz o clichê, mais "desafiadores".

O primeiro passo nessa busca se deu com o ruidoso macho alfa Duke de *Glass Onion: um Mistério Knives Out* (2022), da Netflix. Agora, *Batem à Porta* coroa seus esforços. Não é para qualquer ogro, afinal, o privilégio de protagonizar um suspense do incensado Shyamalan. "Quero que meu legado seja a lembrança de que eu podia interpretar qualquer coisa", disse Bautista na pré-estreia do filme em Nova York. Mais que músculos, o marombado ator de 54 anos pode agora ostentar suas camadas de conteúdo. ■

Kelly Miyashiro

EMBAIXADORA DO SAMBA

Com imagens raras, novo documentário resgata 800 horas de vídeos caseiros feitos por Beth Carvalho, comprovando o papel essencial da cantora na música brasileira **FELIPE BRANCO CRUZ**

RODA DE BAMBAS Beth nos anos 1970: ela gostava de ir ao quintal dos compositores

VAN KL NGEN

BETH CARVALHO (1946-2019) já era uma estrela do samba no início da década de 70, aos 20 e poucos anos, quando Cartola a chamou para mostrar algumas novas composições. Na época aos 65, o bamba andava deprimido. Apesar da longa carreira, ele nunca havia tido a oportunidade de gravar um álbum. O compositor, no entanto, era idolatrado por Beth. Ao saber que ele tinha novidades, a cantora imediatamente subiu o Morro da Mangueira para encontrá-lo — e, quem sabe, voltar de lá com uma boa canção. No violão, o sambista tocou *As Rosas Não Falam* e *O Mundo É um Moinho*, hoje dois clássicos incontornáveis da música brasileira. Lançada no álbum *Mundo Melhor* (1976), *As Rosas Não Falam* se tornaria um dos maiores sucessos da carreira de Beth e daria a Cartola, finalmente, a chance de gravar seu primeiro álbum. O registro em áudio desse momento histórico é uma das pérolas do documentário ***Andança: os Encontros e as Memórias de Beth Carvalho***, em cartaz nos cinemas. Com acesso inédito a mais de 800 fitas VHS, cassetes e fotos, o diretor Pedro Bronz e o produtor Leonardo Bruno contam a história da intérprete por meio de vídeos e áudios amadores gravados pela própria.

Boa parte desses registros foi feita por Beth Carvalho enquanto buscava novas músicas para seu repertório. Ela gostava de ouvir os compositores tocarem ao vivo nos quintais das casas ou em botecos no subúrbio do Rio — e gravava tudo. Por meio de sua *memorabilia*, confirma-se que Beth não era só uma sambista de sucesso e prestígio: ela teve o papel

VAN KLINGEN

HISTÓRIA Com Guilherme de Brito, Cavaquinho e Arlindo Cruz: aglutinadora

essencial de interconectar e projetar os criadores do gênero. Até os anos 1970, suas gravações eram feitas em fitas cassete — mais tarde substituídas por câmeras filmadoras. Com seu sorriso fácil e jeito expansivo, Beth naturalmente atraía todos para sua órbita e retribuía, levando os sambistas para seus shows e apresentando-os às gravadoras. Foi assim com Cartola, mas também com Zeca Pagodinho, Arlindo Cruz, Jorge Aragão e muitos outros — o que lhe valeu o apelido de Madrinha do Samba. "Beth baseou sua carreira em encontros. Ela não esperava o repertório chegar. Queria ver a mú-

DIVULGAÇÃO

CINEASTA Beth e Pagodinho: registros preciosos do dia a dia nos estúdios

sica viva, in loco", diz o produtor Bruno.

Em um dos registros íntimos, Beth conversa com Nelson Cavaquinho, outro gigante do samba, sobre uma nova composição. Ele, então, toca pela primeira vez *Folhas Secas* e *Juízo Final*, que também se tornariam clássicos da carreira da cantora. "Beth é uma pessoa agregadora. Ela fez amizade com os pioneiros, como Cartola e Elizeth Cardoso, com os contemporâneos, como João Nogueira e Martinho da Vila, e com a nova geração, como Zeca e Arlindo e a turma do Fundo de Quintal", diz Bruno.

O documentário é feito apenas com imagens caseiras captadas por Beth, dando a sensação de se estar assistindo àqueles filmes antigos de família. De fato, às vezes é isso mesmo que acontece: há até cenas do nascimento da filha única da cantora, Luana Carvalho, que passou a infância acompanhando a mãe nos estúdios. Ou da festa de 40 anos de Beth, no quintal da sua casa, com a presença dos maiores sambistas do país. “Fiquei em dúvida se as pessoas iriam gostar de estar dentro da minha casa, vendo a gente cantar sambas no sofá”, conta Luana. “Hoje em dia todo mundo grava tudo, mas naquela época a atitude de Beth de registrar as rodas de samba foi revolucionária”, afirma o diretor Bronz.

As lentes da cantora captam instantes de sua folclórica militância esquerdista — como o beija-mão a Fidel Castro em Havana, em 1994, acompanhada de uma comitiva que incluía Aracy Balabanian e Ney Matogrosso. Fidel pede para Beth uma cédula da então nova moeda brasileira, o real, e a autografa. “Agora a nota vai aumentar seu valor”, jacta-se o ditador cubano — provando que a cena, que sempre foi contada com ares de anedota por Beth, ocorreu de fato. O último show da cantora, no qual ela se apresentou deitada numa cama devido a problemas na coluna, em 2019, também está lá. Como prova sua maior embaixadora, o samba nunca pode parar. ■

O APRENDIZ MISTERIOSO

Na Itália, uma mostra inédita ilumina a vida e obra do jovem que foi modelo, discípulo e talvez algo mais do mestre Caravaggio **AMANDA CAPUANO**

ENIGMA *São João Batista*, de Caravaggio: a obra eternizou o modelo

NO INÍCIO do século XVII, um proeminente colecionador de arte italiano incluiu o nome "Francesco, conhecido como Cecco" em uma lista de pupilos do mestre barroco Michelangelo Merisi — o genial Caravaggio (1571-1610). Foi o primeiro registro na história da arte de uma figura que desde então desperta fascínio e especulação. Modelo e aluno do pintor italiano, Cecco foi relegado às sombras por vários séculos, até que pesquisas conduzidas pelo biógrafo Gianni Papi a partir dos anos 1990 despertaram o interesse pelo estudante misterioso. Agora, uma mostra inédita com curadoria do mesmo Papi lança luz sobre o personagem peculiar. Em cartaz até junho no museu da Accademia Carrara, na Itália, *Cecco del Caravaggio: o Aluno Modelo* reúne, pela primeira vez, dezenove das 25 obras atribuídas ao pintor, colocando-as lado a lado com trabalhos de artistas que marcaram sua carreira — incluindo duas obras célebres de Caravaggio para as quais ele serviu de modelo. "Nas pinturas de Caravaggio, ele é o Cupido Vitorioso, e com base na semelhança podemos encontrar seu rosto em outras seis criações do mestre", explicou o curador a VEJA.

Nascido muito provavelmente na cidade de Bérgamo, como Francesco Boneri (1580-1630), Cecco teve atuação enigmática no ateliê e na vida de Caravaggio. Tido como um rebelde que só criava conflitos, foi jogado para escanteio nos tratados históricos, o que colaborou para a aura nebulosa que recobre sua biografia. Talentoso e obstinado, ele não era, ao que consta, um simples aluno: em 1650, um viajante

MUSEO DEL PRADO, MADRID

CORES *Menina com Pomba,* de Cecco: talento obscuro

HISTORIC ENGLAND ARCHIVE

FORÇA *O Fabricante de Instrumento Musical:* arrojado

que passava por Roma escreveu em seu diário que Cecco era “o menino de Caravaggio”, aquele que “se deitou com ele”, indicando uma provável relação romântica entre ambos. As representações do pupilo feitas pelo mestre também apontam para uma ligação erótica: além do cupido de *Amor Vincit Omnia* e do sensual *São João Batista*, Cecco é descrito como sendo o Davi da estupenda *Davi com a Cabeça de Golias*, em que surge segurando a cabeça decapitada do gigante — a qual é um autorretrato do próprio Caravaggio. Para deixar a história ainda mais dramática, é possível que Cecco tenha seguido Caravaggio em sua fuga após o assassinato do procurador e mercenário Ranuccio Tomassoni, morto num duelo causado por desavenças de jogo em 1606.

JUNTOS A pintura famosa de Caravaggio: Davi é Cecco – e Golias, o próprio pintor

Para além das peripécias juvenis, Cecco é reconhecido como um artista valoroso. O historiador Roberto Longhi (1890-1970) chegou a descrevê-lo como "uma das figuras mais notáveis do caravaggismo nortista", em referência ao Norte da Itália, celeiro de pintores renascentistas e barrocos. Além de Caravaggio, a arte de Cecco bebe da pintura de Giovanni Gerolamo Savoldo (1490-c.1548), artista nascido em Brescia, cidade vizinha a Bérgamo. Com a união das duas influências, Cecco forjou uma identidade marcada pelo naturalismo exagerado, definição de detalhes e contornos. "É uma arte precursora do hiper-realismo, caracterizada também por uma iconografia arrojada e inconformista e por imagens ambíguas", analisa Papi.

Entre as dezenove obras de Cecco estão peças essenciais para a reconstrução de seu legado, como *Purificação do Templo* (1613-1615), chave na identificação de pinturas atribuídas a ele. A mostra ainda reúne 23 obras de artistas que o inspiraram ou foram inspirados por ele, vindas de diferentes museus. "É uma chance de aproximá-lo de um público mais amplo", diz Papi. O mestre se orgulharia de seu misterioso pupilo. ■

APPLE TV+

TELEVISÃO

QUERIDO EDWARD

(disponível na Apple TV+)

Um acidente de avião ceifa dezenas de vidas, mas deixa um sobrevivente: Edward (Colin O'Brien), de 12 anos, o caçula de uma família de quatro pessoas que se mudava de Nova York para Los Angeles. Sem os pais e o irmão, mortos no desastre, o adolescente volta para a cidade de origem, onde é obrigado a viver com a tia Lacey (Taylor Schilling, de

SUPERAÇÃO Edward (Colin O'Brien) e Lacey (Taylor Schilling): sobrinho e tia numa jornada de luto coletivo

Orange Is the New Black) e seu marido — e vira o centro das atenções por ser considerado um milagre. Na série com três dos dez capítulos já disponíveis (os próximos vão ao ar semanalmente), a história do jovem se entrelaça com as de outras pessoas que também enfrentam o difícil processo de luto, descobrem segredos dos entes perdidos e criam novos laços de amizade e romance. Unidos num grupo de apoio, os personagens vivem uma jornada de superação que vai da dor à esperança.

RISE FILMS

DOCUMENTÁRIO A ave e seu salvador: filme ecológico leva Índia ao Oscar

ALL THAT BREATHES

(Reino Unido/ Índia/Estados Unidos; 2022. Estreia na terça-feira 7, na HBO Max)

Na adolescência, dois irmãos de Nova Delhi, na Índia, encontraram uma ave de rapina ferida. Uma clínica especializada recusou o bicho por ser uma espécie carnívora. Eles, então, cuidaram do pássaro, um milhafre-preto, da família dos gaviões. Anos depois, a dupla mantém em casa um hospital improvisado para cuidar da espécie. O trabalho fica mais complexo numa Índia em crise econômica — e, sobretudo, com o aumento da poluição e as mudanças climáticas, que fazem crescer o número de "pacientes". O documentário ecológico do diretor Shaunak Sen é um dos favoritos ao Oscar.

DISCO

PHOENIX,

de Lakecia Benjamin (disponível nas plataformas de streaming)

Talento do jazz contemporâneo, a saxofonista nova-iorquina Lakecia Benjamin, 38 anos, sofreu em 2021 um grave acidente de carro, no qual perfurou um tímpano e quebrou sua mandíbula. Parecia o fim da carreira, mas três semanas depois ela já estava em turnê na Europa. Com o sugestivo título de *Phoenix*, seu excepcional novo álbum celebra a recuperação da artista. Em *Trane*, ela oferece uma refinada levada de sax. Já em *Rebirth*, diminui o ritmo de sua performance para contemplar a vida. ■

FICÇÃO

1. **É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [1 | 13] GALERA RECORD

2. **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [2 | 75#] GALERA RECORD

3. **DAISY JONES AND THE SIX**
Taylor Jenkins Reid [0 | 16#] PARALELA

4. **A MANDÍBULA DE CAIM**
Edward Powys Mathers (Torquemada) [3 | 5] INTRÍNSECA

5. **TORTO ARADO**
Itamar Vieira Junior [7 | 90#] TODAVIA

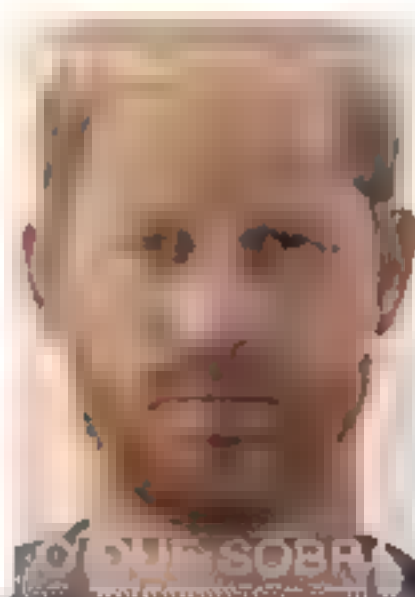
6. **TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES**
Colleen Hoover [5 | 58#] GALERA RECORD

7. **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO**
Taylor Jenkins Reid [0 | 88#] PARALELA

8. **VERITY**
Colleen Hoover [6 | 41#] GALERA RECORD

9. **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS**
George Orwell [8 | 212#] VÁRIAS EDITORAS

10. **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [4 | 23#] BERTRAND BRASIL

NÃO FICÇÃO

1. **O QUE SOBRA**
Príncipe Harry [1 | 3] OBJETIVA

2. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
Clarissa Pinkola Estés [2 | 141#] ROCCO

3. **O REI DOS DIVIDENDOS**
Luiz Barsi Filho [3 | 6] SEXTANTE

4. **TODO DIA A MESMA NOITE**
Daniela Arbex [0 | 2#] INTRÍNSECA

5. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
Yuval Noah Harari [4 | 307#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS

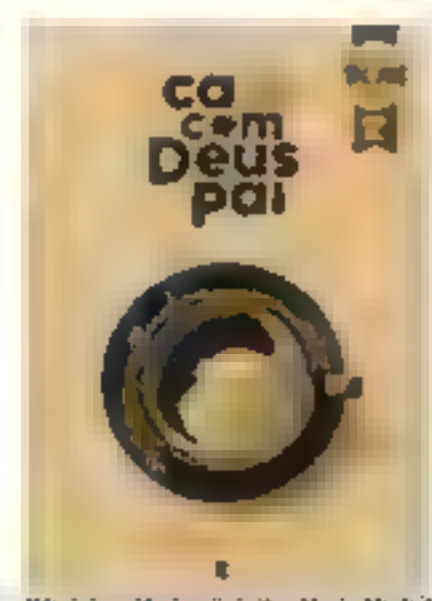
6. **EM BUSCA DE MIM**
Viola Davis [0 | 23#] BEST SELLER

7. **QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA** Carolina Maria de Jesus [8 | 36#] ÁTICA

8. **MENTES PERIGOSAS**
Ana Beatriz Barbosa Silva [7 | 137#] PRINCIPIUM

9. **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA**
Djamila Ribeiro [5 | 113#] COMPANHIA DAS LETRAS

10. **A QUEDA DO CÉU**
Davi Kopenawa [0 | 1] COMPANHIA DAS LETRAS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **CAFÉ COM DEUS PAI**
   Junior Rostirola [1 | 4] VIDA
2. **DO MIL AO MILHÃO**
   Thiago Nigro [9 | 177#] HARPERCOLLINS BRASIL
3. **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
   T. Harv Eker [3 | 402#] SEXTANTE
4. **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
   Napoleon Hill [2 | 192#] CITADEL
5. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
   George S. Clason [4 | 111#] HARPERCOLLINS BRASIL
6. **PAI RICO, PAI POBRE**
   Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [5 | 105#] ALTA BOOKS
7. **AS ARMAS DA PERSUASÃO**
   Robert Cialdini [0 | 1] SEXTANTE
8. **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS**
   Dale Carnegie [8 | 73#] SEXTANTE
9. **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
   Morgan Housel [0 | 1] HARPERCOLLINS BRASIL
10. **ESPECIALISTA EM PESSOAS**
    Tiago Brunet [6 | 27#] ACADEMIA

INFANTOJUVENIL

1. **ATÉ O VERÃO TERMINAR**
Colleen Hoover [2 | 49#] GALERA RECORD

2. **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [4 | 358#] VÁRIAS EDITORAS

3. **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL**
Casey McQuiston [3 | 90#] SEGUINTE

4. **O MENINO, A TOUPEIRA, A RAPOSA E O CAVALO**
Charlie Mackesy [0 | 1] SEXTANTE

5. **EU E ESSE MEU CORAÇÃO**
C.C. Hunter [5 | 17#] JANGADA

6. **NOVEMBRO, 9**
Colleen Hoover [7 | 40#] GALERA RECORD

7. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [8 | 374#] ROCCO

8. **MANUAL DE ASSASSINATO PARA BOAS GAROTAS – VOL. 1** Holly Jackson [9 | 7#] INTRÍNSECA

9. **EXTRAORDINÁRIO**
R.J. Palacio [0 | 120#] INTRÍNSECA

10. **A DROGA DA OBEDIÊNCIA**
Pedro Bandeira [0 | 2#] MODERNA

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **BookInfo** / Fontes: **Aracaju**: Escariz, Saraiva, **Balneário Camboriú**: Curitiba, **Barra Bonita**: Real Peruíbe, **Barueri**: Saraiva, **Belém**: Leitura, Saraiva, SBS, **Belo Horizonte**: Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves**: Santos, **Betim**: Leitura, **Blumenau**: Curitiba, **Brasília**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo**: Leitura, **Cachoeirinha**: Santos, **Campina Grande**: Leitura, **Campinas**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Saber e Ler, Vozes, **Campo Grande**: Leitura, Saraiva, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas**: Santos, **Capão da Canoa**: Santos, **Caruaru**: Leitura, **Cascavel**: A Página, **Caxias do Sul**: Saraiva, **Colombo**: A Página, **Confins**: Leitura, **Contagem**: Leitura, **Cotia**: Prime, Um Livro, **Criciúma**: Curitiba, **Cuiabá**: Saraiva, Vozes, **Curitiba**: A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis**: Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza**: Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu**: A Página, Kunda Livraria Universitária, **Franca**: Saraiva, **Frederico Westphalen**: Vitrola, **Goiânia**: Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, **Governador Valadares**: Leitura, **Gramado**: Mania de Ler, **Guaíba**: Santos, **Guarapuava**: A Página, **Guarulhos**: Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS, **Ipatinga**: Leitura, **Itajaí**: Curitiba, **Jaú**: Casa Vamos Ler, **João Pessoa**: Leitura, Saraiva, **Joinville**: A Página, Curitiba, **Juiz de Fora**: Leitura, Saraiva, Vozes, **Jundiaí**: Leitura, Saraiva, **Limeira**: Livruz, **Lins**: Koinonia Livros, **Londrina**: A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá**: Leitura, **Maceió**: Leitura, Saraiva, **Maringá**: Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal**: Leitura, Saraiva, **Niterói**: Blooks, Saraiva, **Nova Iguaçu**: Saraiva, **Palmas**: Leitura, **Paranaguá**: A Página, **Pelotas**: Vanguarda, **Petrópolis**: Vozes, **Olinda**: Saraiva, **Osasco**: Saraiva, **Poços de Caldas**: Livruz, **Ponta Grossa**: Curitiba, **Porto Alegre**: A Página, Cameron, Cultura, Disal, Leitura, Santos, Saraiva, SBS, **Porto Velho**: Leitura, **Recife**: Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, Saraiva, **Rio Claro**: Livruz, **Rio de Janeiro**: Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, **Rio Grande**: Vanguarda, **Salvador**: Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, **Santa Maria**: Santos, **Santana de Parnaíba**: Leitura, **Santo André**: Disal, Leitura, Saraiva, **Santos**: Loyola, Saraiva, **São Bernardo do Campo:** Leitura, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti**: Leitura, **São José**: A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto**: Leitura, Saraiva, **São José dos Campos**: Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais**: Curitiba, **São Luís**: Leitura, **São Paulo**: A Página, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Drummond, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra**: Leitura, **Sete Lagoas**: Leitura, **Sorocaba**: Saraiva, **Taboão da Serra**: Curitiba, **Taguatinga**: Leitura, **Taubaté**: Leitura, **Teresina**: Leitura, **Uberlândia**: Leitura, Saraiva, SBS, **Umuarama**: A Página, **Votorantim**: Saraiva, **Vila Velha**: Leitura, Saraiva, **Vitória**: Leitura, SBS, **Vitória da Conquista**: LDM, **Internet**: A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

JOSÉ CASADO

PURO VENENO

UMA INSURREIÇÃO estimulada, coordenada e financiada com intenção golpista. E uma crise humanitária com múltiplos indícios de crimes de genocídio, contra a humanidade e o meio ambiente. Isso aconteceu no Brasil, nas últimas três semanas de janeiro.

Quem quiser pode acreditar que tudo não passou de acaso — é legítimo. Está visível, porém, o excesso de coincidências e o histórico de sincronicidades.

Não houve improviso, e a mensagem embutida sobre a realidade é puro veneno: muita coisa está fora de ordem no sistema político nacional.

A falência múltipla de órgãos de Estado foi determinante na invasão do Palácio do Planalto, do Congresso e do Supremo Tribunal Federal. Foi decisiva, também, para o aumento (cerca de 30%) das mortes por fome e doenças evitáveis entre os ianomâmis de Roraima, sitiados no avanço do garimpo ilegal de ouro e cassiterita (fonte do estanho), que se ampara na coalizão de interesses regionais com os do crime organizado em expansão na Amazônia.

Jair Bolsonaro, filhos parlamentares, aliados civis e militares passaram os últimos 48 meses instigando debate so-

bre golpe nas ruas, nas empresas, no governo e no Congresso. Banalizaram o discurso de violência, as propostas ilegais e inconstitucionais.

Fomentaram a tragicomédia de 8 de janeiro em Brasília, cuja melhor tradução está numa alegoria de bolso — a minuta de decreto de "estado de defesa" na Justiça Eleitoral para transformar o derrotado Bolsonaro em vencedor nas urnas de outubro. Um exemplar estava com o ex-ministro da Justiça Anderson Torres, agora preso por conspiração, mas existiam cópias "na casa de todo mundo", confessou Valdemar Costa Neto, presidente do Partido Liberal, o maior do Congresso, que abriga e remunera Bolsonaro com recursos públicos (via Fundo Partidário).

Avançou-se na liquefação política nacional, evidente desde os protestos de 2013, com a renovação de relações perigosas entre governo e Congresso, balizadas por verbas secretas, permissividade legislativa e permanente contemporização.

Meses atrás, por exemplo, um deputado condenado a oito anos de prisão e à perda do mandato por crimes constitucionais acabou empossado na Comissão de Constituição e Justiça. No prédio ao lado, um grupo de senadores promoveu audiência pública de escracho institucional, com o Supremo Tribunal Federal no alvo central.

Nessa mesma época, a quase 3 000 quilômetros de distância de Brasília, o governador de Roraima, Antonio Denarium (PP), liderou a aprovação, em tempo recorde, de lei estadual incentivando a multiplicação das frentes de

“A contaminação da impunidade pode ser devastadora na política”

garimpo ilegal na terra dos ianomâmis, que ele considera “bichos” do mato.

Entorpecidos em lucros financeiros com a alta nos preços do ouro (315 000 reais o quilo) e do estanho (275 000 a tonelada), nos últimos cinco anos, Denarium e aliados restringiram a fiscalização e proibiram a destruição de equipamentos já interditados (dragas e aviões).

Misteriosamente, três dezenas de aviões apreendidos voltaram às rotas de abastecimento. Enquanto isso, um helicóptero venezuelano, camuflado, invadia o espaço aéreo e depositava corpos de garimpeiros brasileiros em Iracema, próximo à reserva indígena.

No Planalto, no Congresso e nas Forças Armadas prevaleceu o silêncio eloquente sobre a tragédia humanitária em andamento, similar ao mantido sobre os acampamentos de bolsonaristas radicais nas portas dos quartéis, em mais de 150 cidades, até o ataque às instituições no domingo 8 de janeiro.

Bolsonaro comandou a etapa mais recente dessa convergência para o vale-tudo, segundo dezena e meia de processos judiciais. Refugiado no exterior, insufla seguidores com uma recalibragem do fracasso: "Vamos mudar o destino do Brasil, podem ter certeza, em pouco tempo teremos notícias", disse na semana passada. Assiste ao prenúncio de punições num reordenamento institucional que, aparentemente, vai ter baixa tolerância a acordos de impunidade, como a anistia ampla, geral e irrestrita já encaminhada no Congresso.

O excesso de provas e o rito simplificado da Justiça Eleitoral tornam previsível a primeira condenação de Bolsonaro e de alguns dos seus ministros no segundo trimestre. Se confirmada, ele ficaria impedido de disputar eleições como a da prefeitura do Rio no ano que vem ou da Presidência da República em 2026.

Assim como o mercúrio do garimpo na cadeia alimentar dos ianomâmis, a contaminação da impunidade política pode ser devastadora para a sociedade que se acha civilizada. ■